Doce Tóquio

"Simplesmente delicioso."
The Guardian

"Uma soberba
declaração de amor
aos nossos cinco sentidos."
Elle



Durian Sukegawa

O FENÓMENO JAPONÊS
QUE ESTÁ A CONQUISTAR O MUNDO

ASA

Table of Contents

Ficha Técnica

Tradução

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Nota do Autor

Ficha Técnica

Título: DOCE TÓQUIO
Título original: AN
Autor: Durian Sukegawa
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Isabel Veríssimo
Traduzido a partir da edição inglesa (SWEET BEAN PASTE)
Tradução do japonês por Alison Watts.
Revisão: Ana Marta Ramos
Capa: James Jones
Adaptação da capa: Maria Manuel Lacerda
Ilustração da capa: Pietari Posti
ISBN: 9789892353579

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2013, 2015, Durian Sukegawa
© 2022, Edições ASA II, S.A.

Publicado originalmente no Japão em 2013 por Poplar Publishing Co., Ltd.
Edição revista publicada em 2015 por Poplar Publishing Co., Ltd.

Publicado originalmente na América do Norte, Grã-Bretanha e Austrália por Oneworld Publications, 2017. Direitos de tradução para o inglês por acordo com Poplar Publishing Co., Ltd., através da Japan UNI Agency, Inc. e da Vicki Satlow Literary Agency Società Cooperativa.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

O direito de Durian Sukegawa de ser identificado como autor da obra foi estabelecido por ele em conformidade com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.
Este romance é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e descrições de acontecimentos são produto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com pessoas e lugares reais é mera coincidência.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Durian Sukegawa

DOCE TÓQUIO

Tradução
Isabel Veríssimo

1

Uma brisa com um aroma adocicado soprava na Rua das Cerejeiras.

Sentarô passava os dias inclinado sobre uma chapa quente no interior da loja Doraharu, a confecionar panquecas para os seus *dorayaki.* A Rua das Cerejeiras era uma degradada rua comercial numa zona desertificada da cidade, uma rua mais digna de nota pelas lojas vazias do que pelas cerejeiras esparsamente plantadas nos passeios. Contudo, naquele dia, talvez por as árvores se encontrarem em plena floração, viam-se mais pessoas do que era habitual.

Sentarô levantou a cabeça e reparou numa senhora idosa com um chapéu branco na cabeça que estava parada no passeio, mas voltou a concentrar-se na tigela de massa que estava a mexer. Supôs que ela estaria a contemplar a ondeante nuvem de flores da cerejeira que crescia diante da porta da loja. Porém, quando olhou de novo, a senhora continuava no mesmo sítio. E não eram as flores que parecia estar a observar, mas o próprio Sentarô. Ele cumprimentou-a maquinalmente com um aceno de cabeça. A velhota esboçou um sorriso acanhado e aproximou-se com pequenos passos arrastados.

Sentarô reconheceu-a. Ela estivera na loja alguns dias antes.

— Em relação a isto — começou ela, levantando a mão num gesto lento e deliberado para o cartaz de «Empregado Precisa-se» que estava colado na janela. — É *mesmo* verdade que «não há limite de idade»?

Sentarô interrompeu o que estava a fazer. Reparou que os dedos da mulher estavam curvados como ganchos.

— Tem alguém em mente? Um dos seus netos, talvez?

A mulher piscou um olho. Uma suave rabanada de vento abanou a árvore, soltando pétalas que entraram pela janela aberta e caíram na chapa.

— Hmm... — Ela inclinou-se para a frente. — Será que posso candidatar-me?

— Como?

Ela apontou para si mesma.

— Posso candidatar-me? Sempre quis fazer este trabalho.

Sentarô não conseguiu conter uma risada.

— Posso perguntar-lhe quantos anos tem?

— Setenta e seis.

Como poderia despachá-la sem a magoar? Sentarô raspou a espátula na borda da tigela enquanto tentava encontrar as palavras certas.

— Bem... o salário não é grande coisa. Só consigo pagar seiscentos ienes por hora.

— Como? O que disse? — A mulher pôs a mão em concha à volta da orelha.

Sentarô inclinou-se para a frente, como fazia como entregava *dorayaki* a crianças e a clientes idosos.

— Disse que o salário não é grande coisa. Agradeço a disponibilidade, mas não sei bem. Na sua idade...

— Oh, está a referir-se ao salário. — Ela passou os dedos deformados pelas palavras do anúncio. — Trabalho por metade. Trezentos ienes.

— Trezentos ienes?

Os olhos da mulher franziram-se num sorriso por baixo da aba do chapéu.

— Ah, acho que... não, infelizmente não será possível. Espero que compreenda.

— Chamo-me Tokue Yoshii.

— Como? — Sentarô pensou que ela devia ser um pouco surda e tinha percebido mal. Abanou a cabeça para reforçar a recusa. — Lamento muito.

— Oh? — Tokue Yoshii olhou para Sentarô e ele reparou que os seus olhos tinham formatos diferentes e que um lado do rosto parecia paralisado.

— É um trabalho pesado, percebe? Seria um pouco...

Tokue abriu a boca como se estivesse a preparar-se para inspirar fundo, e depois, de repente, apontou para trás.

— Quem plantou aquelas cerejeiras?

— Como?

— As cerejeiras — repetiu ela, voltando-se para as flores. — Quem as plantou?

Sentarô olhou para as cerejeiras, que estavam no auge da floração.

— Como assim, quem?

— *Alguém* deve tê-las plantado.

— Lamento, mas não sei. Não cresci aqui.

Tokue parecia querer acrescentar mais alguma coisa, mas ao ver Sentarô pegar na espátula de borracha disse apenas:

— Voltarei.

Afastou-se na direção oposta à estação ferroviária com um andar desajeitado e rígido. Sentarô baixou a cabeça e continuou a misturar a massa das panquecas.

2

A Doraharu estava aberta todos os dias, o ano inteiro. Todas as manhãs, às onze horas, Sentarô subia a grade metálica e abria a loja. Normalmente, punha o avental apenas duas horas antes da abertura para começar a preparar a massa das panquecas e a pasta doce de feijão vermelho para os *dorayaki*. A maioria dos pasteleiros demorava mais tempo, mas as coisas eram feitas de uma forma diferente na Doraharu.

Depois de beber uma lata de café, como fazia todas as manhãs, Sentarô empurrou com o pé para dentro da cozinha o caixote de cartão que tinha sido deixado no passeio. Continha uma encomenda de *tsubuan*, uma grumosa pasta de feijão doce que usava no recheio dos seus *dorayaki*. O falecido patrão comprava sempre pasta de feijão doce pronta a usar e Sentarô limitara-se a continuar aquela prática. Um prestável grossista entregava regularmente caixas de cinco quilos do preparado.

Sentarô retirou um recipiente de plástico do caixote e começou a misturar o seu conteúdo com a pasta de feijão que sobrara da véspera. O funcionamento da Doraharu dependia muito do facto de a pasta de feijão poder ser refrigerada durante breves períodos sem grande perda de aroma ou qualidade. Muito embora não fosse ilegal reciclar o recheio daquela forma, não era propriamente o procedimento padrão da maioria dos pasteleiros.

Contudo, era assim que as coisas eram feitas na Doraharu. Sem grandes lucros, o dinheiro mal dava para manter a pastelaria aberta. Sentarô nunca vendia um número suficiente de *dorayaki* para gastar uma embalagem inteira de pasta de feijão num dia; havia sempre sobras. Todas as manhãs, misturava a pasta de feijão que ficara do dia anterior com um novo lote até ser toda usada.

Depois de misturar a pasta de feijão, começava a preparar a massa das panquecas. A massa também podia ser comprada pronta a usar a grossistas, mas era cara e ele preferia prepará-la. Colocava todos os ingredientes numa tigela, misturava-os e ligava o gás para aquecer a chapa. Em seguida, deitava cuidadosamente colheradas de massa na superfície quente com a

colher em forma de gongo que dava o nome aos *dorayaki: dora* de gongo e *yaki* de grelhado. Quando as pequenas e fofas panquecas estavam prontas, dispunha-as em filas numa vitrine aquecida para que se mantivessem quentes. E estava na hora de abrir. Sentarô suspirava e subia a grade metálica a partir do interior com uma expressão apática.

***

Sentarô estava sentado na cozinha da Doraharu a comer um almoço comprado na loja de conveniência quando viu um chapéu branco aparecer do outro lado da janela.

— A velhota — murmurou.

Ela estava a sorrir-lhe e Sentarô sentiu-se obrigado a levantar-se.

— Ehh... olá de novo.

— Olá.

— Posso ajudá-la?

Tokue tirou um papel da mala.

— É assim que escrevo o meu nome.

— Huh? — Sentarô olhou para o papel. O nome estava escrito em tinta azul, num estilo muito característico em que todas as pinceladas formavam um ondulado floreado.

— Lamento — disse ele —, mas continua a não poder trabalhar aqui. — Empurrou o papel na direção dela.

Tokue começou a pegar nele, mas pareceu mudar de ideia e recuou delicadamente a mão.

— Como pode ver, tenho alguma dificuldade com os dedos, por isso não me importo de trabalhar por menos do que disse da última vez. Bastam duzentos ienes.

— Para quê?

— O meu pagamento à hora.

— A questão não é essa.

Sentarô repetiu o que lhe tinha dito antes sobre não poder contratá-la. Tokue limitou-se a olhá-lo, como na vez anterior. Ele afastou-se do balcão e

esticou a mão para a vitrine aquecida para pegar num *dorayaki.* Se lhe oferecesse um, talvez ela se fosse embora.

— É o senhor que faz a pasta de feijão? — perguntou Tokue de repente, como se lhe tivesse lido o pensamento.

— Ah, isso é... isso é um segredo do ofício — respondeu Sentarô, com a maça de Adão a subir e descer nervosamente.

Teria ela visto alguma coisa? Olhou por cima do ombro. A embalagem de pasta de feijão doce estava à vista de todos na bancada da cozinha ao lado do seu almoço, sem tampa e ainda por cima com uma colher enfiada no interior. Sentarô moveu-se para o lado, para que Tokue não conseguisse ver.

— Um dia destes comi um dos seus *dorayaki.* Achei que a panqueca não era má, mas a pasta de feijão, bem...

— A pasta de feijão?

— Sim. Não consegui perceber quais eram as emoções da pessoa que a fez.

— Não conseguiu? Que estranho. — Sentarô fez uma careta, como se quisesse mostrar que era lamentável, embora soubesse muito bem que a sua pasta de feijão não poderia revelar emoções.

— Faltava-lhe alguma coisa...

— Como sabe, é muito difícil fazer pasta de feijão. Escute, avozinha... hmm... minha senhora. Alguma vez experimentou fazer?

— É claro que sim. Faço pasta de feijão há cinquenta anos.

Sentarô quase deixou cair o *dorayaki* que se preparava para colocar num saco de papel.

— Cinquenta anos?

— Sim, meio século. É preciso ter sensibilidade para fazer pasta de feijão, meu jovem.

— Oh. Sensibilidade. Pois — disse Sentarô enquanto empurrava o saco com o *dorayaki* na direção de Tokue. Durante um fugaz momento, sentiu-se como se estivesse a ser fustigado por uma repentina rabanada de vento.

— Mas... — Hesitou. — Lamento. Mesmo assim, não posso contratá-la.

— A sério?

— Lamento. As coisas são como são.

Tokue fitou-o com os olhos de formatos diferentes e tirou um porta-moedas de pano da mala.

— Não precisa de pagar — afirmou Sentarô. — É oferta da casa.

— Porquê? Custa cento e quarenta ienes, não é? — Remexeu no porta-moedas à procura do dinheiro. Demorou algum tempo a encontrar uma moeda de cem ienes e quatro moedas de dez ienes e alinhá-las no estreito balcão atrás da janela. Todos os dedos eram ligeiramente tortos e o polegar estava inclinado para trás. — Jovem...

— Sim?

Tokue remexeu de novo na mala.

— Experimente isto — disse, pegando numa embalagem hermética redonda dentro de um saco de plástico. Através do plástico transparente, Sentarô percebeu que continha uma substância escura.

— O que é? — Quando pegou na embalagem, Tokue começou a afastar-se do balcão. — É pasta de feijão?

Mas ela já se tinha ido embora e só se virou para aquiescer rapidamente antes de desaparecer na esquina.

3

Nessa noite, Sentarô foi beber um copo. Escolheu um restaurante no centro da cidade e pediu saqué quente com um pequeno acompanhamento de tempura e *noodles* de trigo sarraceno em caldo quente. Enquanto comia e bebericava o saqué, pensou nos acontecimentos desse dia.

Após a partida de Tokue, tinha deitado a caixa hermética para o caixote do lixo. Sentira-se mal, mas não queria provar aquilo. Contudo, via-a sempre que levantava a tampa do caixote e acabara por pegar nela. Provaria um pouco, apenas uma colherada para ficar bem com a sua consciência, e depois esqueceria o assunto. Mas aquela colherada fê-lo soltar uma exclamação de espanto.

Nunca provara nada como a pasta de feijão de Tokue. Tinha um aroma complexo e uma doçura que fez despertar todos os seus sentidos. A substância que ele comprava em embalagens de plástico não era comparável.

«Cinquenta anos...», pensou, levando de novo o copo de saqué aos lábios e recordando o sabor que o tinha tão inesperadamente colado ao chão. «Quando eu nasci, ela já fazia pasta de feijão.»

Olhou para a ementa que estava colada na parede do restaurante. Era escrita à mão pelo próprio *chef e* sempre que via aquela cuidada caligrafia recordava-se da mãe.

«Aquela velhota teria mais ou menos a idade da minha mãe.» Recordou a franzina mãe sentada a uma mesa baixa, com os ombros inclinados, enquanto escrevia com destreza no papel de carta que tinha à sua frente.

Em circunstâncias normais, Sentarô interrompia as lembranças naquele ponto. Esforçava-se para não pensar na mãe que morrera há muito tempo e no pai que não via há uma década. No entanto, naquela noite não conseguiu afastar as lembranças. A imagem da mãe, que o ensinara a ler e a escrever quando era pequeno, recusava-se a desaparecer do seu pensamento.

«Oh, raios.» Sentarô soltou um suspiro impregnado de saqué. Quando saíra da prisão, a mãe já não estava neste mundo.

Pensou que o futuro era imprevisível. Bastava ver o caminho que seguira, em vez de se tornar o escritor que sonhava ser. E como passara todos os dias, nos últimos anos, diante de uma chapa a confecionar *dorayaki*. Nunca se imaginara a fazer tal coisa.

Encheu o copo com mais saqué e engoliu a forte bebida alcoólica de uma vez, como para fazer desaparecer um amargor que se acumulara na boca.

Recordava a mãe como uma mulher de voz doce, mas perturbada por ansiedades latentes que não conseguia esconder. Havia as violentas disputas com o pai e as discussões com familiares que a faziam chorar e gritar. Quando era pequeno, Sentarô assustava-se com aquelas explosões e era por isso que desejava que houvesse sempre bolo na mesa. A mãe gostava de doces e, sempre que tinham as doçarias de que gostava, como bolinhos *manju* ou bolo, ela ficava bem-disposta e ele também se sentia em paz. Adorava a mãe quando ela sorria e lhe dizia, «Não é delicioso, Sen?»

Pensou mais uma vez na maravilhosa pasta de feijão de Tokue Yoshii. Tentou imaginar a expressão da mãe a prová-la, se ainda fosse viva. O que teria dito?

Aquele pensamento levou a outro. Talvez houvesse pessoas que também gostassem. E, pensou com os seus botões, pagaria apenas duzentos ienes por hora. A velhota estaria mesmo a falar a sério? Se se contentasse com esse salário, talvez pudesse contratá-la.

Sentarô refletiu sobre aquela possibilidade.

Não tinha afixado o anúncio na janela por ter tanto trabalho que necessitava de ajuda. Só queria companhia. Os *dorayaki* não eram grandes conversadores.

A velhota aceitaria mesmo duzentos ienes por hora?

Fez as contas, com o cérebro confuso pelo álcool. Se pagasse a Tokue Yoshii a quantia que ela propusera, seria quase como ter trabalho escravo. E ainda por cima teria aquela fantástica pasta de feijão doce! Depois, se as vendas subissem em resultado disso, poderia aumentar os pagamentos mensais das dívidas e antecipar a libertação daquele trabalho árduo.

Mas — e naquele momento a mão que segurava o copo de saqué hesitou no ar — não conseguia deixar de se sentir incomodado com os dedos da velhota. Viu-os na sua mente. Se os clientes reparassem neles, com toda a certeza deixariam de aparecer.

E depois teve outra ideia: poderia pô-la apenas a confecionar a pasta de feijão doce. Acenou com a cabeça para si mesmo. Sim, era isso — ela poderia ficar na cozinha a confecionar a pasta de feijão. Entretanto, tentaria descobrir o segredo. De qualquer maneira, com aquela idade, era provável que ela se cansasse e deixasse de trabalhar em breve.

— Isso mesmo, os clientes não têm de a ver — balbuciou em voz alta.

O proprietário do restaurante, que conversava com um cliente noutra mesa, olhou para ele e semicerrou os olhos com uma expressão intrigada. Sentarô encolheu os ombros e levantou a garrafa em resposta.

— Mais uma — disse.

4

Passados alguns dias, Sentarô levantou os olhos da chapa e viu a velhota de chapéu branco parada à sombra da cerejeira. Olhava-o com um sorriso.

— Olá. — Sentarô foi o primeiro a falar.

O sorriso de Tokue alargou-se e os dentes ficaram visíveis. Ela aproximou-se com passos pouco firmes e desajeitados.

— A cerejeira já não tem flores.

— É verdade. — Sentarô também levantou a cabeça e olhou para a árvore.

— É um bom momento para contemplar as folhas.

— Contemplar as folhas?

— Sim. É a altura em que elas estão mais bonitas. Olhe para ali.

Sentarô olhou para onde Tokue apontava e viu rebentos de novas folhas nas ondulantes copas das árvores.

— Está a ver? Elas estão a acenar-lhe com as mãos.

Agora que Tokue falava, havia algumas semelhanças, pensou Sentarô. As folhas sobrepostas a moverem-se de um lado para o outro pareciam crianças de mãos dadas, a balançá-las como se fossem ondas. Concordou com um murmúrio e voltou-se de novo para ela.

— Hmm, quero dizer...

— Sim?

— Aquela pasta de feijão que me deu era deliciosa.

— Ah, então provou-a.

— Sim. E quero perguntar-lhe se gostaria de vir dar-me uma ajuda na loja.

Tokue pareceu intrigada.

— O quê?

— Pode preparar aquela pasta de feijão aqui?

Tokue olhou-o com a boca entreaberta.

— Sim... A sério?

— Vai fazer apenas a pasta de feijão. Não preciso de ajuda com os clientes.

— Oh?

Seguiu-se um silêncio incómodo enquanto Tokue o olhava fixamente. Sentarô convidou-a para entrar e sentar-se ao balcão interior. Ela entrou, sentou-se numa cadeira e tirou o chapéu. O escalpe era visível sob o cabelo branco.

— Consegue pegar nas panelas? São muito pesadas. É preciso ter força para fazer pasta de feijão.

— O senhor poderá pegar nelas por mim.

— Sim, suponho que sim — concordou Sentarô distraído, a olhar para as mãos de Tokue. Ela entrelaçara-as para esconder os dedos deformados. — Consegue segurar bem numa colher de pau?

— Sim.

— Desculpe a pergunta, mas o que lhe aconteceu às mãos?

— Ah, as minhas mãos.

Sentarô reparou que estavam muito apertadas.

— Tive uma doença quando era jovem e é um efeito colateral. Sei que não são bonitas, mas creio que não serão um problema.

— Bem, é por isso que só lhe peço que confecione a pasta de feijão. Não terá de fazer mais nada.

— Mas posso trabalhar aqui, não posso? — Tokue olhou para ele e sorriu. O movimento esticou a pele da bochecha direita, como se houvesse um cartão duro escondido por baixo. Sentarô perguntou a si mesmo se seria por isso que os olhos pareciam ter formatos diferentes.

— Pode, sim. Como devo tratá-la? Por senhora... menina...

— Tokue está muito bem. E como se chama, meu jovem?

— Sentarô Tsujii.

— Sentarô Tsujii? É bonito. Parece o nome de um ator.

— Ah, não diga isso. Não é nada especial...

Tokue pediu-lhe para escrever os caracteres do seu nome num papel.

— E como devo tratá-lo?

— Pode tratar-me por Sentarô.

— Muito bem, Sentarô. A pasta de feijão é feita aqui?

— Bom... enfim... — De repente, ficou sem palavras. Não sabia o que dizer. — Bem, para dizer a verdade, não fica bem quando a faço. Por vezes, cheira a queimado.

— Hmm, sim, estou a perceber — replicou Tokue, a olhar para as panelas e para o fogão com uma expressão que indicava que era fácil compreender porquê.

Sentarô levantou-se para servir chá e bloqueou a zona do fogão.

— Durante cinquenta anos, onde é que fez pasta de feijão? Numa pastelaria?

— Eu... bem...

— Em casa?

No fundo, Sentarô não estava interessado em saber. Também não estava interessado em saber quem ela era. A única coisa que lhe interessava era se Tokue conseguiria confecionar uma pasta de feijão doce de boa qualidade para atrair os clientes e ajudá-lo a sair daquela loja o mais depressa possível.

— Oh, aconteceram muitas coisas... é uma longa história — respondeu ela.

Sentarô percebeu que Tokue não estava a ser completamente honesta com ele, mas também não queria ser interrogado acerca do seu passado.

— Pois claro, suponho que sim.

— A loja é sua, Sentarô?

— Não. Eu diria que é uma espécie de arrendamento.

— Então, há mais alguém. O proprietário?

— O meu antigo patrão geria a loja e trabalhava aqui. Agora, pertence à mulher dele.

— Nesse caso, o senhor não é o verdadeiro responsável.

— Também não é bem isso.

— Devo apresentar-me a ela?

— Neste momento, ela não está muito bem de saúde e por vezes nem sequer consegue vir cá uma vez por semana. Ficará para outra altura.

Sentarô teve a sensação de que Tokue tinha ficado aliviada ao ouvir aquilo.

— E o seu patrão?

— Faleceu.

— Oh...

Sentarô aproveitou a pausa na conversa para empurrar um caderno e uma caneta na direção de Tokue.

— Muito bem, senhora... hmm... Tokue, quer fazer o favor de escrever o seu nome completo e os seus contactos?

Tokue olhou para o papel com uma expressão tensa.

— Os meus dedos... — disse, hesitante.

Já começa, pensou Sentarô, com vontade de desviar os olhos. Porém, após uma breve pausa, ela pegou na caneta e escreveu o seu nome, formando com cuidado cada traço dos caracteres na mesma original e característica caligrafia que Sentarô já vira. Demorou algum tempo a completar a tarefa. Era uma caligrafia impressionante, escrita com tanta força que deixou marcas em várias folhas.

— E um número de telefone? Um contacto de emergência? Não tem telemóvel?

— Não tenho telefone. Pode escrever-me.

— Não é isso...

— Não se preocupe. Eu não me atraso. Levanto-me antes dos pássaros.

— Mas não é...

Sentarô olhou para a morada e reparou que ela escrevera o nome de um bairro nos arredores da cidade. Teve a estranha sensação de que devia significar alguma coisa para ele, mas não sabia o quê.

5

O ponteiro maior marcava a passagem dos segundos.

Com as mãos sobre o edredão, Sentarô contemplou o teto escuro. O uísque que tinha bebido antes de se deitar não o ajudara a adormecer mais depressa.

Virou a cabeça, pegou no relógio que estava ao lado da almofada e passou os dedos pelo botão do despertador para confirmar que estava ligado. Tokue Yoshii viria de dois em dois dias para fazer pasta de feijão doce e começaria na manhã seguinte. Não podia atrasar-se. Era por isso que se tinha deitado mais cedo do que era habitual.

Quem seria aquela velhota?

Apesar de ter deixado bem claro que ela viria apenas confecionar a pasta de feijão, Sentarô sentia-se inquieto. Por vezes, Tokue dizia coisas que pareciam despropositadas. Talvez fosse por ser um pouco dura de ouvido, mas Sentarô tinha a impressão de que o motivo era outro. Ela estava na posse das suas faculdades e, embora tivesse um sorriso doce, já observara um brilho determinado no fundo dos seus olhos. Para nem falar nos olhares de desafio que lhe lançava de vez em quando.

Depois de ela escrever a morada, Sentarô explicara-lhe como era gerida a loja. Contara-lhe que comprava sempre pasta de feijão pronta a usar e que só iniciava os preparativos uma hora antes da abertura.

— Porquê? — perguntara ela num tom mais alto. — Se quiser usar pasta de feijão fresca, terá de começar antes de o Sol nascer.

— Mas posso mandar vir a pasta de feijão para a loja com um simples telefonema.

— O que está a dizer?! A pasta de feijão é a alma dos *dorayaki*, patrão!

— Sim... foi por isso que a contratei para trabalhar aqui.

— Se fosse um cliente, ficaria na fila para comprar *dorayaki* nesta loja?

— Bem, escute... bom, talvez não.

Tokue pregara-lhe um grande sermão. Sentarô podia ser o responsável, mas não conseguira responder-lhe à altura. Por fim, acabara por acatar as suas ordens: começariam a preparar a pasta de feijão às seis da manhã. Ele chegaria mais cedo para começar a cozer os feijões *azuki* e Tokue apanharia o primeiro autocarro e chegaria pouco depois. Suspirou; aquilo ia dar uma grande trabalheira.

Era o quarto ano que passava na Doraharu. Trabalhava muito, sem um dia de folga, mas nunca se levantara tão cedo para ir para a loja.

Lamentosamente, perguntou a si mesmo porque contratara a velhota. Teria tomado uma má decisão? Não esperava uma coisa daquelas. Ela era mais exigente do que as primeiras impressões sugeriam.

— O que fui fazer? — Já estava farto e ainda nem sequer tinham começado.

Havia outro motivo para os suspiros. Como contaria à proprietária da loja? Ia ser um problema.

A proprietária da loja era a mulher do antigo patrão e, depois da morte do marido, desenvolvera todos os géneros de problemas de saúde. Tinha deixado de comer *dorayaki* porque continham muito açúcar. Sempre que vinha verificar os livros de contabilidade, ou tratar de outro assunto qualquer, ficava com cara de poucos amigos e, apesar de ter sido sempre ligeiramente neurótica, agora era mais picuinhas do que nunca no que dizia respeito à higiene. Sentarô já fora repreendido várias vezes pelos seus métodos de limpeza.

Em tempos, contratara um estudante em *part-time* sem a consultar. Ela não parava de tecer comentários sarcásticos a respeito do rapaz e, quando alguém lhe contou que ele fumava nas traseiras da loja, ficou possuída. É claro que Sentarô tinha recebido um telefonema. Ela começara imediatamente a massacrá-lo com o que aconteceria se a loja começasse a cheirar a tabaco. E avisara-o de que, quando contratasse alguém, exigia estar presente durante a entrevista.

De momento, talvez fosse preferível não lhe dizer nada a respeito de Tokue Yoshii. Enquanto se virava de um lado para o outro na cama, Sentarô decidiu que era a melhor coisa a fazer. Ainda nem sequer sabia se ela conseguiria trabalhar com aqueles dedos tão deformados.

Virou-se de costas e estalou a língua com irritação. Desta vez, viu os rostos das adolescentes que frequentavam a loja. Chegavam sempre em grupo, ocupavam os únicos cinco lugares sentados ao balcão, faziam imenso barulho e deixavam lixo espalhado por todo o lado quando saíam. No outro dia, tinham-se queixado de flores de cerejeira nos *dorayaki.* Sentarô costumava deixar a janela aberta e, durante a estação da floração, por vezes entravam pétalas que caíam nas panquecas que estavam a cozer na chapa. Sentarô pedira desculpa à miúda e oferecera-lhe outro *dorayaki.* Mas aquele gesto tinha provocado as outras e elas não se calaram, queixando-se em tom de troça que havia pétalas nos seus *dorayaki.* Depois, uma delas pegara no telemóvel começara a anunciar a todos os amigos que ele estava a oferecer *dorayaki.*

O que diriam aquelas miúdas se vissem os dedos de Tokue? E como reagiria ela ao comportamento atroz das adolescentes?

Sentarô pensou que tudo aquilo era demasiado. Não conseguia parar de dar voltas na cama.

— O que passou pela cabeça daquelas imbecis?... Pétalas de flores de cerejeira, uma ova.

Bateu no edredão com as mãos e pegou novamente no relógio-despertador.

6

Na manhã seguinte, Tokue já estava à espera sob a cerejeira quando Sentarô chegou, ligeiramente atrasado.

— Há algumas cerejas pequenas — disse ela em resposta ao seu pedido de desculpas, e apontou para a copa da árvore por cima dela.

— Conseguiu apanhar um autocarro? — perguntou-lhe Sentarô, pois tinha a certeza de que não haveria autocarros àquela hora.

— Oh, não se preocupe com isso — respondeu Tokue e começou a dirigir-se para a porta, evitando a pergunta.

Na cozinha, a tigela de feijões *azuki* que Sentarô deixara de molho na noite anterior esperava na bancada. Os feijões tinham inchado e chegavam ao cimo. Todos os feijões brilhavam, transformando a atmosfera da cozinha. Sentarô sentiu que estava a olhar para uma criatura viva, não para comida.

— Que lindos — disse Tokue, aproximando o rosto da tigela.

Os feijões *azuki* não eram de Obihiro nem de Tamba, nem de outra zona conhecida por produzir feijões de qualidade. Tendo em conta o dinheiro que os clientes gastavam em média na Doraharu, Sentarô não podia dar-se ao luxo de comprar os feijões *azuki* mais caros. Quando explicou isso a Tokue, ela afirmou que não se importaria de experimentar feijões de outra proveniência. Era tudo muito inesperado, mas entrou em contacto com um comerciante e conseguiu garantir uma encomenda de feijão do Canadá para começar.

Fez as contas. Calculou que poderiam usar dois quilos de feijão cru em cada lote de pasta. Deixar os feijões a demolhar durante a noite mais do que duplicaria o seu tamanho, o que daria uns bons quatro quilos. Depois de estarem cozidos, seria acrescentado cerca de setenta por cento do seu peso em calda de açúcar, o que aumentaria o peso total para quase sete quilos. Calculando vinte gramas de pasta de feijão, mais coisa menos coisa, para cada *dorayaki*, chegou à conclusão de que poderiam produzir entre trezentos e trinta e trezentos e quarenta *dorayaki* com cada lote. Aos níveis

atuais de consumo, a pasta de feijão duraria vários dias, pois não gastava um lote de cinco quilos de pasta de feijão pronta a usar num dia.

***

— Antes de os pôr a cozer... — murmurou Tokue, a examinar cuidadosamente os feijões, um por um. — Olhou bem para os feijões antes de os pôr de molho, Sentarô?

— Olhei para quê?

— Para os feijões.

Sentarô abanou a cabeça.

— Bem me pareceu. Nem todos são adequados.

Com os dedos curvados, Tokue retirou alguns feijões da panela. Escolheu vários e espalhou-os na palma da mão para lhos mostrar. A pele de alguns ainda estava dura e outros tinham rebentado ou rachado.

— Tem de verificar. Se já estiverem rachados, a qualidade da pasta pode ser afetada. Os feijões estrangeiros nem sempre são bem escolhidos.

Sentarô pensou que a forma como Tokue tratava os feijões era estranha. Aproximava muito o rosto, como se estivesse a comunicar com eles. Mesmo depois de terem sido colocados a cozer na panela de cobre, a sua atitude não mudou.

Nas ocasiões em que tentara confecionar pasta de feijão, Sentarô deixava sempre os feijões a cozer até estarem tenros. Mas Tokue não; o seu método era inteiramente diferente.

Para começo de conversa, acrescentou mais água no momento em que a água da panela começou a levantar fervura. Repetiu aquele processo diversas vezes e em seguida escorreu os feijões num passador e deitou fora a água da cozedura. Depois disso, colocou-os de novo na panela e encheu-a com água morna; aquele processo retiraria o amargor e a adstringência, disse. A seguir, mexeu-os suavemente com uma espátula de madeira, tendo o cuidado de não os esmagar enquanto fervilhavam em lume brando. Em cada fase daquele processo, Tokue tinha o rosto tão próximo dos feijões que estava rodeado de vapor. Sentarô perguntou a si mesmo o que estaria ela a ver. Estaria atenta a alguma mudança? Abeirou-se para examinar os feijões *azuki* através da neblina de vapor, mas não viu nada significativo.

Observou Tokue de perfil, a segurar na colher de pau com as mãos aleijadas enquanto analisava os feijões. Esperou que ela não exigisse o mesmo entusiasmo da sua parte. Aquele pensamento desencorajou-o.

Contudo, sem saber muito bem porquê, também se sentia fascinado com os feijões que coziam na panela. Observou-os a ferver na água da cozedura; nenhum deles tinha perdido a forma.

Quando restava apenas um pouco de líquido, Tokue desligou o lume e pousou uma tábua de cozinha em cima da panela a servir de tampa. Explicou a Sentarô que acabariam de cozer ao vapor. Todos aqueles passos eram completamente novos para ele.

— Isto é muito complicado — desabafou.

— É uma questão de cortesia — retorquiu Tokue.

— Com os clientes?

— Não. Com os feijões.

— Com os feijões?

— Sim. Eles fizeram uma longa viagem desde o Canadá. Por nós.

Passados alguns minutos, Tokue retirou a tábua de cozinha. Olhou para os feijões *azuki* e despejou água fria na panela de cobre. Explicou a Sentarô que estavam a demolhar. Nessa fase, os feijões ficavam imersos em água durante algum tempo e em seguida aquela água era escorrida e colocava-se água limpa. O processo era repetido até a água estar cristalina. Tokue olhou para os feijões enquanto despejava a água. Tinha o rosto muito perto e tocava-lhes com as pontas dos dedos. Era como se estivesse a procurar ouro.

— Nunca houve nesta loja uma pessoa que trabalhasse tanto.

— Temos de fazer as coisas bem, caso contrário todo o trabalho que fizemos até agora será desperdiçado.

Sentarô fitou-a, com os braços cruzados sobre o peito.

— Posso perguntar... porque é que olha para eles assim?

— Como?

— O que procura quando põe a cara tão perto dos feijões?

— Só faço tudo o que posso por eles.

— Tudo o que pode?

— Isso mesmo, patrão. Quer fazer o favor de pegar nesta panela?

Sentarô trocou de lugar com Tokue e ergueu a panela com as duas mãos. Despejou o seu conteúdo no passador que estava no lava-loiças e a água desapareceu, revelando os feijões cozidos.

— Oh... estão lindos.

Sentarô inclinou-se para ver melhor. Aqueles feijões estavam muito diferentes das suas tentativas; tinha de reconhecer que tinham sido cozidos com verdadeira mestria. Apesar das diversas fervuras, todos continuavam firmes e mantinham a forma. Não estavam engelhados. Sempre que Sentarô tentara confecionar pasta de feijão, nesta fase do processo a maioria dos feijões estava aberta e o amido escorria do interior. Agora, os feijões estavam lustrosos — cada um deles num estado perfeito e brilhante.

— Não sabia que podiam ficar assim — exclamou Sentarô, a olhar com uma expressão de admiração.

Tokue encolheu os ombros e sorriu.

— Assim? Alguma vez fez pasta de feijão, patrão?

— Ah, bem, tentei... mas, sabe...

— Então, terá de praticar um pouco.

Sentarô fez o resto do trabalho. A tarefa seguinte foi a preparação da calda para adoçar a pasta de feijão cozido. Despejou dois litros de água na panela agora vazia e deixou-a levantar fervura. Acrescentou um quilo e meio de açúcar granulado e dissolveu-o.

Tokue estava ao seu lado, a explicar-lhe os pontos cruciais.

Ele continuou a mexer lentamente a calda, mesmo depois de os grânulos de açúcar se terem dissolvido, para que não fervesse mais do que era necessário. A seguir, juntou com todo o cuidado os feijões cozidos, mantendo-se atento à intensidade do lume. Chegara o momento de misturar os feijões com a calda.

— Isto é essencial — disse-lhe Tokue —, porque queima com facilidade. Tem de manter a ponta da espátula de madeira no fundo da

panela enquanto mexe.

Mais uma novidade para Sentarô, que seguiu as instruções enquanto ela juntava sal à panela e debitava uma série de pormenorizadas instruções:

— Se a queimar agora, fica estragada.

— Mantenha a espátula direita.

— Mexa mais depressa.

— Não se apresse.

Uma surpreendente quantidade de suor escorreu-lhe pela testa e pela nuca enquanto mexia a pasta quente.

Não obstante, percebeu que Tokue tinha toda a razão. Sempre que tentara confecionar pasta de feijão, era naquele passo que falhava. Quando era misturada com o açúcar, a pasta de feijão tinha tendência para queimar com facilidade no fundo, e se tentasse evitar isso mantendo o lume baixo demorava mais tempo e a qualidade sofria proporcionalmente. Para confecionar uma pasta de feijão com uma textura agradável na boca e com uma aparência atrativa, era necessário manter uma determinada temperatura para reduzir o líquido. Porém, estava a descobrir que, para não queimar, era preciso mexer com a espátula de madeira em movimentos amplos, no momento certo.

Sentarô limpou o suor da testa com a manga da jaleca enquanto manuseava a espátula. E depois, quando menos esperava:

— Basta. Pode desligar o lume — ordenou Tokue.

— Mas ainda está líquida.

— Está perfeita. É importante ser preciso nesta altura.

— Espere... esta...

A substância na panela de cobre ainda estava demasiado líquida para ser considerada pasta de feijão. Sentarô podia não ter jeito para confecionar pasta de feijão doce, mas sabia qual era a consistência certa para os *dorayaki*. Se tentasse colocar aquele recheio entre as panquecas, escorreria pelos lados. No entanto, fez o que Tokue mandara e continuou a mexer com a espátula depois de o lume ser desligado. Ao fazê-lo, a pasta líquida

começou a ficar com a consistência certa. Tokue abriu um pano de algodão sobre a tábua de cozinha.

— Agora, deixamo-la a absorver a calda durante algum tempo. Depois, retiramo-la com uma espátula e espalhamo-la aqui.

— O quê?

— A pasta que acabou de mexer.

Sentarô pareceu confuso.

Tokue tirou-lhe a espátula da mão.

— Vamos descansar um pouco, está bem, patrão?

7

Enquanto a pasta absorvia a calda, Tokue sugeriu a Sentarô que anotasse todos os passos que tinham acabado de completar.

— Eu aprendo a ver — respondeu ele.

No entanto, quando ela o desafiou a descrever o processo desde o início, pegou num caderno com relutância.

— Está cheio de confiança, não está? — perguntou Tokue.

— Não, nem por isso.

— Então, porque não quer tomar notas? Em pastelaria, o que importa são os pormenores. Como é que vai recordar-se das coisas se não as escrever?

— Bem...

Envergonhado, Sentarô escreveu enquanto Tokue lhe explicava de novo todo o processo, começando pela fase de demolha.

— Onde aprendeu a fazer isto? — perguntou ele.

— Já faço pasta de feijão há muito tempo.

— Cinquenta anos, não é?

— Deve ter muitos clientes da minha idade.

Sentarô abanou a cabeça.

— As miúdas da escola são muito ruidosas. Por vezes, fico farto do barulho que fazem.

As faces de Tokue ficaram ligeiramente coradas.

— Ah... são adolescentes — disse —, é natural que sejam barulhentas. Podiam estar a fazer coisas piores.

— Só as aturo porque são clientes.

— Posso conhecê-las, não posso?

Sentarô não conseguiu dizer que não, embora não tivesse mudado de opinião em relação a mandá-la para casa depois de fazerem a pasta de

feijão, especificamente para que não conhecesse os clientes. Estava determinado a não ceder naquele ponto.

Tokue espreitou para a panela e mexeu os feijões impregnados de calda de açúcar com a espátula de madeira.

— Está perfeita.

Retirou um pouco de pasta de feijão com a espátula e colocou-a diretamente no pano de algodão.

— Não sabia que também era preciso fazer isto — comentou Sentarô.

— Ainda está a cozer ao vapor, por isso tem de absorver a humidade. Quando arrefecer, terá uma cremosa pasta de feijão.

Uma nuvem de vapor libertou-se quando ela passou a espátula pela pasta. Depois de espalhada no pano de algodão, a pasta ficou brilhante e um intenso aroma doce encheu toda a cozinha.

— Agora, temos de descobrir se esta pasta de feijão combina com as suas panquecas.

***

Sentarô colocou um pouco de massa de panquecas na chapa quente com a colher *dora.*

As panquecas eram a única coisa que o patrão o ensinara a fazer devidamente. A massa era uma mistura clássica de ovos, açúcar de alta qualidade e farinha para bolos em quantidades iguais. Por vezes, Sentarô acrescentava um pouco de fermento, de saqué de *mirin* doce ou de água para obter a consistência certa, mas a receita em três partes iguais nunca mudava durante o ano. Era uma receita instintiva e elegantemente simples que qualquer pessoa podia aprender a fazer.

Cozê-las era a parte difícil. Ao contrário de outros doces tradicionais semelhantes recheados com pasta de feijão, como os *imagawayaki*, por exemplo, que eram confecionados num molde, os *dorayaki* eram cozidos numa chapa plana e era o cozinheiro que determinava o seu tamanho e espessura. O objetivo era produzir panquecas consistentemente uniformes e era essencial encontrar o ritmo e movimento certos. Os cozinheiros experientes faziam sempre com que parecesse fácil, mas era um processo complicado para os principiantes. A mais ínfima diferença na consistência

podia afetar o tamanho e não havia garantia de que a massa caía na chapa e formava um círculo perfeito. Ainda por cima, queimava com muita facilidade se o cozinheiro não respeitasse escrupulosamente os tempos de cozedura.

Naquela manhã, ao contrário do que era habitual, Sentarô conseguiu confecionar todas as panquecas na perfeição, com um tamanho uniformemente redondo. Talvez fosse o pensamento de ter pasta de feijão de qualidade pela primeira vez, ou talvez se devesse a uma saudável tensão provocada pela presença de Tokue.

Tinham começado pouco depois das seis da manhã e já estavam a trabalhar há quatro horas e meia. Faltavam quinze minutos para a abertura da loja quando Sentarô e Tokue se sentaram nos bancos da cozinha, se esticaram e esfregaram os braços.

Colocaram a pasta de feijão ainda morna entre as fofas panquecas acabadas de sair da chapa. Para quem gostava de *dorayaki,* aquele era um momento de feliz antecipação. Sentarô acenou um agradecimento a Tokue e levou um *dorayaki* aos lábios.

O aroma pareceu saltar, como se estivesse vivo, e correu pelo nariz até à parte de trás da cabeça. Ao contrário da pasta pronta a usar, cheirava a feijões frescos e vivos. Tinha intensidade. Tinha vida. Um sabor doce, rico e aveludado encheu-lhe a boca.

Ele estava siderado. Sorriu para Tokue e deu mais uma dentada no *dorayaki.* A mesma sensação. Estava encantado com aquele sabor.

— Hmm — murmurou, a esfregar o queixo. — Isto é verdadeiramente excecional.

— O que lhe parece, patrão?

— Nunca provei uma pasta de feijão como esta.

— A sério?

— Por fim, uma pasta de feijão doce que consigo comer.

— O quê? — Tokue olhou para o *dorayaki* que Sentarô tinha na mão. Eram visíveis marcas de dentes. — O que disse, patrão? — A sua mão, ainda com o *dorayaki* meio comido, parou no ar.

— Ah, eu, bem...

— Sim? — Tokue pousou o *dorayaki* no prato.

— Quase nunca como um *dorayaki* inteiro.

— O senhor o quê? — A boca de Tokue estava aberta. — Como é possível? O patrão faz *dorayaki.* Não me diga que não gosta?

Sentarô abanou apressadamente a cabeça.

— Não, não é isso. Como, mas não sou grande apreciador de coisas doces.

— Não posso acreditar.

— No entanto, percebo que a sua pasta de feijão é especial. Já estava convencido disso, mas isto... nunca comi nada assim.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Sentarô. Não gosta de coisas doces? — perguntou Tokue, com os olhos pregados no seu rosto.

— Não é que não goste de coisas doces. Simplesmente, não consigo comer grandes quantidades...

— Céus, patrão. — Quanto mais a voz de Sentarô sumia, mais alta se tornava a voz de Tokue. — Nesse caso, porque trabalha numa loja de *dorayaki?*

— É uma boa pergunta.

Tokue olhou-o, espantada.

— Hmm... comecei a trabalhar aqui por acaso.

— Por acaso...?

— Bem, houve... circunstâncias. — Sentarô pegou no *dorayaki* inacabado e comeu mais um pouco. — Mas isto...

— O quê? Não está a ser claro.

— Acabo de perceber que a sua pasta de feijão é tão boa que faz a panqueca parecer supérflua. Está desequilibrada.

Tokue virou-se para comer mais um pouco do seu *dorayaki* e pôs o resto na boca.

— Agora que menciona isso...

— Estou certo, não estou? Esta pasta de feijão é tão boa que não se sente mais nada. Não vale a pena usá-la com estas panquecas. Dir-se-ia até que estorvam.

Enquanto falava, Sentarô ouviu uma voz gritar dentro da sua cabeça: não arranjes mais trabalho para ti. Mas as palavras já estavam a formar-se.

— Se as panquecas fossem melhores, os *dorayaki* seriam muito mais deliciosos, não lhe parece?

— Consegue melhorá-las um pouco?

— Talvez. Mas, por enquanto, pelo menos teremos uma pasta de feijão decente pela primeira vez na Doraharu.

— Esses elogios não vão mudar nada... Desilude-me, patrão. Como pode alguém que não gosta de doces estar à frente de uma loja de *dorayaki?*

— Já lhe disse que não é isso. Veja. Comi tudo. — Sentarô esfregou as mãos vazias uma na outra, sacudindo as migalhas para realçar as palavras. — Há muito tempo que não acontecia.

— Oh, é uma pena. — Tokue abanou a cabeça, incrédula.

— O que acontece é que estava mais interessado nisto — disse Sentarô, levantando a mão como se estivesse a servir um copo de saqué.

Tokue franziu o nariz.

— Devia gerir um bar.

Ele não tinha resposta para aquilo e levantou-se para subir as grades.

8

A pasta de feijão doce da Doraharu mudou. Sentarô pensou escrever algum tipo de anúncio para colar na janela da loja, mas acabou por decidir não fazer nada, não fossem os clientes começar a fazer perguntas acerca da pasta que usara até agora.

Não obstante, notou uma mudança imediata a partir do dia em que começou a confecionar a pasta de feijão com Tokue. Os bandos de adolescentes habitualmente ruidosas estavam estranhamente em silêncio.

— Isto tem um sabor melhor que nos outros dias — comentou uma das adolescentes, a olhar para Sentarô.

Ele desvalorizou o comentário com uma vaga resposta sobre a qualidade do feijão e não mencionou Tokue.

Os clientes que tinham comprado *dorayaki* para levar também comentaram. «Arranjou um novo fornecedor?», perguntou um.

Quando Tokue chegou na vez seguinte, Sentarô contou-lhe.

— Que bom — disse ela com um sorriso e sem uma única palavra de louvor ao papel que desempenhara em tudo aquilo.

— Mas as vendas não aumentaram. Se as pessoas elogiam, bem podiam comprar mais — queixou-se Sentarô.

— Devíamos estar gratos por virem.

— Não é fácil encontrar pasta de feijão como esta.

— Sim, mas o mundo não é um lugar fácil...

— Sim, pois, tem razão.

Sentarô levantou a espátula de madeira e ao seu lado, como sempre, Tokue olhou intensamente para os feijões que estavam dentro da tigela.

***

Tokue confecionava uma pasta de feijão consistentemente excelente e nunca tinha um dia mau. Sentarô estava convencido de que isso se devia à sua atitude durante a preparação. Ela tratava os feijões *azuki* com todo o

cuidado, aproximando sempre o rosto deles, seguindo meticulosamente todos os passos do processo e mexendo os dedos como se não tivessem nenhum problema.

Quando Tokue lhe disse que queria experimentar feijão de outras proveniências, Sentarô pediu ao fornecedor para lhe arranjar feijão chinês da província de Shandong e também feijão americano. Ambos cozeram bem sob a supervisão de Tokue. Cada tipo de feijão tinha um aroma intenso, mas ligeiramente diferente, e um brilho muito distinto.

— Interessante — declarou ela.

Usar diferentes tipos de feijão complicava um pouco mais o processo de cozedura. Sentarô percebeu que teria mais trabalho no futuro, mas agora também estava fascinado com aquele processo. Durante breves momentos considerou outras ideias, como vender *dorayaki* com a referência à origem do feijão, pois parecia fazer uma grande diferença. Ou talvez ganhar mais dinheiro com a comercialização de outros tipos de doces japoneses que tinham como principal ou único ingrediente o feijão, como geleia de feijão *adzuki* ou *kintsuba.* Todavia, a verdade é que não queria aumentar a sua carga de trabalho.

Sentarô começou a dedicar-se com persistência ao trabalho pouco habitual de confecionar pasta de feijão. Os dias eram difíceis. O trabalho era fisicamente cansativo, é claro, e além disso estava aborrecido consigo mesmo e não conseguia acreditar que estava a fazer aquilo, tendo em conta as suas intenções. Contudo, começou a sentir que, se se dedicasse a sério, o feijão *azuki* poderia abrir-lhe uma porta. Enquanto uma parte de si adorava a nova sensação, outra parte estava desconfiada. Porém, independentemente do que acontecesse, a verdade era que, a menos que dissesse adeus àquela vida constantemente preso à chapa, não conseguiria voltar a dedicar os seus dias à escrita. Isso era mais do que certo.

Talvez devido àqueles sentimentos contraditórios ou porque, no fundo, não era adequado para aquele trabalho, Sentarô era incapaz de manter uma boa qualidade consistente nos dias em que Tokue não vinha. Quando se convencia de que tinha melhorado, o lote seguinte queimava, ou os feijões ficavam pegajosos e gelatinosos por serem demasiado mexidos, ou secavam por excesso de evaporação.

Como tinha decidido deixar de usar pasta de feijão comercial, quando a pasta de feijão começava a faltar Sentarô não tinha outra alternativa a não ser misturar a sua com a que Tokue tinha preparado. Sempre que Tokue provava aquela mistura, sentia-se de novo na escola, quando era pequeno, à espera de receber os resultados dos testes. Ela sentava-se de costas direitas e levava uma colher cheia de pasta à boca. Depois, com uma expressão ausente, dizia alguma coisa do género, «O sabor não está bem no ponto», e desviava os olhos. Contudo, aquilo não significava que estava a rejeitá-la, pois acrescentava sempre, «Mas é interessante». Tokue era extremamente minuciosa durante o processo de confeção da pasta de feijão, mas quando provava os resultados acontecia o oposto; parecia gostar bastante de variações de qualidade.

— Pensei que teria de recomeçar.

— Mas isto é melhor do que a pasta pronta a usar — dizia ela.

— Surpreendentemente.

— Os feijões fizeram o seu melhor.

Depois de o trabalho estar terminado e Tokue descontrair, a sua linguagem e perspetiva tornavam-se mais otimistas. Embora Sentarô estivesse agradecido por isso, ao mesmo tempo era uma fonte de problemas.

Por muito que lhe dissesse que não podia mostrar-se ao clientes, ela ficava sempre na cozinha durante uma ou duas horas depois da abertura da Doraharu e Sentarô foi cedendo. Era claro que Tokue tinha bons motivos para isso. Era idosa. E o seu corpo era frágil. Com o passar do tempo, começou a sentar-se na cadeira da cozinha durante muito tempo depois de terminar o trabalho. «Estou cansada», dizia, ou «As minhas costas...», e sentava-se sem se mexer, com o avental nos joelhos, a boca aberta e uma expressão alheada. Por vezes, parecia estar demasiado fraca até para beber chá. Sempre que havia um anúncio no altifalante público no exterior, perguntava, «O que foi aquilo?», pois estava cada vez mais surda, e olhava para Sentarô com uma expressão intrigada. Embora lhe apetecesse, não podia mandá-la para casa logo que terminava o trabalho, por isso muitas vezes ela ainda se encontrava na loja quando os clientes começavam a chegar. Sentarô não conseguia deixar de pensar que aquilo não era bom.

Apesar de não mostrar vontade de se ir embora, Tokue fingia que se mantinha fora da vista. Todavia, se uma cliente assomava à janela com um bebé no colo, saía da sombra, inclinava-se com a cabeça perto da abertura, exclamava, «Oh, que lindo» e emitia alguns sons. Quando apareciam grupos de crianças, dizia em voz audível, «Dê-lhes um pouco mais, patrão, vá lá». Nesses momentos, Sentarô ganhava coragem para lhe perguntar em voz alta, embora com remorsos, «Não está na hora de se ir embora?» Ao ouvir aquelas palavras, Tokue abria a porta das traseiras e desaparecia discretamente.

Os dias aqueceram e pouco depois estavam a meio do verão. Uma tarde, Sentarô abriu a porta do frigorífico e soltou um pequeno resmungo. Apesar de não se formar uma fila à porta da loja, tinha havido um fluxo constante de clientes. Como a pasta de feijão estava a chegar o fim, foi buscar mais e descobriu que tinha acabado. A menos que fizesse um novo lote, não poderia servir mais clientes. Esgotar a pasta de feijão, ainda por cima durante o dia, era inaudito.

Depois de pedir desculpa aos clientes que esperavam, foi procurar a placa de «Stock Esgotado» para pendurar na janela. O falecido patrão comprara aquela placa e desde então estava na prateleira, escondida no meio de uma grande miscelânea de objetos. Tanto quando Sentarô se lembrava, nunca tinha sido usada.

Quase convencido de que talvez não tivesse confecionado uma quantidade suficiente de pasta de feijão, analisou as notas de preparação, onde estavam especificadas as quantidades. Procedera como sempre, e além disso o caixote do lixo ao lado da chapa estava cheio de cascas de ovos partidas para comprovar que não se enganara. Verificou rapidamente o dinheiro que tinha na caixa. Nesse dia vendera cerca de trezentos *dorayaki:* um verdadeiro recorde.

Não havia nada a fazer a não ser fechar a loja. Sentarô desceu as grades e afastou-se pela rua agora iluminada pelos raios do sol poente. Dirigiu-se sem hesitar para o restaurante de *noodles* para beber qualquer coisa. Apesar de estar cansado, sentia uma agradável sensação de satisfação. Não escolhera deliberadamente aquele trabalho e queria libertar-se dele o mais depressa possível. Era o seu único objetivo. Contudo, aquele dia trouxera-

lhe uma sensação de realização, como se tivesse transposto uma meta. E aquilo intrigou-o; a sensação de querer gritar vitória e, ao mesmo tempo, a sensação de que tudo se tinha tornado de certa forma mais complicado. Não sabia o que pensar.

O que faria a partir daquele momento? Era uma questão que necessitava de urgente consideração. Sentarô refletiu enquanto deitava a bebida no copo.

Devia resignar-se a usar a placa de «Stock Esgotado» ou poderia aproveitar a oportunidade para alargar o horário de funcionamento da loja até à noite? Fosse qual fosse a decisão, pensou que as duas possibilidades apresentavam vantagens e inconvenientes.

Se as vendas continuassem a aumentar, ganharia mais dinheiro, e isso significava que poderia aumentar o valor dos pagamentos da dívida à proprietária. Todavia, uma parte de si continuava preparada para desistir. Era difícil imaginar-se a trabalhar mais do que já trabalhava. Não fazia mais nada o dia inteiro a não ser confecionar *dorayaki.* Os dias passavam e ele fazia a mesma coisa vezes sem conta.

Mas... Sentarô considerou a outra hipótese. Se trabalhasse de manhã até à noite, apressaria a libertação da prisão que era aquela chapa. Assim sendo, não devia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para trabalhar e poupar dinheiro? Não fora por isso que os deuses lhe tinham enviado a velhota? Estava a obter pasta de feijão da melhor qualidade por um salário de miséria — se aquilo não era uma oportunidade, o que seria?

— Será que o momento chegou? — murmurou.

Com a mente a rodopiar ebriamente, elaborou um plano pormenorizado. A Rua das Cerejeiras podia estar degradada em comparação com outras ruas de comércio, mas tinha um bom movimento. As horas mais movimentadas eram ao fim da tarde, quando as pessoas que voltavam dos empregos engrossavam os números das que andavam a fazer compras ao final do dia. No centro da cidade, havia pastelarias que dedicavam o dia inteiro aos preparativos e só abriam no fim da tarde, mantendo-se abertas até à noite. Poderia fazer o mesmo. Um número surpreendente de empregados de escritório e empresários e empresárias queriam comer alguma coisa doce depois de irem beber um copo com os colegas.

Obviamente, não era inteligente fechar a loja enquanto ainda havia luz, mas se queria conquistar novos clientes teria de trabalhar até ao fim da hora de ponta, o que significava manter a loja aberta pelo menos até às oito ou nove da noite... Quem se encarregaria de fazer toda a pasta de feijão a mais que seria necessária?

Sentarô deparou-se com um obstáculo. Não acreditava que fosse possível uma idosa de setenta e seis anos, que se sentava sempre que podia, trabalhar mais do que já trabalhava.

9

Seria possível aumentar a produção de pasta de feijão doce?

Passados alguns dias, Sentarô sondou Tokue. Ela não pareceu surpreendida. Limitou-se a olhá-lo em silêncio durante algum tempo e a dizer, «Que bom». Os seus olhos enrugaram-se num sorriso.

— Graças a si, tenho mais clientes do que nunca.

— Vai fazer mais pasta de feijão?

— Sim, em breve.

— Nesse caso, é melhor eu ajudá-lo.

Tokue não pareceu ficar descontente com mais trabalho. Depois de falarem sobre o assunto, decidiram aumentar a produção para lotes de dez quilos de cada vez.

— Vamos estar ainda mais ocupados — avisou Sentarô.

— O que tem isso? É uma coisa boa.

— Como está a sua saúde? Acha que consegue aguentar?

— O patrão terá de fazer todo o trabalho pesado, não é?

— Sim, claro.

— Nesse caso, que tal começarmos hoje? — Tokue balançou-se sobre os calcanhares, como uma jovem mãe com um bebé na anca.

***

Pela primeira vez na vida, Sentarô compreendeu o que era estar sob verdadeira pressão no trabalho. Nos dias mais movimentados nem sequer tinha tempo para se esticar porque não saía da chapa, a despejar massa para confecionar as panquecas. Nos intervalos atendia os clientes, recebia o pagamento e recheava as panquecas com pasta de feijão doce.

Como sempre, não tinha um dia de folga, mas não aumentou os dias de trabalho de Tokue. Trabalhava colado à chapa desde o início da manhã até à noite. E os dias foram passando. As receitas diárias eram consistentemente boas, mesmo com os habituais altos e baixos.

Quase sem dar por isso, chegaram os dias nublados e húmidos do início da estação das chuvas de verão. Minúsculas gotas de humidade acumulavam-se nas brilhantes folhas verde-escuras das cerejeiras.

Embora fosse boa para as árvores, aquela humidade não era benéfica para um pasteleiro. Para Sentarô, que fazia *dorayaki* frescos sem usar conservantes, significou a chegada de um período difícil. A pasta de feijão doce artesanal usada para os *dorayaki* era sensível ao calor e à humidade e, nas piores condições, podia estragar-se em apenas meio dia. Outros tipos de pasta com um teor mais elevado de açúcar, como a pasta usada para confecionar *monaka,* conservavam-se melhor.

Sentarô também tinha de ter um enorme cuidado com a preparação das panquecas. Se fizesse demasiadas ao mesmo tempo e não fossem consumidas num curto período, tornavam-se pegajosas e não podiam ser usadas. A única maneira de evitar isto era tentar antecipar o número de clientes e confecionar pequenas quantidades de cada vez. Durante a estação das chuvas, tudo era muito mais difícil.

Não obstante, graças à pasta de feijão de Tokue, a Doraharu continuava muito concorrida. Mesmo com um chapéu de chuva numa mão, as pessoas faziam fila do lado de fora da janela. Em anos anteriores, durante o mesmo período, os clientes eram tão poucos que mais valia estar fechado. No entanto, nesse ano os dias passaram numa atarefada confusão para Sentarô.

Foi sensivelmente nessa altura que começou a sentir tonturas quando estava junto da chapa. Para além de passar o dia inteiro a trabalhar de pé, o opressivo calor do verão começava a fazer estragos.

O ar pesado e húmido que era característico daquela altura do ano infiltrava-se na loja pela janela que estava sempre aberta para atender os clientes. O ar condicionado trabalhava sem parar, mas, como Sentarô estava diante da quente chapa a gás, manchas de suor manchavam-lhe a jaleca e a roupa. Começou a beber grandes quantidades de água enquanto cozinhava. O seu apetite diminuiu naturalmente e já nem sequer comia uma sanduíche da loja de conveniência. Ainda assim, continuou a trabalhar sem descanso, como se estivesse possuído.

A desconfortável estação das chuvas não desencorajava os clientes. E depois houve um dia em que a produção aumentada foi insuficiente e

Sentarô se viu obrigado a pendurar de novo a placa de «Stock Esgotado». Nunca se sentira tão cansado e esgotado em toda a sua vida. Quando chegou a casa, caiu no chão da cozinha e deixou-se ficar deitado de bruços, sem se mexer, durante muito tempo. Só depois de emborcar uma grande quantidade de uísque é que se deitou no futon para dormir.

***

Na manhã seguinte, estava afundado numa cadeira na cozinha da Doraharu. Na panela de cobre estava um lote de pasta de feijão que acabara de confecionar a absorver a calda, quase pronta. Só faltava dividi-la e misturar uma parte com a pasta de feijão de Tokue para que rendesse mais. Porém, não conseguiu mexer-se. Apesar de saber o que teria de fazer a seguir, o seu corpo não reagia. Ficou sentado, paralisado no fluxo de ar frio que saía do ar condicionado. O simples gesto de mexer os dedos era um esforço demasiado grande.

Nesse dia, Sentarô não abriu a loja.

Acabou por adormecer sentado e quando voltou a abrir os olhos os ponteiros do relógio marcavam quase meio-dia. Por fim, levantou-se da cadeira, mas, por muito que se esforçasse, não teve força para levantar as grades. A respirar com dificuldade, terminou a pasta de feijão. Antes de conseguir guardá-la no frigorífico, deixou-se cair de novo na cadeira.

Finalmente, reuniu energia para se mexer, despiu a roupa de trabalho e saiu da loja. Embora o tempo estivesse nublado de manhã, quando chegara, um forte brilho refletia-se agora no alcatrão da estrada. Com os olhos semicerrados para se proteger do sol intenso, Sentarô procurou a sombra de uma cerejeira.

Uma cigarra cantou e levantou voo.

Ele apoiou as duas mãos na áspera casca da árvore e foi quase impossível manter-se direito. Um desconfortável suor escorria por todos os poros do seu corpo. Encostou-se à árvore, olhou para a copa verde-escura e concentrou-se nas folhas que baloiçavam ao sabor do vento.

Uma bruxuleante imagem do rosto da mãe flutuou da sombra das folhas. Ela visitava-o quando ele estava na prisão, mas permanecia sempre em

silêncio, com o rosto do outro lado da barreira de acrílico transparente, mais envelhecida em cada visita.

De repente, Sentarô sentiu vontade de chorar. Com lágrimas a ameaçar saltar, dirigiu-se para a estrada que seguia ao longo da linha do comboio para evitar a rua comercial, onde poderia ser visto. Quando chegou à estrada, parou e viu vários comboios passar. Sentiu-se preso, sem poder avançar nem recuar. Passado algum tempo, assustou-se com os seus pensamentos naquele lugar e começou a dirigir-se para uma zona residencial.

Um sol luminoso brilhava num céu azul. Sentarô pensou que a claridade do dia só realçava a sua angústia. Todo o tempo que desperdiçara na vida pareceu colar-se aos seus pés, puxando-o para baixo. Era como se fosse um pedaço de lixo a ser arrastado pelo vento de viela em viela.

Morre, pareceu-lhe ouvir uma voz murmurar.

Quando chegou a casa, tinha andado tanto e por sítios tão distantes que não sabia ao certo onde estivera.

Deixou-se cair no futon que ainda estava aberto no chão e sentiu um calor entorpecedor, como se todo o seu sangue lhe estivesse a afluir ao peito.

Morrer. Seria preferível morrer?

Sentiu-se afundar, atraído por aquela voz. Estava a afogar-se e a sua respiração era superficial. Mergulhou num sonho febril. Com falta de ar e encharcado em suor, debateu-se num lugar desconhecido.

10

O telefone estava a tocar.

Sentarô levantou a cabeça e viu luz do outro lado das cortinas. O relógio indicava que eram oito da manhã. Não conseguiu perceber porque estava o telefone a importuná-lo e porque havia tanta claridade no quarto. O toque persistiu. Ele arrastou-se para a cozinha para atender.

— O que se passa, patrão? — ouviu a voz de Tokue.

Sentarô balbuciou uma resposta vaga e ela insistiu.

— O que se passa?

— Hmm...

— Sente-se bem?

Ele viu imagens de carris e sentiu a casca de uma cerejeira sob as palmas das mãos.

— Bom, eu...

A sua mente confusa começou a concentrar-se. Dera uma cópia da chave da loja a Tokue, para o caso de haver uma emergência. Ela devia ter entrado e começado a trabalhar.

— Adormeceu? Ou não se sente bem?

— Desculpe. — Ele queria dizer-lhe que não demoraria, mas as palavras ficaram presas na garganta. — Estou um pouco indisposto — respondeu.

— O que se passa?

— Acho que... devo estar cansado.

— Vai ficar bem?

— É melhor ficar a descansar hoje.

Tokue fez uma pausa.

— Bom, não admira. Tem trabalhado sem parar — declarou. — É boa ideia.

— Desculpe.

— Já comecei a preparar a pasta de feijão e vou-me embora quando terminar.

— Desculpe. Vai conseguir fazer tudo sozinha?

— Sim. Preocupe-se consigo. Porque não tira dois ou três dias...?

— Volto amanhã — afirmou Sentarô, interrompendo-a. Se ficasse longe da loja durante tanto tempo, era muito possível que nunca mais voltasse. — Quando terminar o lote de hoje, por favor vá para casa.

— Sim, está bem. Vou fazer isso, mas... — Tokue hesitou.

— Desculpe. Por favor, faça apenas o que lhe disse — ordenou Sentarô, desligando antes que ela pudesse responder.

***

Na manhã seguinte, foi para a Doraharu mais cedo do que era habitual. No entanto, quando chegou percebeu que as grades já estavam entreabertas e sentiu um aroma doce no ar.

— Tokue?

— Oh, patrão.

— O que faz aqui tão cedo, Tokue?

— Pensei que podia fazer a pasta de feijão por si.

— Pensou... *o quê?*

Sentarô não conseguiu assimilar aquilo: Tokue já tinha começado a trabalhar sozinha, num dia em que não era suposto vir.

— Obrigado — disse com um aceno de cabeça.

— Como se sente hoje?

Tokue levantou a cabeça dos feijões que estava a vigiar enquanto ferviam na panela e brindou-o com um sorriso.

— Acho que agora estou bem.

— Não está certo nunca tirar um dia de folga — afirmou ela.

— Pois é. Vou pensar nisso.

Enquanto falava, Sentarô enfiou os braços nas mangas da jaleca de cozinheiro. Porém, quando começou a abotoar os botões, os dedos pararam

de repente. No dia anterior, ao telefone, Tokue dissera-lhe que estava a começar a confecionar a pasta, o que significava que deveria haver uma quantidade suficiente para o dia. Então, porque estava ali de novo naquela manhã a preparar mais?

— Não fez pasta de feijão ontem, Tokue? Onde está?

— Ah, ontem, bem...

Tokue levantou os olhos da panela, mas não olhou logo para Sentarô. Depois, encolheu os ombros e voltou-se para ele.

— Bem, eu não sabia o que fazer, percebe? Fiz a pasta de feijão e estava sentada a descansar quando chegou um cliente.

— O quê?

— Sim, chegou um cliente e... tive de abrir a loja.

— Hã? O quê? — Sentarô estava tão chocado que a sua cabeça teve um espasmo para a frente.

— Abriu a loja? Mas... como é que levantou as grades?

— O patrão sabe que nunca gostei das grades fechadas, por isso abri a parte de baixo, como está a ver agora, e nessa altura um cliente chamou-me.

— Mas a senhora prometeu. Disse-me que iria para casa depois de terminar a pasta de feijão. — Sentarô sentiu o suor que começava a formar-se nas axilas. — E as panquecas?

— Oh, também as fiz.

— Fez o quê? Conseguiu cozinhá-las?

— Oh, não sei bem como, mas consegui. Desculpe, patrão.

— É um pouco tarde para pedidos de desculpa.

Tokue pousou a espátula e apontou para o balcão.

— Não sabia usar os seus livros de contabilidade, por isso anotei ali tudo o que vendi.

— Quem lhe pediu para...?

***

Era uma tabela simples. Os números das receitas e dos lucros do dia anterior estavam registados na característica caligrafia floreada que Sentarô

conhecia. Os números eram impressionantes.

— Fez tudo isto sozinha?

— Foi um dia muito movimentado. Os clientes não paravam de vir.

— E fez mesmo tudo isto sozinha?

— Sim, sozinha. Oh, mas o primeiro cliente ajudou a abrir as grades. E pedi ao último para me ajudar a fechá-las.

Sentarô estava tão chocado que precisava de se sentar. Como conseguira ela fazer tudo aquilo? Como era a sua massa de panquecas? Ela mexera no dinheiro com aqueles dedos deformados...? O que tinham pensado os clientes?!

— Desculpe — repetiu Tokue.

— Ah... só estou surpreendido, nada mais. Podia ter-me dito alguma coisa.

— Mas o senhor não teria deixado...

Embora Tokue tivesse infringido claramente as regras, Sentarô reconheceu que não estava em posição de repreendê-la. Ela pegou de novo na espátula de madeira e ficou inquieta, como uma criança que acabou de ser censurada.

— Mas, não consigo imaginar... deve ter ficado exausta depois de vender tantos *dorayaki.*

— Sim. Fiquei muito cansada.

— E hoje veio mais cedo.

— Sim. Era cedo.

Sem saber qual a atitude a adotar, Sentarô bateu na sua própria face. Tokue estremeceu, mas ele ignorou-a e pegou no copo medidor.

— Patrão...

— Não falemos mais sobre isto. Quantos quilos de feijão *azuki* vamos cozer hoje?

— Deixe-me ver... dois quilos de feijão seco.

Sentarô fez as contas de cabeça e pesou o açúcar para a calda.

— Patrão?

— Sim.

— Porque fez aquilo? Estava a tentar obrigar-se a começar a trabalhar?

— Não, não é isso. — O próprio Sentarô não sabia porque batera na própria face.

***

Tokue passou o dia inteiro muito animada e foi tagarelando enquanto mexia o feijão com a espátula de madeira.

— De onde é, patrão?

— De Takasaki.

— Depois de sair de lá, viveu sempre em Tóquio?

— Bem, estive em muitos sítios.

— A sério? Que sorte — Tokue suspirou.

— Não é assim tão bom. Eu só... andei sem eira nem beira.

— Ah, sim? Por onde?

— Oh, apenas na região de Kantô.

— Não é assim tão mau, pois não? Eu... vivi em Aichi quando era pequena.

— Aichi?

— Sim. No verdadeiro campo. Na linha de lida que parte de Toyohashi.

Tokue desviou os olhos dos feijões — uma coisa normalmente nunca faria — e fitou-o.

— As flores de cerejeira eram *tão* lindas lá.

— Oh, onde disse que era?

— Ah, bem... — Ela hesitou. — Havia um penhasco, com um rio no fundo. E a encosta do penhasco até ao rio estava cheia de cerejeiras. Nunca mais vi cerejeiras tão bonitas.

Por algum motivo que apenas ela conhecia, Tokue não disse o nome da aldeia.

— Volta lá de vez em quando?

Tokue abanou a cabeça.

— Não, não vou lá há dezenas de anos. — Concentrou-se de novo nos feijões que coziam na panela.

— De que tipo de comida gosta, patrão? Qual é a especialidade de Takasaki?

— Deixe-me ver... só me lembro das *bento daruma.* Os almoços em caixas que podem ser comprados na estação de comboios.

Sentarô sorriu enquanto enchia a panela com água para a calda. Tokue parecia uma criança, mas ele não se importava de responder às suas perguntas pouco exigentes.

— As lancheiras *daruma* são vendidas em caixas brancas ou vermelhas — disse. — Não sei se será porque o seu conteúdo é diferente.

— Gosto da ideia de lancheiras compradas na estação e de comer no comboio.

— O que gosta de comer, Tokue? Os temperos com *miso* são uma especialidade de Aichi, não é verdade? Ou aqueles *noodles kishimen.*

— Quando eu era pequena, não tínhamos nada tão bom — respondeu ela, acenando as mãos como se quisesse afastar aquele pensamento. — Quando digo campo, é campo a sério. Costumávamos fazer *pickles* de pétalas de flores de cerejeira e bebíamo-las em água quente.

— Uau, parece um país estrangeiro.

— O Japão daquela altura e de agora são países diferentes. Sentarô acenou com a cabeça e colocou a panela ao lume.

— Tudo muda, não é?

— O quê, por exemplo? — Tokue olhou-o de cima a baixo.

— Eu, por exemplo...

— O quê?

— Bem... estou endividado. Devo dinheiro à proprietária desta loja. À mulher do meu antigo patrão.

— Oh, céus.

— Não sei o que dizer. Houve uma altura em que enveredei por maus caminhos.

— Deve dinheiro? Tem a certeza de que não está a ser enganado?

— Não. O patrão pagou as minhas dívidas. É por isso que estou aqui. Ainda estou a pagar à mulher dele. — Sentarô olhou para Tokue. — Não tire os olhos da panela.

Ela virou-se apressadamente para a panela de cobre.

— Mas como é que se endividou?

Sentarô olhou para a panela e viu minúsculas bolhas a dançar no fundo.

— Tenho vergonha de dizer, mas nem sempre me mantive no caminho certo. Cometi erros, sem saber o que fazer com a minha vida. Nada do que fazia resultava. Em tempos quis ser escritor, mas hoje em dia não escrevo uma única palavra. Também nunca me tornei especialista em *dorayaki*. Não passo de um inútil.

— Mas agora trabalha muito. Nunca tira folga.

— Ah.

Tokue desligou o lume sob a panela. Olhou para os feijões cozidos, mas não começou a passá-los por água.

— Vamos tentar os dois juntos, o senhor e eu — disse, voltando-se para olhar Sentarô nos olhos. — Eu ajudo-o.

A panela diante de Sentarô começou a ferver.

— Está tudo bem. A senhora já fez bastante. Consigo por perto, sinto que tenho uma aliada. O destino pode ser cruel. — Sentarô foi buscar a chávena de açúcar.

— Destino? — A voz de Tokue estava carregada. — Como assim? Não use palavras como destino com essa ligeireza, Sentarô.

— Porquê?

— Os jovens não devem falar em destino.

Sentarô olhou para o chão com uma expressão culpada.

— Eu... houve um período em que não pude sair do mesmo sítio durante muito tempo — disse Tokue, e abanou rapidamente a cabeça, como se tivesse proferido palavras desagradáveis. Começou a encher a panela de cobre com água.

— Desculpe. Agradeço a sua preocupação.

— Eu também peço desculpa — disse ela, sem o olhar nos olhos. — Por favor, não pense mais nisso.

11

O verão chegou em plena força. Ao lusco-fusco, que caía mais cedo a cada dia que passava, levantava-se uma agradável brisa e as cigarras cantavam nas cerejeiras.

Na Doraharu, Sentarô estava a passar o período de verão sem qualquer quebra sazonal no negócio. A clientela de estudantes costumava diminuir durante as férias grandes, mas nesse ano isso não estava a acontecer. Na verdade, aconteceu precisamente o contrário, pois as adolescentes continuaram a reunir-se ali todos os dias, ocupando os lugares ao balcão. Vinham comer *dorayaki* e beber bebidas frescas e, para surpresa de Sentarô, a presença de Tokue também parecia ser um chamariz.

O grupo de adolescentes que paravam ali quando voltavam do centro de estudos encaixava-se nessa categoria. Sentavam-se ao balcão com a cabeça apoiada nas mãos e queixavam-se em voz bastante alta para que Tokue, que estava sentada na cadeira da cozinha, ouvisse.

— Estudar é uma seca — dizia uma.

E, com um sorriso, Tokue respondia da cadeira:

— Bem, então porque não descansas um dia e te divertes um pouco?

As miúdas franziam o nariz ao ouvir aquilo.

— Os meus pais expulsavam-me de casa.

— Pois vai-te embora. Se te queres divertir.

— A sério?

— Estou a falar a sério.

— Ooooh, está a dizer-nos para nos tornarmos delinquentes?

Sentarô percebia que, embora se mantivesse fora da vista, Tokue esperava pelo momento certo para tecer comentários. Sempre que ouvia as suas vozes altas aproximarem-se na rua afastava-se pesadamente para a cadeira nas traseiras, já com um leve sorriso nos lábios.

— A minha casa é *tãõoooo* chata. Não quero voltar! — queixou-se uma das adolescentes.

— Porque não arranjas alguma coisa para fazer? — retorquiu Tokue instantaneamente.

— Tipo o quê? — perguntou ela.

— Que tal trabalhar aqui em *part-time?* — propôs Tokue.

— Pare já com isso — avisou Sentarô de junto da chapa. Tinha receio de que ela estivesse apenas meio a brincar.

Claro que as jovens eram adolescentes, mas representavam um problema para ele porque ficavam na loja cerca de duas horas pelo preço de um *dorayaki.* Sentia sempre uma enorme vontade de lhes dizer que deviam estar cansadas de tagarelar e que seria boa ideia irem-se embora. Não gostava que Tokue se metesse nas conversas e as mantivesse a falar.

No entanto, desde o dia em que ela tratara de tudo na loja sozinha, o tom de Sentarô tinha mudado. Deixava-a fazer o que queria. Ela trabalhava por um salário miseravelmente baixo e a sua presença na loja era uma forma de lhe agradecer. Contudo, isso não significava que era aceitável derrubar todas as barreiras entre eles e os clientes.

Havia mais uma coisa que o incomodava: a expressão nos rostos dos clientes mudava quando avistavam Tokue sentada nas traseiras. Incluindo as adolescentes. Não lhe escapara a forma como algumas olhavam para ela e se calavam de repente, nem o brilho momentâneo que lhes iluminava os olhos.

***

Havia uma adolescente que vinha quase sempre sozinha. Chamava-se Wakana, um diminutivo cuja origem nunca revelou. Segundo as outras miúdas, em tempos ela usara o cabelo pelos ombros, como a personagem de desenhos animados Wakame-chan, e talvez fosse essa a explicação. Todavia, após o divórcio litigioso dos pais, aparentemente nem a personalidade nem o cabelo de Wakana tinham voltado a ser os mesmos.

Wakana não era uma menina faladora. Sentava-se e comia o seu *dorayaki* a olhar para a cozinha com olhos húmidos. Aquele olhar

incomodava Sentarô, que por vezes lhe perguntava — coisa rara nele — se estava bem.

Mas Wakana ficava sempre calada, mesmo quando ele lhe dirigia a palavra. Só depois de Tokue ter passado a dar-lhe os *dorayaki* defeituosos que não podiam ser vendidos é que ela começou a falar espontaneamente. Disse que vivia apenas com a mãe, que trabalhava à noite, que não tinham muito dinheiro, que chegava a casa depois da escola e encontrava o namorado da mãe a mandriar em roupa interior.

Por vezes, Tokue também oferecia *dorayaki* rejeitados às outras adolescentes, quando elas conversavam consigo. Pegava nas panquecas que Sentarô inutilizara durante a cozedura, recheava-as com pasta ou creme de feijão doce e oferecia-as às adolescentes, dizendo:

— Este é oferta da casa.

Sentarô não gostava que Tokue fizesse aquilo. Tentou dizer-lhe indiretamente, mas ela ignorou-o.

— Qual é o problema? — perguntou. — É melhor do que deitá-los fora.

Wakana dizia que as sobras eram mais saborosas do que os outros *dorayaki.* Aquilo incentivou Tokue a experimentar mel e outros recheios. Depois de aperfeiçoar uma dessas experiências, um dia Wakana abordou por fim o que até ao momento não tinha sido referido.

— O que lhe aconteceu aos dedos, Tokue?

Sentarô virou-se e viu Tokue, que estava sentada na cozinha, entrelaçar as mãos para tentar escondê-los.

— Oh, isto. Quando era pequena estive doente e os meus dedos ficaram deformados.

— Que tipo de doença?

Sentarô viu a sua expressão endurecer.

— Foi uma doença terrível. — E não acrescentou mais nada.

Wakana acenou com a cabeça e calou-se. Pôs o resto do *dorayaki* na boca e mastigou sem fazer qualquer comentário, como se quisesse disfarçar aquele momento embaraçoso. Sentarô pensou que aquele mastigar parecia uma conversa silenciosa entre Tokue e Wakana.

Depois daquele dia, Wakana não voltou à Doraharu.

***

Tokue conversava frequentemente sobre as adolescentes enquanto lavava a loiça. Reparava que fulana começara a sorrir há pouco tempo, o que significava as coisas deviam estar melhor em casa. Ou dizia que outra das miúdas tinha o coração partido porque vira as amigas a consolá-la. Embora os tempos mudassem, as palavras de consolo eram sempre iguais, observou. Outra das adolescentes tinha-lhe mostrado o seu telemóvel, que era, aparentemente, o modelo mais recente, por isso era bem possível que Sentarô ainda não tivesse visto um, disse. Que tipo de mundo teremos no futuro, agora que estas coisas são uma parte inseparável da vida das crianças?, questionou.

Tokue também mencionou Wakana.

— Ela não vem cá há algum tempo — comentou um dia. Sentarô estava a raspar as migalhas queimadas da chapa.

— Está a referir-se àquela miúda mal-educada?

— Porque diz isso?

— Ela fez-lhe aquela pergunta sobre os seus dedos, não foi?

— O senhor fez o mesmo — afirmou Tokue.

— Eu tinha de dizer aquilo. Tinha de perguntar pelo menos uma vez.

— Mas... as coisas são como são.

— Como? — Sentarô pareceu confuso.

— Às vezes, penso... qual é o problema?

Sentarô levantou a cabeça da chapa para olhar para Tokue, ainda sem perceber.

— Os adultos é que olham e fingem que não veem. Isso é melhor? Ou é preferível perguntar diretamente?

— Não é fácil responder a isso.

— Eu sabia que a Wakana já andava intrigada com os meus dedos há algum tempo. Só perguntou porque queria conhecer-me melhor.

— Acha que sim?

— Sim, por isso não embirre com ela nem fale sobre ela dessa forma.

— O que se passa? Agora está zangada comigo?

Tokue sorriu e Sentarô descontraiu ligeiramente.

— Gosta de crianças, não gosta? — perguntou-lhe. — Eu fico tenso quando elas chegam em grupos.

— Eu queria ser professora, sabia?

— Professora primária?

— Não seria mau, mas o que mais queria era ensinar japonês no liceu. Queria estudar.

— As coisas devem ter sido difíceis depois da guerra... o país era pobre. — Instintivamente, Sentarô tentou antecipar-se a Tokue e facilitar quaisquer confidências.

— Eram todos pobres, não apenas a minha família.

— Porquê professora de japonês? — Sentarô continuou a fazer perguntas para tentar voltar à conversa.

— Eu gostava de poesia. Quando era jovem, costumava ler poesia. Heine e Hakushu Kitahara e outros poetas, em livros que encontrava no quarto do meu irmão mais velho.

— Céus, Tokue. A senhora é cheia de surpresas.

— Ler e imaginar coisas era praticamente o único prazer que tinha naquele tempo. Adorava usar a imaginação. Foi por isso que achei interessante o senhor querer ser escritor.

— Isso foi há muito tempo.

— Mas já não tem sonhos do passado? Eu nunca pensei que teria a oportunidade de falar com encantadoras meninas como aquelas nesta vida. É por isso que estou tão feliz.

— Está a chamar encantadoras às miúdas que vêm cá?

— Sim, estou. Nunca consegui ser professora, mas agora posso experimentar uma fração do que poderia ter sido. Obrigada por me dar a oportunidade de conhecer aquelas meninas.

— Não diga isso. Sou eu que estou a ser ajudado.

Enquanto esfregava a chapa com uma escova de arame, Sentarô rezou em silêncio para que Wakana aparecesse em breve.

12

As férias de verão chegaram ao fim e as adolescentes que se juntavam na Doraharu começaram a aparecer de novo com os uniformes escolares. Os dias continuavam quentes e húmidos, mas a temperatura descia consideravelmente ao cair da noite. Folhas desbotadas sussurravam ao sabor do vento e caíam no passeio diante da loja.

Sentarô tinha acabado de limpar o interior e estava a retirar as folhas mortas das ranhuras das grades quando ouviu uma voz atrás de si.

— Desculpe vir tão tarde. — Era a patroa, a proprietária da loja.

— Oh — balbuciou ele, surpreendido. — Minha senhora.

Convidou-a para entrar e para se sentar ao balcão. Estava abalado com aquela visita de surpresa e tentou perceber porque estaria ela ali. Reuniam-se todas as semanas para verificar os livros de contabilidade e as transferências bancárias — por vezes na loja, outras vezes em casa dela —, mas esses encontros eram sempre combinados com antecedência. Ela estava surpreendentemente ocupada com uma imensidão de consultas médicas. Sentarô estava sempre a trabalhar, por isso também não tinha muito tempo. Assim, todos os assuntos profissionais eram por norma discutidos fora do horário de expediente, quando não havia clientes, e ela telefonava sempre de véspera. Aquele acordo tácito convinha a Sentarô, pois dava-lhe tempo para organizar a contabilidade e limpar a loja antes da sua chegada. E o mais importante era que podia evitar um encontro entre ela e Tokue.

Então porquê, de repente...? Sentarô teve um mau pressentimento. Há pouco, Tokue ainda estava a limpar a loja. Se a proprietária tivesse chegado uma hora antes, ter-se-iam cruzado.

Ela pousou a bengala em cima do balcão.

— Chá, por favor, Sentarô — disse, a apontar para as chávenas. Ele pôs a chaleira ao lume.

— Lamento vir numa altura em que está ocupado.

— Não se preocupe. O que se passa?

Ela observou rapidamente o interior e depois apertou os lábios com força e olhou-o nos olhos.

— Há rumores — começou — sobre uma pessoa que trabalha aqui.

— Oh, deve ser a Tokue.

— Tokue... é esse o seu nome?

O momento que Sentarô temia chegara por fim. Ele desviou os olhos e pousou os dedos na pega da chaleira.

— Uma pessoa contou-me. É verdade que ela tem as mãos aleijadas?

Sentarô fechou os olhos de novo antes de falar.

— Bem, um pouco... isso é um problema?

— E também tem uma paralisia no rosto?

Sentarô fitou-a com uma expressão intrigada.

— A minha amiga diz... lamento, mas não é bom... a minha amiga diz que parece lepra.

— Lepra?

— Hoje em dia, chamam-lhe doença de Hansen.

— Doença de Hansen... — Sentarô sentiu o sangue fugir do rosto.

— Sim, e isso deixou-me preocupada. Na verdade, passei por aqui há uma hora e fiquei a olhar da rua.

— Porque faria uma coisa dessas? Podia ter entrado e conhecido a Tokue.

Ela acenou com a cabeça e olhou-o com uma expressão gélida.

— Isso não seria muito bom para si, pois não, Sentarô? Não tem andado a escondê-la até agora, para eu não a conhecer?

— Como assim? Não... que ideia!

A chaleira vibrou sob a sua mão quando a água começou a levantar fervura. Por dentro, sentia um turbilhão ainda maior.

— Não consegui ver muito bem, mas as mãos daquela mulher tinham sem dúvida algum problema.

— Não é assim tão flagrante.

— Os clientes reparam. Não é bom para a loja.

— Ah...

— Se há alguma coisa que não me está a dizer, pode falar.

— Não é... só quero dizer que o negócio melhorou graças à pasta de feijão da Tokue. Ela tem cinquenta anos de experiência.

Sentarô deixou a água levantar fervura e despejou-a no bule.

— Ela também é popular entre os jovens.

— A sério? É evidente que trabalha muito.

— Sim. Ela faz um bom trabalho.

— Que idade tem esta pessoa?

— Setenta e tal — respondeu Sentarô enquanto enchia uma chávena com chá —, mas está muito bem para a idade. — Sorriu para a proprietária da loja.

— Mais ou menos a minha idade — afirmou ela, pegando na chávena. — Ah! — inspirou fundo.

— O que foi?

— Ela também usou esta chávena?

Sentarô acenou com a cabeça.

— Dizem que o contágio é raro... mas isto é grave, Sentarô. O que acontecerá se se souber que um estabelecimento de restauração tem uma empregada leprosa?

— Mas... a Tokue adoeceu quando era criança e os dedos ficaram assim por causa disso. Ela já está curada há muito tempo.

— É claro que ela diz isso, não é? Sabia que nos casos graves de lepra as pessoas podem perder os dedos, Sentarô?

— A Tokue tem os dedos todos.

— Onde vive essa mulher?

Sentarô virou-se e pousou uma mão no peito, como se quisesse conter a agitação que sentia. O caderno onde Tokue anotara a morada estava numa prateleira na cozinha. Encontrou-o e abriu-o para mostrar à proprietária. Ela olhou para as palavras, ficou imóvel e fechou os olhos.

— O que se passa?

— É onde estão os leprosos. — Falou num sussurro, embora não houvesse mais ninguém na loja. — É um sanatório.

Sentarô pousou as duas mãos no balcão. Em silêncio, olhou para o endereço que Tokue escrevera. Então, era isso. Era por isso que lhe fizera lembrar alguma coisa a primeira vez que o vira. Na altura, não tinha conseguido perceber de onde conhecia aquele sítio, mas ao ouvir as palavras da proprietária da loja lembrou-se de que já ouvira rumores sobre o bairro, precisamente por causa do sanatório.

— Esta caligrafia está toda torta.

— Mas... ela diz que está curada.

— Não sei como é agora, Sentarô, mas as pessoas costumavam ficar isoladas até ao fim da vida quando tinham esta doença. Eu via-as quando era criança, a andar perto do templo. Tinham rostos pavorosos... pareciam monstros. As autoridades de saúde pública costumavam desinfetar todos os sítios onde eles tinham estado.

— Mas, minha senhora... — Sentarô pegou na chávena que ela tinha empurrado na sua direção e levou-a para o lava-loiças. — Eu sei que já disse isto, mas é graças à Tokue que esta loja está por fim a dar lucro. Ela chega cedo e prepara a pasta de feijão.

A senhoria olhou com atenção para a panela de cobre que estava em cima do fogão e para a tigela onde o feijão *azuki* demolhava.

— Eu percebo. Mas, se a pessoa que me informou começar a falar com outras, estamos arrumados. E se algum dos clientes apanhasse lepra e esta loja fosse a origem da infeção?

— Quem lhe disse *o quê*, exatamente?

— Não posso responder a isso. — Ela apertou os lábios e olhou para Sentarô. — Pense no que vai acontecer se ela continuar cá. E se você também apanhar?

Sentarô só conseguiu pestanejar em resposta. Virou-se para os feijões que estavam de molho.

— Em todo o caso... Tokue, não é? Ela tem de... — Calou-se durante alguns instantes, mas depois continuou num tom decidido. — Pague-lhe... dê-lhe uma boa quantia... mas tem de a mandar embora. Se ficar, esta loja vai ter problemas.

— Mas o que faço em relação à pasta de feijão?

— Pode prepará-la, não pode? Já deve ter aprendido com ela.

Aprendera? Sentarô não se sentia confiante. A atitude de Tokue perante os feijões continuava a surpreendê-lo. A um nível profundo, a diferença entre ambos era muito grande.

— Então, Sentarô? Não é capaz de fazer a pasta de feijão sozinho?

— O problema não é esse.

— Então, qual é?

— O que acontece é que a Tokue e eu tornámos esta loja lucrativa juntos. De vez em quando, até temos filas. E também há adolescentes que contam com ela. É o tipo de pessoa que quer despedir?

— Eu não lhe estou a pedir isto de ânimo leve. Mas tem de ser. Está em causa uma doença. Uma doença muito grave. E pelo menos uma pessoa já reparou.

Sentarô percebeu que ela não ia ceder. Apesar de não se recusar declaradamente a obedecer-lhe, também não quis deixar de dizer:

— Por favor, dê-me algum tempo.

A senhoria ficou dececionada.

— Prometeu que me avisaria quando entrevistasse trabalhadores temporários — declarou, insistente. Apontou para um canto da cozinha. — Dê-me aquilo — pediu, esticando o queixo na direção do *spray* de álcool desinfetante para a cozinha.

Sentarô estendeu-lho e ela borrifou-o nas mãos. Finas gotículas da solução à base de álcool pairaram no ar e flutuaram até aos feijões que Tokue deixara a demolhar.

— Compreendo como se está a sentir. Não gosto de dizer isto. Mas de vez em quando é necessário fazer sacrifícios. O meu marido confiou-lhe esta loja. Você é o responsável por ela, por isso quero que faça bem o seu

trabalho e que não se deixe levar pelas emoções. E além disso... — fez uma pausa — ainda nos deve dinheiro, não é verdade?

Sentarô baixou os olhos e não disse nada. Só voltou a levantar a cabeça depois de ela sair.

***

Nessa noite, não conseguiu dormir.

Ao contrário do que era habitual, foi para a cama sem tomar uma bebida e contemplou o teto escuro, com a mente num turbilhão. Passado algum tempo, chegou à conclusão de que não sabia nada sobre a doença de Hansen e, como não conseguia adormecer, levantou-se. Acendeu o candeeiro da secretária, ligou um computador velho e coberto de pó que não ligava há muito tempo e entrou na Internet através de um cabo analógico que também raramente era usado. Abriu um motor de busca e digitou «doença de Hansen».

No ecrã surgiu uma lista de títulos de artigos. Sentarô olhou para o monitor, sem saber onde começar. A única coisa que sabia era que não queria ver fotografias chocantes de doentes. Preparou-se para o que o esperava e começou por ler todos os títulos pela ordem que apareciam. O conteúdo era muito variado: relatos históricos da doença, explicações médicas, as agridoces vitórias e lutas de antigos doentes que tinham feito tudo o que estava ao seu alcance para anular a Lei de Prevenção da Lepra, artigos de grandes jornais e páginas relevantes do *website* do Ministério da Saúde.

Fez uma seleção e leu tudo metodicamente. Todos os artigos continham termos médicos que faziam o tópico parecer difícil, mas conseguiu deduzir o suficiente ao ler as partes mais acessíveis e juntar todas as informações.

Para começar, descobriu que as pessoas que viviam atualmente em sanatórios em todo o Japão estavam curadas da doença. Não havia pacientes com a doença ativa. E, se houvesse um surto de doença de Hansen, os métodos modernos de tratamento tinham a capacidade de garantir uma rápida cura total sem que o doente representasse um perigo de contágio. Além disso, a doença apresentava um nível extremamente baixo de contagiosidade e não havia registo de algum profissional de saúde japonês ter ficado infetado ao tratar esses doentes. No entanto, nos tempos em que

as condições de higiene eram menos avançadas e ainda não havia um tratamento, era considerada uma doença incurável e a lei ditava que os doentes tinham de ser isolados. Também eram discriminados devido aos efeitos secundários, como a perda de extremidades do corpo. Porém, esses sintomas só surgiam em doentes que começavam a ser tratados quando a doença já estava muito avançada. Com tratamento precoce e adequado, não havia efeitos secundários permanentes.

Depois de dar mais uma vista de olhos, Sentarô desligou o computador. Tinha visto fotografias que o fizeram querer desviar os olhos, mas agora estava muito menos preocupado com o problema de Tokue. Era verdade que ainda havia sanatórios, mas não havia doentes e, mais importante, já não havia portadores da doença.

Mesmo que Tokue tivesse sofrido daquela doença no passado, como a proprietária da loja suspeitava, esse facto já não constituía um problema. E ainda por cima Tokue dissera que tinha ficado doente quando era pequena. Há muito tempo que estava curada.

Não era necessário mandá-la embora. Embora estivesse convencido disso, Sentarô não sabia muito bem como lidar com aquela situação.

Pensou que poderia imprimir alguns dos artigos que lera na Internet e mostrá-los à proprietária da loja. A doença estava praticamente erradicada no Japão e não era possível que Tokue fosse uma fonte de contágio décadas após estar curada. Deveria dizer-lhe isso? Não estava confiante de que uma abordagem tão direta tivesse alguma influência nela. Limitar-se a dizer-lhe que, medicamente falando, não existia qualquer motivo para preocupação, não anularia o mal que a doença fizera aos dedos de Tokue. E o que as pessoas viam era os seus dedos. Sentarô teve o pressentimento de que a proprietária da loja não mudaria de ideias a respeito de querer que Tokue fosse despedida.

Nesse caso, o que faria?

Chegou à conclusão de que uma solução talvez fosse pedir a Tokue para se afastar durante algum tempo. Seria forçado, sem dúvida, mas poderia explicar-lhe que se tratava de um emprego temporário, pedir-lhe para se ir embora e voltar a contratá-la no momento certo, para que continuasse a ensiná-lo a confecionar pasta de feijão. Sentarô refletiu. Acalmaria a

proprietária da loja e, entretanto, esforçar-se-ia para aperfeiçoar as técnicas de confeção da pasta de feijão.

Todavia, quanto mais pensava no assunto menos entusiasmado se sentia com aquela ideia. Estaria apenas a fazer a vontade à proprietária da loja e não conseguia pensar numa justificação para dar a Tokue. Além disso, quem queria sair da loja era ele. Seria mesmo necessário ficar para resolver aquele problema?

Continuou a olhar para o teto escuro, incapaz de chegar a uma conclusão.

13

Sentarô não conseguiu tomar uma decisão.

Incapaz de decidir o que fazer em relação a Tokue, ou ao futuro da loja, continuou simplesmente a trabalhar como sempre. Não disse nada a Tokue a respeito da visita da proprietária da loja nem das coisas que lera na Internet sobre a doença de Hansen. A sua atitude também não mudou. Continuou como se nada se tivesse passado. No entanto, sentia uma ansiedade tão grande que tinha um peso no estômago. Era apenas uma questão de tempo até a proprietária da loja lhe pedir uma explicação e tinha de decidir como iria acalmá-la quando esse momento chegasse.

Aquela situação estava a tornar-se insustentável. Perguntou a si mesmo se também devia demitir-se. Pensou abandonar tudo, mas depois recordou o rosto anguloso do falecido patrão.

— Eu resolvo os teus problemas financeiros e tu vens ajudar-me.

Sentarô estava a trabalhar em *part-time* num bar desde que saíra da prisão quando aquele homem grande o abordara com aquela proposta.

Tinha sido preso por violação da Lei de Controlo da Canábis. Fora o seu primeiro delito, mas também estava envolvido em tráfico. Embora não fosse o principal culpado, tinha ligações a membros de um grupo de crime organizado, de quem recebia benefícios financeiros. Tinha sido condenado a uma pena de prisão efetiva e passara dois anos a olhar para as paredes. Durante o duro interrogatório que antecedeu o julgamento, não divulgou os nomes de certas pessoas. O antigo patrão era uma delas; um personagem pouco importante e duvidoso que explorava as ligações com bandos criminosos. Contudo, Sentarô estava convencido de que ele ainda conservava alguma humanidade.

— Fizeste bem em proteger-me — disse a Sentarô na noite em que o convidou para trabalhar na Doraharu. Estavam parados no passeio e o homem grande chorava em silêncio. Depois, foram beber até de manhã.

O patrão bebia muito e a bebida provocara-lhe cirrose. O seu rosto tinha a mesma cor de bronze dos *dorayaki* que confecionava. No fim, vomitou

sangue enquanto estava a calçar os sapatos para ir para o hospital e faleceu onde estava devido à rutura de uma veia. Sentarô estava no terceiro ano de trabalho na Doraharu.

Depois do funeral, a mulher do patrão implorara-lhe que continuasse na loja. Apertara-lhe as mãos, com lágrimas nos olhos, e contara-lhe que o marido lhe tinha dito para deixar o negócio nas suas mãos se lhe acontecesse alguma coisa.

Era um facto que o casal o ajudara durante um período conturbado da sua vida, depois de sair da prisão. Quando pensava nisso, parecia-lhe inconcebível abandonar a loja antes de pagar as dívidas. Estava plenamente consciente disso.

Parado diante da chapa, suspirou enquanto refletia. Que dilema. Para começo de conversa, nem sequer era uma pessoa muito trabalhadora. Que diabo faria?

Incapaz de encontrar uma resposta, limitou-se a fazer o que fazia todos os dias: confecionar panquecas para os *dorayaki*, recheá-las com pasta de feijão e sorrir para os clientes. E, como o falecido patrão, bebia noite após noite.

O tempo foi passando e as monções de outono chegaram, trazendo consigo dias e dias de chuva interminável. Na rua, os transeuntes passavam com casacos de malha e blusões, sempre com um chapéu de chuva na mão. Na árvore diante da loja, as folhas descoradas começaram a cair sem parar.

A mudança surgiu de repente. Quando Sentarô reparou, a situação já era preocupante.

— É a monção, suponho — murmurou com uma expressão preocupada enquanto examinava os livros de contabilidade com Tokue.

Tiveram de ajustar o volume de feijões que coziam. Na verdade, havia uma grande quantidade de pasta de feijão no frigorífico e não era necessário confecionar mais. Estranhamente, as vendas tinham caído na última semana e os últimos três dias em especial tinham sido terríveis.

À janela, Tokue contemplou o céu carregado e a rua.

— Se ao menos o tempo desanuviasse um pouco.

— Este tempo deprime qualquer pessoa — declarou Sentarô, a tentar afastar uma ansiedade que não expressou.

A quebra de receitas era inquestionável. As vendas tinham diminuído devagar, mas de uma forma constante, como se acompanhassem os dias cada vez mais curtos.

— As coisas vão melhorar quando a chuva parar — disse, como se estivesse a tranquilizar-se.

— Sim, só precisamos de um pouco de céu azul.

No fundo, Sentarô desconfiava que poderia existir outro motivo. Tendo em conta que a estação das chuvas de junho tinha sido muito movimentada, aquela explicação não fazia sentido. Apesar do calor e da humidade, os clientes faziam fila à chuva, com chapéus de chuva na mão, e as vendas tinham aumentado. Afinal, o que se passava? Normalmente, aquele devia ser o início da época dos *dorayaki*, quando o ar frio começava a fazer-se sentir.

Também teve em consideração a possível influência da economia estagnada. Naquela rua, havia lojas que fechavam e não voltavam a abrir. Na semana anterior, uma peixaria encerrara depois de resistir com dificuldade durante muitos anos. Aquela zona estava a ficar cada vez mais deserta. Um tempo assim, com chuva a cair sem parar e o céu carregado dia após dia, bastava para deixar toda a gente deprimida. Ninguém tinha vontade de comprar coisas, pois não?

— Pensando bem, eu também não tenho comprado nada nos últimos tempos...

Tokue, que estava a espreitar pela janela com uma expressão ausente, voltou-se e olhou-o com perplexidade.

— E a senhora, Tokue? Comprou alguma coisa nos últimos tempos?

Aparentemente, ela continuava sem perceber onde ele queria chegar nem o significado do que lhe estava a ser perguntado.

— Está a referir-se a ir às compras? — perguntou.

— Sim. Não estamos a vender muito, mas pensei que também não compramos muito.

Tokue acenou com a cabeça, percebendo por fim.

— Eu não vou às compras — murmurou. Voltou as costas a Sentarô e foi para as traseiras da loja.

***

No final dessa tarde, a proprietária voltou depois de Tokue sair.

Sentou-se ao balcão e examinou os livros de contabilidade. Falou pouco e quando terminaram endireitou-se com um suspiro audível.

— Sentarô.

Ele também se endireitou.

— Não lhe pedi para despedir aquela mulher o mais depressa possível?

Sentarô ficou rígido e acenou com a cabeça.

— Já voltei várias vezes e fiquei na rua, apesar de esta loja ser minha. Você também tem uma reputação a manter, não se esqueça disso. Aquela mulher está sempre aqui, não está? Tokue, ou seja qual for o seu nome. Ela continua a trabalhar aqui.

— Mas, no sentido a que se está a referir... a Tokue está bem. Porque está curada.

— Se está curada, porque vive no sanatório? Porque não resolve isto?

— Eu... bem...

— Falou com ela?

Sentarô não conseguiu encontrar palavras.

— O quê? Ainda não lhe perguntou se teve lepra?

— Bem...

— O que lhe passou pela cabeça?! — A voz da proprietária da loja vibrou estridentemente.

— Se esperar um momento, minha senhora...

— Porque esperaria mais? Já me manteve à espera durante todo este tempo.

— A Tokue esteve doente há muito tempo e pode ter sido doença de Hansen, mas agora está curada... é igual a todos nós.

— Não é igual! Tem os dedos deformados, não tem?

— Aquela doença está praticamente erradicada no Japão. Já não há doentes no sanatório.

— Como assim? Porque devo acreditar em si, se nem sequer é médico?

— Manda-me despedir uma pessoa que não está doente só porque esteve doente no passado?

— Esta loja serve comida e bebidas! Temos uma imagem para proteger. Acha que podemos ter aqui uma pessoa que afugenta os clientes?

A proprietária da loja levou as mãos às zangadas faces vermelhas e depois deixou-as cair ao longo do corpo.

— Não queria ter de dizer isto, mas é graças a esta loja que consegue sobreviver, não é? Quando estava entre a espada e a parede, quem é que lhe resolveu os problemas? Não pensa que a loja lhe pertence, pois não, Sentarô? Se não despedir aquela mulher, não terei outra opção a não ser dispensar os seus serviços. Percebeu?

— Mas... eu...

— O meu marido abriu esta loja. Agora, a proprietária sou eu.

— Minha senhora.

— Eu sei. Também não é fácil para si. Mas olhe para estes números. Como podem estar tão bem e depois caírem desta maneira? Será que se espalharam rumores de que há uma pessoa doente a trabalhar aqui? Se for isso, a loja está acabada.

— Não. Se assim fosse, eu teria ouvido alguma coisa. Talvez seja esta monção que não tem fim. Os negócios correm mal em toda a parte e a chuva não para de cair.

— Não importa. Mande-a embora. — A proprietária da loja inspirou fundo e apertou os lábios com força. Fez-se um longo silêncio. Aparentemente, estava à espera de uma resposta de Sentarô, mas ele não disse nada e ela perdeu a paciência.

— É a minha última palavra — declarou, saindo intempestivamente da loja.

14

Grilos cantavam por baixo da cerejeira. Na rua, ouvia-se o som característico de passos de pessoas a andarem de um lado para o outro. No outonal céu noturno brilhavam estrelas, visíveis de novo pela primeira vez em muitos dias.

A chapa estava quase fria, mas o rosto de Sentarô continuava encharcado em suor.

— Não vai mudar de ideia?

Tokue estava sentada.

— Não — respondeu, a abanar a cabeça. — Já decidi. Estou quase no meu limite.

— Pode vir apenas uma ou duas vezes por mês?

— Acho que não...

— Mas ainda não aprendi tudo o que preciso de saber sobre a sua pasta de feijão doce.

Do outro lado das grades meio fechadas ouviram-se vozes. Provavelmente, adolescentes que voltavam para casa após as atividades extracurriculares. Um par de pernas em minissaia apareceu por baixo da grade.

— Parece fechada. Que seca.

— Lamento. Já estamos fechados — gritou Sentarô.

Ouviu-se um resmungo em resposta e o som de passos a afastarem-se.

— É a menina que joga ténis. — Um sorriso iluminou os olhos de Tokue durante um segundo e depois ela baixou de novo a cabeça. As suas mãos apertadas uma na outra estavam pousadas sobre o avental dobrado no colo.

— Aquelas miúdas vão sentir o mesmo que eu. Tem de vir visitar-nos de vez em quando — implorou Sentarô.

Tokue abanou a cabeça.

— Porque não, Tokue?

— Acho que as vendas podem ter baixado recentemente por causa do meu passado.

— Oh, eu... não acho que...

— Tenho a certeza.

— Não sabemos isso.

— Embora esteja curada há mais de quarenta anos.

Então, não se demita, quis Sentarô dizer — na verdade, pensou que *devia* dizer —, mas lembrou-se do rosto da proprietária e as palavras morreram-lhe nos lábios. Não disse nada.

Tokue olhou-o, apreensiva.

— Está tudo bem, Sentarô.

— Não, eu não consigo resolver isto. A culpa também é minha.

Tokue pegou no avental que estava pousado nos joelhos e apertou a bainha com os dedos deformados.

— Porque teria alguma culpa? — perguntou.

— Tokue?

— Sim.

— Acho que não devia ter de perguntar isto, mas a sua doença... foi doença de Hansen?

— Sim. Eu já lhe devia ter contado.

— Oh... — murmurou Sentarô vagamente, mas não conseguiu dizer mais nada.

— Quando somos diagnosticados, é o fim da nossa vida. Esta doença era assim.

Sentarô olhou para os dedos de Tokue, que apertavam a bainha do avental.

— Castigo divino, chamavam-lhe. Algumas pessoas até diziam que era uma punição por pecados cometidos numa vida anterior. Se alguém apanhava a doença, a polícia e as autoridades de saúde pública eram

chamadas e faziam uma desinfeção completa. Também era horrível para as famílias. Era uma vergonha enorme.

— Mas a senhora foi curada, não foi?

Tokue acenou enfaticamente.

— Sim, tomámos o medicamento que veio da América. Mas fiquei com estas sequelas nos dedos. Outras pessoas também têm.

— Eu li algumas coisas sobre o assunto. Esteve mesmo isolada? Quero dizer... totalmente?

— Sim. — Tokue ergueu uma sobrancelha. — Então, andou a pesquisar?

— Ah, sim, na Internet.

— Estávamos em isolamento total, o que significava que nunca podíamos sair daqueles portões. Sabia que a lei só foi abolida há pouco tempo?

— Desculpe por estar sempre a bater na mesma tecla, mas já não tem a doença, pois não?

— Não. Fui considerada não portadora há quarenta anos. Mas, mesmo assim, não me deixavam ir à cidade como faço agora. Quando adoeci, tinha apenas... — Tokue calou-se. Cerrou os lábios e levou a ponta do avental aos olhos.

— Lamento, Tokue. — Sentarô olhou para o chão.

— Tinha mais ou menos a idade das meninas que vêm cá.

Ao pensar em tudo o que ela tinha passado, Sentarô não conseguiu olhá-la nos olhos.

— Tokue...

— Estive fechada desde então.

— Passou todo este tempo num sanatório?

— Sim. Em Tenshoen.

Então, era isso. Sentarô percebeu que já tinha ouvido aquele nome. Sabia mais ou menos onde ficava, mas nunca estivera naquela zona.

— É muito longe daqui, não é? Como é que chega cá tão cedo, antes de os autocarros começarem a circular?

— Oh, isso não importa.

— Não vinha de táxi, com certeza?

— Não pense mais nisso. — Tokue sorriu com uma expressão triste.

— Vinha de táxi... com aquele salário? Desculpe.

— Não se preocupe. Adorei todos os momentos.

— A senhora não...

— Estou a ser sincera. Houve uma altura em que perdi toda a esperança de alguma vez atravessar aqueles portões e voltar a ver o mundo. Mas agora, olhe para mim. Tive a oportunidade de vir para cá. Conheci muitas pessoas. E isso só foi possível porque me deu um emprego.

Sentarô abanou apressadamente a cabeça.

— Foi a senhora que me ajudou.

— Oh, não diga isso, patrão. Eu sou velha. Tenho as mãos deformadas. E um lado da cara está paralisado. Apesar de tudo isso, aceitou-me. E deixou-me falar com aquelas meninas amorosas. Sempre quis fazer este tipo de trabalho, por isso estou feliz. — Limpou os olhos com o avental. — Na verdade, já andava a pensar demitir-me. Tenho estado um pouco cansada nos últimos tempos. É um bom momento. — Baixou a cabeça com cabelos brancos numa respeitosa vénia. — Obrigada — disse.

— Não, eu é que tenho de lhe agradecer. Por tudo o que fez por mim.

— Bem, vou andando.

Ainda sentada, Tokue virou-se para contemplar a loja e os seus olhos detiveram-se no prato de panquecas rejeitadas. Depois, dobrou de novo o avental, pousou-o em cima da bancada da cozinha, guardou o lenço na mala e levantou-se.

— Despeça-se da Wakana e das outras meninas por mim.

— Se elas aparecerem, eu digo-lhes.

Tokue abriu a porta e saiu. Sentarô acompanhou-a, mantendo-se ao seu lado. Folhas caíam das cerejeiras e espalhavam-se pela rua, indistintamente

iluminadas pelos candeeiros de iluminação pública.

— A primeira vez que vim cá, as cerejeiras estavam em flor, mas agora são uma visão triste — disse ela.

— O vento também é frio.

— Será que vou ver as flores no próximo ano?

— Claro que sim. Por favor, Tokue, vai voltar para me ensinar a fazer pasta de feijão?

Tokue esboçou um leve sorriso, mas não respondeu.

— Obrigada — disse mais uma vez.

— Eu é que tenho de lhe agradecer. Do fundo do coração.

Tokue levantou a mão para deter Sentarô, que parecia disposto a segui-la.

— Não precisa de ir mais longe — afirmou.

Ele ficou a olhar em silêncio enquanto Tokue se afastava e desaparecia na noite escura. Ao vê-la distanciar-se, apercebeu-se pela primeira de que ela era muito pequena. A ideia de demissão partira dela. Ele limitara-se a aceitar a sua decisão, mas era como se tivesse mandado a própria mãe embora.

Pálido, voltou para a loja e parou no meio da cozinha. Os seus olhos detiveram-se na embalagem de álcool desinfetante que estava na ponta da bancada. Atravessou a cozinha para pegar nela e atirou-a contra a grade fechada.

15

O outono foi avançando. Folhas mortas amontoavam-se no passeio à porta da loja, apesar de Sentarô as varrer de manhã e à noite. As pessoas passavam por baixo da cerejeira de troncos despidos sem parar na Doraharu.

Ele observava o que o rodeava com olhos congestionados que espelhavam a ressaca. No últimos tempos, andava a beber mais. A seguir ao trabalho, entrava no primeiro bar que encontrava e, embora nunca fosse violento, não parava de beber até começar a cambalear. À noite, na cama, pensamentos invadiam-lhe a mente, palavras atormentavam-lhe o cérebro, e na manhã seguinte acordava com a cabeça pesada.

Passado algum tempo, a situação tornou-se tão má que deixou de conseguir chegar a tempo de confecionar a pasta de feijão. As seis da manhã tornaram-se sete, oito e depois nove. Havia dias em que só ia para a loja perto do meio-dia.

Era como se tudo na rua estivesse a rejeitá-lo, até as cerejeiras. Os clientes não pareciam ter vontade de voltar e os poucos clientes habituais que ainda frequentavam a loja não se coibiam de expressar as suas queixas.

— No outro dia, cheirou-me a queimado — disse-lhe um.

Havia momentos em que pensava que era ele que devia ir para o caixote do lixo em vez das panquecas que não podiam ser usadas para os *dorayaki.* Se se entregasse ao momento, talvez conseguisse. De vez em quando, pensava seriamente nisso. Porém, não era apenas uma questão de o que fazer, mas de uma motivação para agir. Passava os dias numa profunda apatia, mexendo apenas os olhos para espreitar para o mundo que o rodeava.

***

Na noite em que Wakana apareceu de novo, os ramos despidos da cerejeira curvavam-se com o vento. Sentarô acabara de desligar a chapa e preparava-se para fechar a loja.

Ela usava um casaco a três quartos e segurava um volumoso objeto embrulhado num pano verde, tão grande que lhe escondia a parte superior do corpo. Depois de o cumprimentar com um aceno rápido, pousou o objeto num banco do balcão.

— O que é isso?

— Hmm...

— Vou fechar agora.

— Sim — murmurou Wakana, sem se mexer.

Sentarô tirou um *dorayaki* da vitrine aquecida e ofereceu-lho.

— Não fiques aí parada, senta-te — disse-lhe.

— Obrigada — agradeceu ela em voz baixa. — A Tokue não está, pois não?

— Não.

Wakana olhou para o *dorayaki* e depois voltou-se para Sentarô.

— O que se passa? — perguntou-lhe ele.

— Bem... é difícil dizer isto, mas não tenho dinheiro.

— Como? — Sentarô riu-se. — Não te preocupes. A loja já fechou por hoje.

— Obrigada.

Wakana fez uma pequena vénia de agradecimento e pegou no *dorayaki* com as duas mãos. Sentarô pôs outro no prato.

— O que é isso? — perguntou, a apontar para o objeto que ela trouxera.

As mãos de Wakana pararam no ar, no momento em que se preparava para dar uma dentada no *dorayaki.* Baixou a cabeça.

— O que se passa é que...

— O quê?

— O problema é que... eu... fugi de casa.

— Fugiste? — Sentarô ergueu uma sobrancelha.

Ela acenou com a cabeça e esticou-se para o objeto que estava ao seu lado.

— Isto é uma cortina — disse, e afastou-a, revelando uma gaiola. Uma intensa mancha amarela mexeu-se no interior.

— Este bebé não tem para onde ir.

— Um canário?

— Chama-se *Marvy.* Acho que é um canário de peito amarelo-limão. De qualquer maneira, foi por isso que vim cá.

— Foi por isso que fugiste, não foi? E queres que eu... — Sentarô calou-se ao perceber que tinha mais um problema complicado para resolver.

— Prometi à Tokue.

— Prometeste-lhe o quê?

— Bem... — Wakana hesitou e espreitou para a gaiola do canário.

— Não me digas que queres que...

— Acho que ele foi atacado por um gato ou uma coisa assim. Encontrei-o há cerca de seis meses na berma da estrada, cheio de sangue. *Marvy,* foi o nome que lhe dei. Pensei que ia morrer, mas não consegui deixá-lo lá. Levei-o para casa e ele melhorou. Pus-lhe creme nos cortes todos os dias, fiz o que pude, e ele sobreviveu.

— Que bom.

— Mas — Wakana apontou para a gaiola — o *Marvy* é um menino, por isso, quando melhorou, começou a cantar de vez em quando. O problema é esse.

— Porquê?

— Porque vivemos num apartamento e não podemos ter animais de estimação. A minha mãe está sempre a dizer-me para o soltar antes que o vizinho conte ao senhorio. Mas o *Marvy* não consegue voar muito bem porque as asas ficaram presas por causa dos ferimentos. Quando o deixo sair da gaiola, ele voa um pouco e depois cai no chão. Desde o verão que a minha mãe me chateia todos os dias para o soltar. Mas o tempo está a ficar cada vez mais frio. O inverno não tarda e acho que um canário não consegue sobreviver na rua. Além disso, ele ainda não voa bem e pode ser apanhado outra vez por um gato ou por um corvo. Como posso soltá-lo sabendo isso?

Sentarô encheu um copo com água da torneira e bebeu um gole. Fez uma careta, como se estivesse amarga.

— Então, qual é o favor?

— Bem, pensei que isto poderia acontecer, por isso pedi conselhos à Tokue. Aqui mesmo.

— Aqui?

— Sim. Quando o senhor teve o seu esgotamento nervoso?

— O meu esgotamento nervoso?

— Foi o que disse a Tokue.

A altura em que desaparecera da loja no princípio do verão. Sentarô levou a mão ao rosto.

— E o que disse a Tokue?

— Disse que, se eu não pudesse continuar a cuidar dele, o senhor cuidaria.

— Eu?

— Sim.

O canário bateu as asas dentro da gaiola e saltitou num triângulo. Soltou um chilreio abafado. Sentarô nunca tinha ouvido um canário assim em toda a sua vida. Talvez não estivesse na época de cantar.

— A Tokue... como é que ela pôde dizer uma coisa dessas? Lamento, mas também moro num apartamento. Também não posso ter animais de estimação.

— Ela avisou-me de que o senhor poderia dizer isso. E disse que nesse caso talvez pudesse deixá-lo aqui na loja.

— A sério que ela disse isso?

— Sim.

— Como é que ela...? — Sentarô quase expressou a irritação que sentia diante de Wakana.

— Não posso ter animais de estimação na loja. Não sou o proprietário e além disso normalmente não é permitido haver animais de estimação em lugares onde é servida comida.

— A sério?

— Sim... não posso ficar com ele.

O rosto de Wakana ficou triste. Ela olhou para a gaiola do canário com uma expressão desapontada.

— Wakana. Sabes porque é que a Tokue deixou de trabalhar aqui?

Sentarô hesitou durante alguns instantes. O que poderia dizer a uma adolescente? Se não queria aprofundar a questão, teria de parar por ali. No entanto, não conseguiu conter-se.

— Recordas-te de perguntar à Tokue porque tinha os dedos assim, Wakana?

Ela levantou a cabeça e os seus olhos mexeram-se de um lado para o outro, inquietos. Acenou com a cabeça.

— Ela disse-te que ficou doente quando era jovem, certo?

— Sim.

— Foi a primeira vez que reparaste nos seus dedos, Wakana? Ou já os tinhas visto antes?

Wakana voltou-se de novo para Sentarô.

— Antes.

— Então, porque é que lhe perguntaste naquele dia?

Piu, piu, cantou o canário.

— Porque pensei que era melhor assim. — Os seus grandes olhos húmidos encheram-se de um suave brilho.

— Muito bem. Nesse caso... a Tokue estava preocupada com a diminuição das vendas na loja. Disse que podia ser por sua causa.

— Chama-se doença de Hansen, não é? — perguntou Wakana.

Sentarô confirmou com um aceno de cabeça.

— Como sabias?

— Contei a uma pessoa sobre os seus dedos.

— A quem?

Wakana baixou a cabeça para o *dorayaki* que estava no prato e depois levantou-a lentamente.

— À minha mãe.

Vento soprou pela porta. Folhas levadas pela ventania embateram na janela com um som de papel seco.

— Ah. À tua mãe?

— Sim. E um dia ela veio cá ver.

— E?

— Há um sanatório para pessoas com doença de Hansen aqui perto, não há? O autocarro vai até lá. Ela disse que talvez fosse alguém do sanatório. E... também me disse que eu não podia continuar a vir cá.

O canário voou em círculos no interior da estreita gaiola. Lá fora, as folhas da cerejeira caíam, umas atrás das outras.

Estava explicado o mistério. Sentarô demorou algum tempo a digerir aquilo, enquanto se esforçava para manter a mesma expressão. Ainda assim, as palavras escaparam.

— A tua mãe. Achas que ela falou com alguém sobre a Tokue?

— Não sei. Mas ela trabalha num bar à noite, por isso é possível que tenha apanhado uma bebedeira e contado a alguém. Talvez a um tipo qualquer que more perto daqui.

Wakana deixou-se ficar sentada sem se mexer, a olhar para a cozinha.

— A tua mãe não foi a única — disse Sentarô suavemente. — Outras pessoas também ficavam surpreendidas quando viam as mãos da Tokue. Tenho a certeza de que os clientes deixaram de vir cá por causa disso. Devem ter-se espalhado rumores.

— Isso é horrível — exclamou Wakana, como se aquilo não estivesse relacionado com ela.

Sentarô perguntou a si mesmo como poderia responder. Tentou várias vezes, sem êxito, antes de conseguir falar:

— A opinião pública é assim. É por isso que não posso ter esse canário aqui. Hoje em dia, toda a gente tem medo da gripe das aves. Há dez anos

talvez fosse possível, mas agora as pessoas teriam um fanico se vissem um pássaro num estabelecimento que serve comida e bebidas.

— Não sei. — Wakana tocou nos arames da gaiola com a ponta do dedo. *Marvy* saltou. — Acho que algumas pessoas viriam cá só porque tem um canário.

Sentarô abanou a cabeça.

— Não é assim tão simples.

Wakana baixou a cabeça.

— Mas por outro lado... — continuou Sentarô.

— O quê?

— Bem, eu falei em opinião pública como se não tivesse nada a ver com isso, mas a verdade é que fiz uma coisa muito pior — confessou ele.

Wakana não falou. Tocou na gaiola e o canário saltitou no interior, a dar pequenas bicadas perto do seu dedo. Por fim, afastou o dedo e olhou de soslaio para Sentarô.

— Quando ela me disse que se ia demitir, não insisti para que ficasse.

— Como assim? — perguntou Wakana.

— Embora ela me tenha ensinado a fazer pasta de feijão.

Fez-se um breve silêncio.

— Não estou a perceber, mas porque não começa de novo? — murmurou Wakana.

— Começar de novo?

— Sim.

— Como assim?

— No fundo, está preocupado com outra coisa, não está?

Sentarô emitiu um som evasivo. Desta vez, foi ele que baixou a cabeça.

— Experimente começar de novo.

— Não é assim tão simples...

— Tem o número do telefone da Tokue? — Wakana sentou-se direita.

Sentarô respondeu como se estivesse a ser espicaçado.

— Acho que ela não tem telefone. No entanto, tenho a morada.

— Quando falei com a Tokue, ela disse-me que ficaria com o *Marvy* se o senhor não pudesse... como último recurso.

— Ela disse isso? A sério?

— Disse. Juro. Estávamos a olhar para a lua cheia juntas. Via-se por cima da cerejeira que está à frente da loja. Ela disse que estava tão linda que devíamos ir vê-la da rua. Depois, enquanto estávamos a contemplá-la, ela disse aquilo acerca do *Marvy.* Foi uma promessa entre as três... a Tokue, eu e a lua.

— Uma promessa com a lua? Mas eu acho que a Tokue vive no sanatório.

— Ela prometeu.

— Está bem, vou escrever-lhe.

A luz regressou ao rosto de Wakana e ela voltou os intensos olhos grandes e húmidos para Sentarô.

Ele acabou por dizer que cuidaria do canário até receber uma resposta de Tokue. Levou-o para o apartamento e rezou para que nenhum dos vizinhos o denunciasse ao senhorio.

16

Uma espinhosa sebe de azevinho estendia-se até onde a vista alcançava.

Sentarô e Wakana encontraram as placas de sinalização do Museu Nacional da Doença de Hansen e do Sanatório Nacional de Tenshoen na esquina de uma tranquila rua suburbana que bifurcava da avenida principal e seguia nessa direção. O lado oriental da rua era uma zona residencial e o lado ocidental estava escondido por uma impenetrável sebe de azevinho que se estendia até perder de vista, como uma infinita fronteira verde. Sentarô pensou que aquele sítio era semelhante à prisão onde estivera em tempos a cumprir pena. Não viam vivalma. O único som que se ouvia era o chilreio de pássaros.

Marvy piou na gaiola, como se estivesse a responder-lhes.

— Esta sebe nunca mais acaba.

— É azevinho falso. Repare como as folhas são duras e espinhosas — explicou Wakana.

— Parece o azevinho do Natal.

— Devem ter plantado esta sebe a toda a volta para impedir que os doentes saíssem.

— Mas isso era antigamente, não era?

— Ainda está aqui, não está? — retorquiu ela.

Wakana também andara a fazer pesquisas na Internet e aprendera algumas coisas a respeito da política governamental de segregação forçada que era imposta às pessoas que sofriam de doença de Hansen.

Enquanto seguiam ao longo da sebe, Sentarô passou as pontas dos dedos pelos aglomerados de folhas duras e espinhosas. Os picos magoaram-no. Pressentiu que aquela barreira era muito mais proibitiva do que a prisão onde estivera detido. Em alguns sítios havia aberturas nos arbustos, que deviam ter sido lugares de passagem há muito tempo, mas do outro lado as árvores eram altas e densas e não deixavam vislumbrar o interior do recinto.

Caminharam durante muito tempo ao lado da sebe antes de avistarem a entrada do Museu Nacional da Doença de Hansen.

Perto do museu, o silêncio era ainda mais profundo. A luz do sol que se filtrava por entre as árvores salpicava o chão à entrada do edifício. No silêncio de sombras e luz, a quietude era palpável.

Ao lado da entrada do museu viram uma estátua de mãe e filha com o chapéu, bordão e roupa dos peregrinos. Qual delas estaria infetada, perguntou Sentarô a si mesmo, a mãe ou a filha? No passado, quando uma pessoa contraía aquela doença, as famílias — pais e filhos — eram obrigadas a abandonar as suas casas e a deambular por regiões desconhecidas. Sentarô sentiu uma tensão física ao pensar em toda a dor e sofrimento que aquele lugar representava.

No parque de estacionamento, viram uma placa com um mapa do recinto do Sanatório Nacional de Tenshoen e procuraram a loja onde tinham combinado encontrar-se com Tokue. A loja situava-se mais ou menos no centro, ao lado do edifício principal e dos balneários, e perto dos ordenados bairros residenciais com nomes como «Amanhecer» e «Vénus».

— Ainda é cedo.

Sentarô olhou para o relógio de pulso. Wakana tinha razão — tinham algum tempo antes de se irem encontrar com Tokue.

— Vamos dar uma volta?

— Sim — respondeu ela.

Apesar da resposta afirmativa, Sentarô detetou uma nota de relutância na sua voz. Reconheceu-a porque sentia o mesmo. Desconhecia aquele universo até há muito pouco tempo, um universo ao qual não tinha qualquer ligação, e agora estava no seu interior.

A Lei de Prevenção da Lepra tinha sido abolida em 1996. Nesse ano, os antigos doentes puderam, por fim, deixar o sanatório onde tinham estado isolados da sociedade. Ao mesmo tempo, os residentes da cidade, que não estavam autorizados a entrar em Tenshoen, passaram a poder atravessar os seus portões. Não obstante, durante cem anos vidas humanas tinham sido engolidas por aquele lugar, continuamente desprezadas. Sentarô teve a

sensação de que o singular silêncio se elevava da própria terra por baixo dos seus pés, impregnado de suspiros e mágoas.

***

Passaram pelo museu e entraram no recinto, seguindo por um caminho ladeado de imponentes cerejeiras, agora despidas de folhas. Sentarô pensou que aquelas árvores deviam ser magníficas na primavera.

Continuavam sem ver vivalma. Os únicos sons audíveis eram os chilreios dos pássaros.

— Não há dúvida de que isto é tranquilo — comentou Sentarô para encher o silêncio.

— Assustador — foi a palavra escolhida por Wakana para descrever o que a rodeava.

Sentaram-se num banco, perto da alameda de cerejeiras. Sentarô pousou a gaiola no chão e contemplou o espaço completamente deserto que os rodeava: continuava a não haver sinais de vida humana. Observou as ordenadas filas de casas térreas que lhe fizeram lembrar um complexo residencial, ou talvez um quartel do exército num país estrangeiro... em todo o caso, muito diferente da sua realidade.

O silêncio engoliu-os. Uma bicicleta surgiu ao longe e aproximou-se do outro lado das cerejeiras, num caminho que atravessava o recinto. Como agora o espaço estava aberto a todos, podia ser um antigo doente que ainda residia ali ou um habitante das redondezas.

A bicicleta aproximou-se e viram que o ciclista era um homem idoso com um chapéu de abas largas. De repente, Sentarô sentiu curiosidade a respeito do seu rosto e hesitou — devia olhar para ele ou não? Wakana baixou a cabeça. Sentarô olhou para cima quando o homem passou e os seus olhares cruzaram-se. O rosto do ciclista era completamente normal. Tinha nariz e não apresentava qualquer sinal de paralisia. Por sua vez, o homem observou-os como se fossem um espetáculo raro.

À medida que a bicicleta foi desaparecendo ao longe, Sentarô perguntou a si mesmo porque examinara o rosto daquele homem com tanta curiosidade. Dali a pouco entraria na loja e as pessoas com quem se cruzaria podiam ser antigos doentes. Era possível que alguns estivessem gravemente

desfigurados — estava preparado para isso? A verdade era que o simples facto de a palavra «preparado» lhe vir à ideia devia significar que estava errado em relação a si mesmo: não tinha dúvidas sobre a sua capacidade de controlar as emoções, mas não sabia se conseguiria controlar os sentimentos enraizados.

— O silêncio é tão grande que não sei o que pensar...

— Por ser real? Por viverem aqui pessoas? — Wakana olhou para as filas de casas.

— Deve ser isso. Não é o mesmo que ler sobre uma coisa na Internet, é a sério — respondeu Sentarô.

Espantados com aquele pensamento, acenaram um para o outro.

— Vamos andando para a loja? Ainda é cedo, mas a Tokue chega sempre adiantada.

— Vamos.

Levantaram-se e seguiram as indicações da placa. Até então, a alameda de árvores tinha seguido o contorno da sebe, mas a partir dali começaram a dirigir-se para o centro do recinto.

As casas térreas geminadas estavam divididas em três ou quatro apartamentos. Via-se roupa estendida à frente de alguns e outros tinham as cortinas bem fechadas. Continuava a imperar uma profunda quietude e nem sequer se ouvia o som de uma televisão ou de um rádio ao longe para quebrar o silêncio. Depois, ouviram uma ténue melodia que se assemelhava ao som de uma caixinha de música.

— Oh, ali... — Wakana apontou para o outro lado das casas, onde um singular camião avançava muito devagar pela rua. A música vinha dali. O veículo foi-se aproximando até entrar na rua que eles percorriam e continuou a seguir à frente deles.

— O que é? — perguntou Wakana, dando voz ao pensamento de Sentarô.

Três trabalhadores seguiam na parte de trás do camião, agarrados a um corrimão. Usavam roupa protetora branca da cabeça aos pés. Sentarô e Wakana não sabiam para que servia o camião, mas não conseguiam despregar os olhos daqueles homens.

— Porque será que têm de usar aquilo? — perguntou Wakana.

— Provavelmente, porque estamos num sanatório... num hospital. Neste lugar, as pessoas devem ter muito cuidado com os micróbios. — Sentarô disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Então, o que vai acontecer ao *Marvy?*

— Tens razão. Um animal de estimação num hospital pode ser...

— Mas a Tokue disse que não haveria problema.

Sentarô olhou uma vez mais na direção que o camião seguira. Se a doença de Hansen estava praticamente erradicada no Japão, qual era a necessidade de uma roupa tão estranha?, pensou. Nenhum profissional de saúde no país tinha sido infetado através do contacto com doentes. Assim sendo, porque não usavam os trabalhadores roupas normais? Começou a sentir-se ansioso por ter trazido uma menina como Wakana para aquele lugar.

— Aha... pessoas. — Wakana parou.

Tinham passado pelos balneários e pela sala de xadrez e ela estava a olhar para o que parecia um supermercado cooperativo, que Sentarô presumiu que seria a loja. Havia pessoas a conversar no exterior.

— Estão a sorrir — disse Wakana, a olhá-las.

Toda a tensão que Sentarô sentia dissolveu-se de repente. O nervosismo por encontrar os residentes desvaneceu-se no instante em que os viu. Eram apenas pessoas. Como Wakana tinha dito, estavam a rir e pareciam calmos e relaxados.

Sentarô e Wakana passaram por eles ao aproximarem-se da loja. Viram pessoas com bengalas, o homem da bicicleta, pessoas com sacos de medicamentos nas duas mãos. Os seus estados de saúde pareciam diferir, mas uma coisa que todos tinham em comum era a idade avançada. Uma das pessoas olhou com intensidade para a gaiola de *Marvy.* Num grupo, todos usavam óculos de sol, talvez devido a alguma deficiência.

— São todos da mesma idade da Tokue — sussurrou Sentarô para Wakana.

Chegaram à entrada da loja. A porta estava completamente aberta e viram o interior. Não parecia diferente de outros supermercados. À direita, alinhavam-se prateleiras cheias de produtos alimentares e de higiene e limpeza. À esquerda, havia uma máquina de venda de bebidas perto da parede e diversas mesas redondas. Tokue Yoshii estava sentada sozinha a uma mesa perto da parede.

17

Antes de Sentarô poder dizer alguma coisa, Tokue viu-os e levantou-se lentamente. Os seus olhos saltitaram entre Sentarô e Wakana e piscou um olho enquanto apertava as mãos contra o peito.

— Tokue. — Sentarô foi o primeiro a falar.

Ela inclinou a cabeça num cumprimento.

— Oh, há muito tempo que não o via — disse. — Nem a ti, querida Wakana.

— Tenho pena de ter passado tanto tempo sem a ver — respondeu Sentarô.

— Sim, passou muito tempo. — O rosto de Tokue brilhava de felicidade quando se voltou para Wakana, a acenar as mãos com grande entusiasmo. — Obrigada aos dois por terem vindo.

— Nós é que temos de lhe agradecer. — Sentarô levantou a gaiola para que ela visse o canário. — Lamento ter de a incomodar por isto.

— Que lindo amarelo.

— Acho que é um canário de peito amarelo-limão. Chama-se *Marvy.* — Wakana explicou-lhe que afinal de contas tinha sido impossível ficar com o canário em casa. — Não pensei que ele fosse cantar tanto — disse, com a voz embargada de emoção.

— Como lhe disse na carta, tenho estado a cuidar dele — acrescentou Sentarô.

Tokue espreitou para o interior da gaiola.

— *Marvy* — chamou-o.

— No entanto, ocorreu-me uma coisa... pode ter animais de estimação neste lugar?

Tokue acenou com a cabeça.

— Não há problema. Já tive um canário.

— A sério?

— Oh, que bom — exclamou Wakana.

Sentarô e Wakana ficaram verdadeiramente aliviados ao ouvir aquelas palavras.

— A Associação de Moradores tem regras. Não são permitidos cães porque ladram e são ruidosos, e uma vez uma pessoa foi mordida por um. Contudo, podemos ter gatos e pássaros e outros animais de pequeno porte. Não se preocupem... posso ficar com o *Marvy.*

— Obrigado. É uma grande ajuda — agradeceu Sentarô.

— Afinal, porque estavam preocupados? — perguntou ela.

— Bem — Sentarô hesitou, inspirou e continuou. — Porque quando vínhamos para cá vimos um camião estranho. Tinha três trabalhadores na parte de trás, com uma espécie de roupa de proteção. — Sentarô olhou para Wakana para que ela confirmasse.

— Sim — disse ela. — Pareciam fatos espaciais.

— Pensámos que têm de usar aquele tipo de roupa porque estamos num hospital. E que talvez não devêssemos trazer pássaros para cá.

No seu íntimo, Sentarô não sabia se os trabalhadores usavam aqueles fatos porque continuava a haver uma possibilidade de infeção, mas é claro que não expressou a sua preocupação. Não podia dizer uma coisa daquelas diante de Tokue.

— Oh, esse camião. — Tokue abanou a cabeça. — Não é o que pensam. Devem ter ficado admirados quando viram aqueles fatos estranhos, sim, eu compreendo. Já ninguém usa aquelas roupas. Nem os operários, nem os empregados de limpeza, nem os profissionais que trabalham no hospital. Aquele camião andava a distribuir comida.

— Um camião de distribuição de comida? — perguntou Wakana.

— Sim. Entrega refeições. Pequeno-almoço, almoço e jantar para pessoas que precisam. Usam o mesmo tipo de uniforme branco que é usado pelos profissionais que lidam com alimentos nos restaurantes. Mas percebo o que querem dizer. São os únicos cujos uniformes não mudaram desde os velhos tempos.

— Então, é isso.

Sentarô e Wakana entreolharam-se.

— Este lugar foi criado há mais de cem anos, mas os jovens como a Wakana só começaram a poder entrar aqui recentemente. Ainda é preciso mudar muitas coisas.

Naquele momento, Sentarô apercebeu-se de que as pessoas que os rodeavam tinham sofrido de doença de Hansen e talvez conseguissem ouvir a conversa. Perguntou a si mesmo o que pensariam dele por ter falado no camião de distribuição de refeições.

— Então, está decidido. O *Marvy* fica comigo.

— Muito obrigado. Estamos gratos — disse Sentarô com uma profunda vénia de agradecimento.

— Não têm de agradecer. — Tokue sorriu. — Estou muito feliz. O meu marido faleceu há dez anos e fiquei sozinha, por isso será bom ter o *Marvy* para me fazer companhia.

— Foi casada? Não sabia.

— Fui. Mas não tivemos filhos.

— A senhora nunca... — Sentarô calou-se porque era um assunto muito delicado.

Tokue sentiu o seu desconforto e continuou.

— Casei-me com uma pessoa que conheci aqui. Eu já estava curada, mas o meu marido demorou muito mais tempo a ficar bem. Depois, teve uma recaída... ele teve uma vida difícil.

— Lamento saber isso.

Sentarô e Wakana não podiam fazer nada a não ser escutar e interiorizar as palavras de Tokue.

— Falar nisso agora ainda...

Havia pessoas sentadas em mesas próximas a beber chá e café. Sentarô reparou que olhavam disfarçadamente para ele e para Wakana.

— Mas ele deu luta — continuou Tokue.

— Faleceu em consequência da recaída?

— Não, a doença de Hansen não é terminal. Mesmo as pessoas com sintomas graves vivem com a doença até uma idade avançada. O meu marido tinha problemas cardíacos. Quando pensámos que estava por fim livre da doença, faleceu de repente.

— Oh, estou a perceber.

— Mesmo depois de morrerem, as pessoas que estão aqui não podem voltar para as suas terras para serem cremadas. Os seus restos mortais estão no ossuário do sanatório. Visito-o todos os dias.

Piu, piu, chilreou *Marvy.*

— Ele sabe cantar — disse Tokue.

— Pois sabe — concordou Wakana. — E adora cantar. Mas a minha mãe diz que o canto dos canários normais é muito mais bonito do que o dele.

— Talvez melhore quando chegar a época de acasalamento — sugeriu Sentarô.

Tokue riu-se.

— Seria uma pena não conseguir arranjar uma companheira quando chegar a altura. — Encostou o rosto à gaiola e imitou o chilreio de um pássaro.

Wakana ficou embaraçada.

— E se arranjasse outro? — murmurou.

— Sim, porque não? Uma companheira — respondeu Tokue. — O que lhe dou para comer? Comida de pássaro, um pouco de alface e legumes de folhas verdes?

— Sim. Ele precisa de legumes.

— Ele come bem — acrescentou Sentarô.

— Oh, desculpem. — O nariz de Tokue escorreu quando ela se inclinou sobre a gaiola. Tirou um pacote de lenços do bolso. — Tenho uma pequena constipação há algum tempo que teima em não passar.

— É compreensível. Quando deixou de trabalhar na Doraharu estava exausta.

— Pois estava. E não tenho andado bem desde essa altura. — Tokue assoou o nariz. — Desculpem — disse em voz baixa. — Antigamente, nunca poderia assoar-me assim. As pessoas acreditavam que a doença se espalhava através do muco nasal. E não estavam inteiramente enganadas.

Abriu o cordão de uma bolsa e colocou delicadamente o lenço no interior.

Wakana seguiu o movimento pelo canto do olho.

— Quando é que veio para cá? — perguntou-lhe abruptamente.

Sentarô tentou interrompê-la, mas Tokue nem sequer pestanejou.

— Quando tinha mais ou menos a tua idade — respondeu a Wakana.

— A minha idade?

— Sim. Quando era criança vivia muito longe, no campo. Depois de o Japão perder a guerra, a vida era muito difícil. O meu irmão mais velho voltou da guerra na China tão magro que parecia um fantasma e não havia comida suficiente para toda a família. No meio de tudo isso, o meu pai morreu. De pneumonia.

— Não havia medicamentos? — Wakana falou em voz baixa.

Tokue abanou a cabeça e sorriu com amargura.

— Não naquele tempo.

Piu piu, chilreou *Marvy.*

Nas outras mesas, o volume das conversas subia e descia em ondas. Sentarô e Wakana aproximaram-se mais de Tokue para conseguirem ouvi-la.

— Os meus dois irmãos mais velhos acabaram por arranjar emprego. A minha irmã mais nova e eu trabalhávamos no campo. Quando começávamos a pensar que íamos conseguir safar-nos... do nada... nunca pensei... um dia reparei num alto vermelho na coxa. — Apontou para a perna direita.

— Durante muito tempo, não soube o que era. A minha mãe também estava preocupada e levou-me a um médico na cidade vizinha, mas ele nunca tinha visto uma coisa assim. Receitou-me um medicamento e voltámos para casa. Passado algum tempo, começou a espalhar-se. E

comecei a perder a sensação na planta do pé direito. Quando a beliscava, não sentia dor. Pensei que tudo aquilo era muito estranho e depois o médico mandou-me voltar ao consultório e a minha mãe e o meu irmão mais velho acompanharam-me.

Marvy tinha-se acostumado ao novo ambiente e começou a cantar muito alto. As pessoas das outras mesas aproximaram-se para o ver. Tokue calou-se e esperou que acabassem os comentários sobre o canário.

— O médico mandou-me vir para cá, para Tenshoen — continuou. — Não me disse nada, mas a minha mãe e o meu irmão pareciam saber o que estava a acontecer. Não fazem ideia de como era monumental naquele tempo fazer uma viagem desde a minha aldeia, nos confins de uma região rural, até aos arredores de Tóquio. Voltámos para casa e nessa noite a minha mãe preparou uma refeição especial com tudo o que conseguiu encontrar. Comemos ovo estrelado, que era um verdadeiro luxo naquele tempo. A minha irmã estava muito feliz com tudo aquilo, mas depois ficou triste porque a minha mãe não parava de chorar. O meu irmão disse-nos que eu podia ter uma doença grave de difícil tratamento, que era possível que não voltasse para casa durante algum tempo e que devíamos estar todos preparados. Eu esforcei-me para sorrir e comer tudo, mas é claro que depois de ouvir aquelas palavras não consegui engolir mais nada.

— Não lhe contaram o que se passava? — perguntou Sentarô.

— Bem... — Tokue emitiu sons vagos —, não diretamente. Nunca esperei isto e não queria acreditar que fosse esta doença. Mas no dia seguinte tive de me vir embora com o meu irmão mais velho.

— E a sua mãe? — perguntou Wakana.

— Ela levou-me até à estação. Chorou e pediu-me perdão. Tinha ficado acordada até tarde a costurar-me uma blusa branca nova. Eu não fazia ideia onde é que ela arranjara o tecido. Há muito tempo que não usava uma roupa tão boa... talvez até tenha sido a primeira vez. Quando pensava que ia ficar longe da minha família, sentia-me muito sozinha e assustada. Tinha aquela blusa vestida quando fui para a estação e despedi-me da minha mãe com um abraço. Chorámos. O meu outro irmão e a minha irmã não foram... despediram-se de mim à porta de casa, pela última vez. A minha irmã não conseguia parar de chorar. Eu também estava a chorar, mas disse-lhe que ia

correr tudo bem e que voltaria. Depois, entrei no comboio para a longa viagem até Tóquio. Demorámos a noite inteira a chegar, e quando desembarcámos o meu irmão disse-me, por fim, que eu podia ter lepra. Se tivesse a doença, teria de me deixar aqui...

Tokue interrompeu a narrativa. Baixou a cabeça para a mesa e fechou lentamente os olhos. Em seguida, pegou noutro lenço com os dedos deformados e limpou com cuidado os olhos e o nariz.

— Quantos anos tinha, Tokue? — perguntou Sentarô.

Ela não respondeu logo.

— Catorze anos — disse por fim, e assoou ruidosamente o nariz. — Fizeram-me exames e depois tive de tomar um banho desinfetante. Tudo o que vestia e tudo tinha trazido comigo foi destruído. Lavada em lágrimas, implorei à enfermeira que me deixasse ficar com a blusa que a minha mãe costurara. Mas ela disse que não, que era contra os regulamentos. Pedi-lhe que a desse ao meu irmão, para que ele a levasse para casa. E foi então que ela me disse que o meu irmão já se fora embora e que eu deixara de ter família. Também me disse que dali em diante teria de usar um nome diferente. Foi o que disseram... era o que tínhamos de fazer. Eu chorei e gritei a plenos pulmões... Porque é que aquilo me acontecera? Sabia o que me esperava. As pessoas com lepra eram afastadas do mundo. Já tinha visto leprosos e achava que eram assustadores. E nunca tinha imaginado que poderia ter aquela doença... — A voz de Tokue falhou de novo.

— E a blusa? — perguntou Sentarô suavemente.

— Nunca mais voltei a vê-la. A blusa que a minha mãe me fez desapareceu para sempre. Deram-me dois quimonos de algodão às riscas... a roupa que vestiam todos os doentes. Disseram-me que não teria mais nenhum durante dois anos, por isso devia ter cuidado com eles. Eu era apenas uma menina...

— Toku, Toku — ouviu-se uma voz suave atrás deles.

Tokue levantou a cabeça.

— Ah — disse, e acenou.

— Querida Toku, não te levantes. Deixo isto aqui e vou-me embora.

Sentarô e Wakana viraram-se na direção da voz e viram uma senhora idosa cujo rosto estava claramente desfigurado — muito mais desfigurado do que o de Tokue. O lábio inferior pendurado deixava ver as gengivas.

Sentarô não soube como reagir. Ele e Wakana limitaram-se a cumprimentá-la com um aceno de cabeça.

— Sou a Moriyama. A Toku e eu fazemos doçaria juntas há muitos anos.

— Eu... eu... a Tokue ajudou-me muito.

— Deve ser o senhor dos *dorayaki?*

— Sim, sou eu.

— Quem me dera ter trabalhado lá também. — Dito isto, pousou um saco de plástico em cima da mesa e continuou: — Vou andando. — Sorriu e saiu da loja.

Sentarô e Wakana perceberam que o saco continha alguma coisa embrulhada em folha de alumínio.

— Se não vos fizer impressão, querem abri-lo e ver o que ela fez? — sugeriu Tokue. — Miss Moriyama deve ter estado a fazer bolos.

Na verdade, Sentarô não tinha grande vontade de pôr nada do que estava naquele saco na boca. Continuava abalado com a história de Tokue e ficara ligeiramente chocado ao ver uma pessoa muito desfigurada por doença de Hansen tão de perto pela primeira vez. Tokue pressentiu o seu estado de espírito. Pegou no saco e retirou o embrulho de folha de alumínio. Abriu-o e pegou numa bolacha muito fina.

— Mm, *tuile!*

— Tuil? — disse Sentarô.

— Uma bolacha francesa, muito fina e crocante — explicou Tokue, oferecendo uma a Sentarô e outra a Wakana. — Tem amêndoa e laranja. É muito fácil de fazer.

— A senhora parece saber muito. Eu sou pasteleiro, mas não fazia ideia...

Sentarô pegou na bolacha e levou-a à boca. Estaria a mentir se dissesse que não estava hesitante, mas, no instante em que a bolacha lhe tocou nos

lábios, o intenso aroma cítrico desfez todas as dúvidas. O aroma intensificou-se quando trincou uma tira muito fina de amêndoa.

— Mm, isto é interessante — disse.

— Não é? Cheira a fruta cozinhada. — Wakana também estava mais animada. Partiu fragmentos da *tuile* com os dedos e colocou-os na boca.

— Como é que conhecem esta bolacha? Se passaram tantos anos aqui?

Tokue emitiu um som evasivo e fechou o embrulho com as *tuiles.*

— Vamos dar um passeio? — sugeriu, e todos se levantaram para sair.

18

Sentarô pegou na gaiola de *Marvy* e começaram a percorrer a rua que atravessava o recinto. Longe da loja, o silêncio imperou de novo.

— No princípio, não tínhamos medicamentos como o *Promin* para tratamento.

Promin era o nome do fármaco usado para o tratamento da doença de Hansen. Graças às leituras na Internet, Sentarô e Wakana estavam conscientes da importância que aquele medicamento tivera para que uma longa história de sofrimento chegasse ao fim.

— Mas aquele remédio ajudou-a a curar-se, não foi? — perguntou Wakana, parada ao lado de Tokue.

— O medicamento não chegou logo ao Japão, mas sabíamos tudo acerca dele e tínhamos consciência de que era incrivelmente eficaz. Foi por isso que nós, os doentes, nos unimos para tentar mudar as coisas e demos início a uma campanha para termos acesso ao *Promin.* Houve protestos em todos os sanatórios. Alguns anos antes, teríamos sido colocados em celas de detenção por causa disso.

— Celas de detenção? Havia esse género de coisas? Eu... — Sentarô calou-se, confuso, antes de deixar escapar alguma coisa sobre a sua experiência em celas.

— O sanatório de Kusatsu tinha uma cela de confinamento solitário. Todos os sanatórios tinham celas de detenção, mas se alguém fosse mandado para o isolamento em Kusatsu havia poucas probabilidades de voltar vivo. As pessoas eram trancadas durante meses seguidos num espaço completamente às escuras, sem sol. No inverno, ficavam isoladas pela neve e morriam de frio.

No rosto de Wakana estampou-se choque.

— Na escuridão, as pessoas enlouquecem e morrem — continuou Tokue em voz baixa. — Pessoas que viviam aqui também foram colocadas

em confinamento solitário em Kusatsu por começarem uma greve e morreram lá.

Sentarô pensou no tempo que passara preso e imaginou o que Tokue teria visto ali quando era adolescente. O que teria sofrido?

— No entanto, se não tivesse adoecido, não teria pensado duas vezes no que acontecia às pessoas que eram portadoras desta doença. Quando era pequena, via vagabundos serem levados em camiões da polícia por suspeita de lepra. Os profissionais de saúde pública vinham e enchiam-nos implacavelmente com um pó branco enquanto eles estavam agachados na parte de trás do veículo. Como via aquelas coisas, tinha medo dos leprosos. Durante muito tempo depois de vir para cá, era insuportável ter de os ver todos os dias. Apesar de eu também ter lepra.

Sentarô queria dizer-lhe alguma coisa simpática, mas não encontrou palavras.

— Os que eram trazidos para cá quando a doença estava muito adiantada tinham sintomas no corpo inteiro — continuou Tokue em voz baixa. — Havia pessoas com nódulos, com grandes caroços e escaras... é o tipo de coisa que esta doença nos faz. Algumas tinham ficado sem dedos e outras não tinham nariz. Havia muitas pessoas assim antes de passarmos a ter acesso ao medicamento. Era pavoroso vê-las sofrer daquela maneira e saber que acabaria por me acontecer. Eu estava aterrorizada.

Tokue parou. Tinham chegado a um pequeno outeiro ermo que quase parecia feito pelo homem. Flores silvestres do fim do outono salpicavam a encosta entre as árvores e os arbustos.

— Todos queríamos voltar para casa e era para aqui que vínhamos quando as saudades apertavam. — Tokue apontou para os degraus recortados na terra que iam até ao cimo da encosta.

— Este monte já estava aqui antes de eu chegar. Doentes robustos construíram-no com terra que escavaram quando foram obrigados a limpar a floresta. As pessoas subiam até ao cimo para ver as montanhas ao longe e pensar nas terras onde tinham nascido.

— Também costumava subir até ali, Tokue? — perguntou Wakana.

Tokue ficou muito quieta. Não esboçou qualquer intenção de subir os degraus.

— Sim. Muitas vezes. Mas só me fazia sentir triste, porque não podia sair daqui. Na verdade, ficava muito infeliz. Por isso, deixei de vir cá. Em vez disso... — Calou-se e espirrou audivelmente. Pegou de novo nos lenços de papel para assoar o nariz. — Este ano, as constipações custam a passar. — De repente, sorriu. — Foi ele próprio que me disse, a avisar-me para não dizer mal dele.

Sentarô olhou-a com uma expressão intrigada.

— O meu marido — respondeu ela. — A última vez que estive lá em cima, estava a chorar sozinha quando ouvi uma voz. A voz do homem que se tornaria meu marido.

— A sério? Como era ele? — perguntou Wakana.

Tokue riu-se.

— O que posso dizer? Ainda não sei — respondeu de forma desconcertante.

***

Seguiram por um caminho que atravessava a densa floresta. Espessas camadas de folhas mortas cobriam o chão. Sentarô pensou que era como se estivessem a percorrer uma floresta ancestral, não o recinto de um sanatório.

Sentarô e Wakana seguiam atrás de Tokue em silêncio.

Ela recomeçou a falar abruptamente, como se tivesse acabado de lhe ocorrer alguma coisa.

— Claro que ele não pôde ir para a guerra porque nasceu com um coração fraco. Mas trabalhava. Adivinham o que fazia?

Sentarô abanou a cabeça.

— Trabalhava numa pastelaria em Yokohama.

— A sério? Então...

— Sim. Aprendi tudo o que sei sobre pastelaria com o meu marido.

— Então, foi assim que aprendeu — replicou Sentarô, parecendo mais animado do que desde que a chegada ao recinto de Tenshoen.

— Agora percebo — disse Wakana ao seu lado.

— Ele era um homem alto... como uma palmeira. Depois de descobrir que estava doente e deixar o trabalho na pastelaria, decidiu morrer na estrada. Viajou por todo o Japão como um mendigo. A verdade é que teria sido melhor se tivesse vindo logo para o sanatório.

— Aposto que ele queria fugir a tudo isto — declarou Wakana.

Tokue olhou para ela com uma expressão pesarosa.

— Sim, tenho a certeza de que sim. Provavelmente, tens razão. Quando foi trazido para cá, a doença tinha avançado muito. Ele não parava quieto por causa da dor. Era um espetáculo insuportável. A inflamação nos nervos era tão grave que ficou com buracos nas mãos. No entanto, raramente o ouvi queixar-se com amargura ou amaldiçoar os deuses. Aquele homem tinha uma grande capacidade de resistência.

— Porque... porque é que isso lhe aconteceu?

— Como assim? — perguntou Sentarô a Wakana, sem deixar de olhar para Tokue.

— Porque tem um simples pasteleiro de sofrer tanto?

— É uma grande verdade — concordou Tokue, a caminhar lentamente à frente deles. — Se é... — reforçou. — Todas as pessoas que estiveram presas aqui pensaram isso. Eu gostava de apanhar os deuses... se houver algum... e dar-lhes uma boa pancada na cabeça por tudo o que nos fizeram passar.

— Vocês sofreram muito — disse Sentarô.

Tokue acenou enfaticamente com a cabeça.

— No entanto, tentámos viver o melhor possível.

Imobilizou-se. Sentarô e Wakana também pararam.

— Antigamente, se houvesse um incêndio o carro dos bombeiros não vinha cá. Se fosse cometido um crime, a polícia não vinha cá. Estávamos isolados a esse ponto. Tínhamos de fazer tudo sozinhos. Formámos as

nossas associações de moradores e até fizemos o nosso dinheiro. Tínhamos moeda que só podia ser usada aqui.

— Tinham dinheiro próprio? — Wakana estava boquiaberta.

Tokue acenou com a cabeça.

— Isso mesmo — disse. — Não tínhamos escolha. Tivemos de nos unir para sobreviver. Havia uma mulher que tinha sido *geisha* antes de adoecer e fazia quimonos e ensinava a cantar as baladas tradicionais. Uma antiga professora dava aulas às crianças na escola. Um barbeiro cortava cabelos. Era assim que fazíamos tudo. Tínhamos grupos de bordados ocidentais e japoneses, um grupo de jardinagem e uma brigada de bombeiros.

Tokue recomeçou a caminhar devagar. Minúsculas flores ao lado do caminho ondulavam ao sabor do vento. Sentarô pensou que seria um lindo cenário campestre em qualquer lado.

— Todos tinham algum tipo de experiência da vida em sociedade. Como aquela *geisha* costumava dizer, todos tinham os seus talentos. Foi por isso que eu e o meu marido não hesitámos em juntar-nos a um determinado grupo de trabalho.

Tokue olhou para trás e a cabeça ficou emoldurada pelas delicadas flores silvestres que os rodeavam. Sentarô e Wakana seguiam atrás dela e paravam quando ela parava.

— Juntámo-nos ao Grupo de Pastelaria.

— Havia uma coisa dessas? — perguntou Sentarô.

— Sim. Aparentemente, há muito tempo. No início, eram apenas pessoas que se juntavam para preparar os bolos de arroz glutinoso no Ano Novo e para confecionar bolos de arroz glutinoso *kusamochi* com artemísia e pasta de feijão doce na primavera. Creio que foi criado por um pasteleiro profissional que esteve aqui no passado.

— Então, é por isso que passou os últimos cinquenta anos a fazer pasta de feijão doce! — Sentarô bateu palmas. Por fim, o mistério estava esclarecido.

— Não fazíamos apenas pasta de feijão. Também fazíamos doçaria ocidental.

— E foi por isso que se lembrou de pôr creme num *dorayaki*

— exclamou Wakana, empolgada.

— Isso mesmo. — Tokue sorriu.

— O Grupo de Pastelaria de Tenshoen... — repetiu Sentarô.

— Sim, já existe há muito tempo. Tínhamos de fazer alguma coisa para tornar a vida mais fácil. Com esta doença, a visão enfraquece e a sensação nos dedos das mãos e dos pés vai-se perdendo a pouco e pouco. Mas, curiosamente, a sensação na língua é a última a ser afetada. Conseguem imaginar a sensação de uma pessoa que não vê nem sente a provar uma coisa doce?

Sentarô inspirou fundo. Não sabia o que dizer.

— Uau — exclamou Wakana, e calou-se.

— A senhora teve uma vida difícil — afirmou Sentarô, recompondo-se.

Tokue balbuciou uma coisa ininteligível.

— O único que teve uma vida verdadeiramente difícil está ali

— disse com um leve sorriso, a apontar com os dedos deformados para onde o caminho acabava e a floresta dava lugar a arbustos.

Sentarô e Wakana viram uma torre de pedra numa zona de relva bem aparada.

— O meu marido repousa ali — anunciou Tokue ao aproximar-se da torre com passos lentos e deliberados.

— Antigamente, quando alguém contraía lepra, o resto da família também tinha de abandonar a casa onde viviam. O medo da doença era grande. Também foi por isso que os nomes da maioria dos doentes foram retirados dos registos oficiais e nunca foram recuperados. Tokue Yoshii foi o nome que me deram quando vim para cá.

— Como assim? — Sentarô olhou para ela. — Não é o seu nome verdadeiro?

Wakana também tinha os olhos muito abertos de incredulidade.

— Isso mesmo. Não é o meu nome verdadeiro.

— Com franqueza... não posso acreditar... — Sentarô não conseguiu terminar a frase e ficou em silêncio. Wakana não disse nada.

Chegaram à torre de pedra e pararam.

— É o ossuário para as pessoas que morrem em Tenshoen.

— O que é um ossuário? — perguntou Wakana.

— É um sítio para pôr ossos. Não temos sepulturas. O meu marido... o Yoshiaki, também descansa aqui. Por fim, livre da dor. Tenho a certeza de que está a sonhar com os seus bolos preferidos com compota de feijão.

Tokue juntou as mãos.

— Hoje trouxe dois jovens comigo, Yoshiaki.

Sentarô olhou para o frágil corpo de Tokue, que estava parada à sua frente. Pousou a gaiola no chão, aproximou-se de Wakana e ambos juntaram as mãos em oração.

Um rouxinol entoou um longo e melódico trinado e *Marvy* piou em resposta.

— Eu... — Tokue deixou cair as mãos. — Quando chegou o dia em que pudemos, por fim, sair daqui, pensei que seria bom voltar para casa. Mas era difícil. A minha mãe e os meus irmãos já tinham falecido. Entrei em contacto com a minha irmã, mas ela implorou-me que não voltasse... por isso não fui. Não tinha para onde ir. O Yoshiaki também não tinha família que o recebesse. Os ossos de mais de quatro mil pessoas estão aqui. Quando a lei mudou, durante um feliz instante todos pensámos que seria possível regressar a casa. No entanto, já passou mais de uma dúzia de anos desde então e quase ninguém apareceu para nos levar. O mundo não mudou. É tão cruel como sempre foi.

Tokue falou num tom factual, como se estivesse a referir-se a outra pessoa. Depois, voltou-se para Wakana e sorriu.

— Desculpa por te sobrecarregar com tanta tristeza hoje, minha querida. Mas devo dizer que poder falar sobre estas coisas é um peso que me sai do peito. Obrigada por me ouvirem.

Wakana abanou rapidamente a cabeça de um lado para o outro como se quisesse dizer que ela não precisava de agradecer.

— Pode contar-me tudo o que quiser — afirmou.

— Também lhe agradeço a si, patrão — disse Tokue, voltando-se para Sentarô. — Obrigada.

— Não tem de agradecer. Está a fazer-nos um favor ao ficar com o canário. Além disso... quero pedir-lhe um conselho sobre uma coisa. Posso voltar?

Tokue olhou para ele e acenou com a cabeça.

— Gostaria muito, mas... — Calou-se com um pensamento não expressado.

Seguiram por um caminho largo, afastando-se do ossuário. Ao longe, via-se o contorno da loja e de um edifício que devia ser o balneário. Podiam ter vindo diretamente por aquele caminho, mas Tokue levara-os pelo caminho mais comprido e mais indireto através da floresta.

Enquanto voltavam para o centro do parque, Sentarô sentiu uma sensação nas costas, como se estivessem a tocar-lhe. Virou-se e avistou a torre de pedra do ossuário.

Quatro mil almas. Quatro mil pessoas que nunca tinham voltado para casa. Sentiu os olhos delas a observá-lo do alto.

19

Nessa noite, Sentarô deitou-se sem tocar numa única gota de álcool. Sentia-se trémulo e febril. Enrolado por baixo da roupa, recapitulou o dia passado em Tenshoen como um relógio a andar para trás.

Viu imagens do ossuário a brilhar ao sol do fim de tarde, o caminho que atravessava a floresta, as flores na berma do caminho, a pequena colina construída pelos doentes para recordarem as suas terras natais, a mulher que lhes tinha trazido bolachas... e de repente lembrou-se de Tokue a assoar o nariz.

A doença de Hansen era transmitida através do muco nasal... Ela própria confirmara.

Um arrepio gelado percorreu-lhe o corpo febril e ele contorceu-se. Não percebeu porquê. Tokue estava curada há mais de quarenta anos. Há tanto tempo que quase não se justificava usar os termos antiga doente. Porque sentia aquela sensação se sabia isso melhor que ninguém? Sentarô não compreendia de onde vinha aquela ansiedade.

Wakana estaria bem? Esperou fervorosamente que não estivesse doente como ele. Pousou a mão na testa e sentiu o calor escaldante. Lembrou-se de que Wakana mantivera o rosto baixo e desviado durante todo o caminho de volta. Estavam ambos abalados com a experiência do dia.

Depois de se despedirem de Tokue, tinham visitado o Museu Nacional da Doença de Hansen ao lado do sanatório e tinham percorrido aquele vasto espaço quase sem falar. Era um mundo novo para os dois, um mundo de incomensurável tristeza e sofrimento, que tinha estado enterrado em escuridão durante muito tempo. Sentarô estava contente por terem visitado o museu e não queria que tivesse sido de outra forma. Embora não conseguisse expressar por palavras, sentia que tinha ganhado alguma coisa ao ver e ouvir o testemunho de pessoas que tinham vivido tanta adversidade. Ao mesmo tempo, o seu cérebro estava cheio das imagens que vira e que não desapareceriam, quer tivesse os olhos abertos ou fechados. Como a fotografia intitulada *Ler com a Língua*, que retratava um doente

idoso muito afetado pela doença que lhe roubara a visão e os terminais nervosos dos dedos das mãos e dos pés. Em resultado disso, o homem não conseguia sentir os relevos do braille com as pontas dos dedos dormentes. Porém, como a sensação na língua era a última a perder-se, em vez das pontas dos dedos ele usava a ponta da língua para ler, percorrendo cada caractere, um por um. A imagem do velho de costas direitas a lamber um livro estava gravada na sua cabeça.

Havia inúmeras fotografias como aquela. Numa delas, um grupo de homens tocava música com dedos sem pontas a segurar harmónicas e, noutra, uma mulher idosa estava muito concentrada a fazer olaria com mãos deformadas e nodosas.

Sentarô nunca tivera qualquer ligação àquelas pessoas, mas agora tinham entrado dentro dele, sussurravam-lhe coisas ao ouvido e olhavam-no com expressões perturbadas. Não conseguiu suportar a dor e dobrou-se numa bola. Respirou em febris arquejos.

Pensou no caminho que tinham percorrido na floresta. Quantas daquelas pessoas teriam andado por ali, escondidas por aquelas árvores? E aquela espinhosa sebe que os bania ferozmente o mundo? O que sentiriam quando a viam? Supôs que era uma emoção completamente diferente da sensação de derrota que sentia quando estava preso. Ele tinha cometido um crime — aquelas pessoas eram inocentes. Havia um limite para o seu confinamento. Pelo contrário, quando aquelas pessoas entravam naquele lugar, a lei determinava que ficariam ali até ao fim da vida.

Se estivesse no lugar delas, o que teria sentido e pensado enquanto percorria aquele recinto? Teria sentido uma profunda raiva? Ou talvez fizesse todos os possíveis para esquecer o mundo lá fora?

Absorto naqueles pensamentos, Sentarô mergulhou num sono febril. De repente, reparou que parecia ter voltado ao caminho e estava a percorrê-lo de novo, dirigindo-se para o local onde as árvores eram densas. Avançou mais um pouco e entrou numa clareira com erva cortada. Na orla da clareira, viu uma menina com um rudimentar quimono de algodão.

Sentarô percebeu imediatamente de quem se tratava; uma menina de catorze anos que fora levada para ali sem perceber porquê; a jovem Tokue, que tinha chorado sem parar até não ter mais lágrimas para derramar.

Parou atrás dela, a tentar pensar em palavras de consolo. Todavia, sabia que não poderia dizer nada que a ajudasse.

O que estaria aquela menina a sentir, depois de lhe terem dito que nunca mais poderia voltar para o mundo que estava do outro lado daquela sebe e sabendo que o seu rosto poderia ficar desfigurado? Onde encontraria esperança?

Sentarô ficou a olhar para as costas dela.

Quais eram as forças que estavam em jogo naquela vida? Se estivesse a ser um joguete por rancor, em algum momento aquele tormento chegaria ao fim e ela poderia avançar. Por exemplo, se a opinião pública estivesse contra ela, os tempos mudavam e um dia ela poderia voltar a andar livremente. Mas quem ou o que quereria atormentar uma menina de apenas catorze anos até ao fim da vida?

Aquele pensamento foi opressivo.

Claro... só podiam ser os deuses que estavam por detrás de tudo. Os deuses que lhe sussurravam ao ouvido que mais valia não ter nascido. Os deuses que tinham determinado que ela teria de sofrer a vida inteira. O que pensara Tokue sobre a vida quando compreendera aquilo? Como viveria o tempo que lhe restava?

Ela não passava de uma menina, a soluçar amargamente.

Sentarô não conseguiu ver mais. Virou-se e voltou pelo caminho da floresta.

20

Um frio vento de outono soprou e abanou as poucas folhas que ainda havia na cerejeira diante da Doraharu. Na rua, as pessoas estavam agasalhadas com casacos e cachecóis.

No interior e no exterior, o frio era enregelante. Passara mais de um mês desde que Tokue se fora embora e o fim do ano aproximava-se. As vendas não tinham melhorado. A proprietária acostumara-se a aparecer com frequência e murmurava comentários sobre a loja não aguentar até o fim do ano enquanto analisava os livros de contabilidade.

Apesar de tudo, Sentarô ia aperfeiçoando a pasta de feijão doce. Alguns clientes comentavam que era muito melhor. Ele tinha reduzido a bebida e levantava-se cedo para confecionar a pasta de feijão. Recentemente, inclinava-se sobre a panela de cobre e tentava imitar de forma consciente os métodos de Tokue: dividia o tempo e regulava o calor e a água como ela fazia. Havia dias em que pensava que talvez estivesse um pouco mais perto do seu nível.

Contudo, o mundo não era um lugar indulgente ao ponto de isso significar uma melhoria nas vendas. No comércio, diz-se que os clientes que deixam de frequentar um espaço — seja o motivo qual for — não voltam. Sentarô estava a sentir isso em primeira mão. Até a proprietária dizia que mais valia deixarem os *dorayaki* e começarem a vender panquecas *okonomiyaki* salgadas ou outra coisa do género. Até há pouco tempo, Sentarô teria concordado com ela, mas agora fazia todos os possíveis para se esquivar amavelmente às suas sugestões. Nos últimos anos só queria escapar da prisão que era aquele trabalho — passar o dia inteiro sobre uma chapa quente todos os dias —, mas agora não conseguia aceitar a ideia de fechar a Doraharu. Não compreendia porquê. Só sabia que queria muito que a loja não fechasse.

No dia em que a carta chegou, caía uma chuva fria desde manhã. Sentarô levantou a cabeça depois de terminar a pasta de feijão e viu-a na caixa do correio. O envelope estava endereçado a Sentarô Tsujii, ao cuidado da Doraharu, numa caligrafia que conhecia bem.

***

Caro Sentarô,

Como está? Espero que se encontre bem. O tempo ficou muito frio e invernoso, não é verdade? Continuo a tentar curar a constipação e há dias em que não me levanto da cama.

Como estão as coisas na Doraharu? Depois de o ver, fiquei com a impressão de que poderia estar com problemas e isso deixou-me preocupada. Ainda penso em si e na loja.

Recorda-se de como costumava perguntar-me o que estava a fazer enquanto preparava a pasta de feijão? Eu aproximava muito a cara dos feijões azuki e o senhor perguntava-me se ouvia alguma coisa. Bem, a única resposta que eu tinha era Escutar, mas pensei que se lhe dissesse isso ficaria confuso e foi por isso preferi não dizer nada.

Uma coisa que posso fazer em Tenshoen é cheirar o vento e escutar o murmúrio das árvores. Presto atenção à linguagem das coisas deste mundo que não usam palavras. É a isso que chamo Escutar, e faço-o há sessenta anos.

Quando preparo pasta de feijão doce, observo atentamente a cor da pele dos feijões azuki. Interiorizo as suas vozes. Isso pode significar que imagino os dias de chuva e de bom tempo que eles viram. Escuto as histórias dos ventos que sopraram durante a viagem até chegarem a mim.

Acredito que tudo neste mundo tem uma linguagem. Temos a capacidade de abrir os ouvidos e as mentes a todas as coisas. Pode ser alguém a caminhar pela rua, e até o sol ou o vento. Compreendo que pode ter pensado que eu era uma velha chata e tenho pena de não ter conseguido transmitir-lhe esta mensagem vital, apesar de tudo o que lhe disse.

Quando passeio pela floresta em Tenshoen penso na Doraharu, em si, naquelas amorosas meninas e na Wakana.

Desde que os laços com a minha irmã se romperam, não conheço mais ninguém fora destas muralhas. Ignoro o tempo de vida que me resta, mas sinto que o senhor e a Wakana são a minha família.

Talvez seja por isso que quando pensei em si ouvi sussurros no vento que soprou do outro lado da sebe e tive o pressentimento de que talvez fosse

boa ideia escrever-lhe.

Suponho que se espalharam rumores sobre mim e em resultado disso é possível que ainda esteja a passar um mau bocado. Se assim for, errei ao não me demitir mais cedo. Esforço-me para viver uma vida sem culpa, mas por vezes sou esmagada pela falta de compreensão das pessoas. Por vezes, basta usarmos a intuição. É outra coisa que devia ter-lhe dito.

Mas agora ambos temos de ultrapassar isso. É triste, mas não há remédio. Peço-lhe que se orgulhe de si enquanto pasteleiro profissional e que ultrapasse esta fase o melhor possível.

Em todo o caso, tenho a certeza de que será capaz de criar os seus dorayaki. *Eu faço pasta de feijão doce há muito tempo, mas isso não significa que tem de fazer tudo da mesma maneira que eu. É importante ser arrojado e decidido. Quando puder dizer com segurança que encontrou o seu estilo de* dorayaki, *será o início de um novo dia para si. Acredito piamente nisto. Por favor, tenha a coragem de seguir o seu caminho. Sei que terá sucesso.*

Cumprimentos.

Tokue Yoshii

P. S. O Marvy está bem. Adora hortícolas e come uma folha de alface todos os dias. A única coisa que me preocupa é que começou a dizer que quer ser livre. Não sei o que se passa. Por favor, venha visitar-me de novo com a Wakana. Falaremos sobre isso quando vierem.

Sentarô releu a carta tantas vezes que até se esqueceu de ligar a chapa. A voz de Tokue ecoava em cada caractere escrito naquela característica caligrafia ondulada. Era como se estivesse ali, a falar com ele.

Como não havia clientes, correu para a loja de conveniência para comprar papel de carta.

***

Cara Tokue,

Obrigado por se dar ao trabalho de me escrever quando ainda não se sente bem. Li a sua carta aqui na loja muitas vezes. Não me recordo de me sentir tão animado há muito tempo.

«Escutar» é uma boa palavra. Gosto dela. Agora, sei o que estava a fazer quando tinha a cara tão perto dos feijões. Estava a olhar para cada um deles e a usar cinquenta anos de experiência para realçar o seu potencial. Eu sabia que estava a olhá-los com atenção, mas pensei que só estava preocupada com a intensidade correta do lume e com o número certo de passagens por água para remover o amargor, coisas desse género. Nunca me passou pela cabeça que estava a escutar os seus sussurros sobre onde tinham nascido e crescido.

Se outra pessoa qualquer me tivesse dito isto, eu não teria acreditado. Sobretudo porque nunca escutei a linguagem da forma que descreve. Na verdade, nem sequer escutava a minha própria mãe, uma coisa que nunca contei a ninguém.

Houve uma altura em que também estive afastado do mundo, por um motivo muito diferente do seu. Por norma, não falo sobre isso, mas penso que não fará mal contar-lhe agora. Alguns anos antes de começar a trabalhar na Doraharu, infringi a lei. Em resultado disso, fui preso e passava os dias a olhar para uma pequena tira de céu.

A minha mãe veio visitar-me diversas vezes. No entanto, nunca trocámos mais do que duas ou três palavras. Ela faleceu antes de eu ser libertado. Quando o meu pai a descobriu, ela já estava morta na sequência de um AVC.

Claro que eu pedi as desculpas que tinha de pedir à minha mãe, mas nada mais. Naquela época não falávamos muito, por isso não pude dizer-lhe nada nem ouvir o que ela tinha para me dizer. Pensar nisso ainda é doloroso. Sinto uma grande culpa. Desisti da minha própria mãe e continuo a ser um fracasso. Desculpe por falar tanto sobre mim, mas eu sou assim.

Porém, depois de passar tanto tempo a confecionar pasta de feijão consigo, sinto que talvez tenha mudado um pouco. Antigamente, o meu único objetivo era pagar as dívidas para poder deixar a Doraharu, mas agora sinto-me ligado àquele lugar. Foi a senhora que provocou essa

mudança em mim. É por isso que acredito em si e na sua perceção das coisas. Ainda não consigo sentir, mas gosto da ideia de que todas as coisas têm uma linguagem própria e que podemos ser sensíveis a ela.

Na Doraharu, a luta continua. Alguns clientes elogiam a minha pasta de feijão, mas continuo muito longe de atrair clientes com ela. Para dizer a verdade, neste momento estou numa situação muito má. Será que o vento soprou as minhas preocupações na sua direção?

No outro dia, quando fui visitá-la, tinha outro favor para lhe pedir além do canário. Contudo, fiquei tão impressionado com tudo o que ouvi que não consegui falar no assunto.

Sei que é egoísta da minha parte falar nisto quando deve estar preocupada com a sua saúde, mas ainda preciso de que me ensine uma coisa. Já sei fazer uma pasta de feijão razoável ao copiar o que a senhora faz. No entanto, não faço ideia do que fazer nem que direção seguir para ir além disso e fazer o meu tipo de dorayaki. *Se conseguisse criar um estilo de* dorayaki, *como a senhora me disse, talvez os clientes voltassem a fazer fila à porta. Salvaria a Doraharu e seria um novo começo para mim.*

A outra coisa é que gostaria muito de aprender mais consigo sobre pastelaria em geral. Tenho a sensação de que, se isso fosse possível, algumas coisas se tornariam mais claras para mim. Posso ir visitá-la de novo a Tenshoen?

Também vou falar com a Wakana sobre o canário. No entanto, neste momento ela está no último ano do segundo ciclo e deve estar ocupada com os exames que se aproximam. Não posso fazer nenhuma promessa agora sobre quando poderemos visitá-la juntos, mas vou arranjar tempo para ir aí sozinho. Nesse dia, espero poder conversar consigo sobre muitas coisas.

Bem, vou parar por aqui. Peço desculpa por esta carta ser apenas sobre os meus problemas e fracassos.

O tempo está a ficar muito mais frio, por isso espero que cuide bem de si e não deixe a constipação piorar mais.

Cumprimentos,

Sentarô Tsujii

21

O novo ano chegou e trouxe consigo chuva misturada com neve. O sol não apareceu no céu durante três dias seguidos.

Não obstante, Sentarô manteve a loja aberta. Não valia a pena beber o festivo saqué condimentado sozinho, por isso começava a preparar a pasta de feijão ao raiar do dia e abria a loja mais cedo do que era habitual. Pensou que talvez pudesse vender às pessoas que se dirigiam para o outro lado da estação para fazer a tradicional visita ao santuário durante o período do Ano Novo.

Contudo, como ele temia, as vendas continuavam fracas. Quando a proprietária da loja veio verificar os livros de contabilidade no início do novo ano, soltou um forte suspiro e murmurou mais uma vez que a Doraharu devia começar a vender outro tipo de produtos. Uma loja de *okonomiyaki* podia ter sido apenas um pensamento impulsivo a primeira vez que referira o assunto, mas estava cada vez mais entusiasmada com a ideia e perguntou a Sentarô se ele continuaria a trabalhar ali no caso de ela decidir fazer a mudança. Sentarô não deu qualquer sinal de concordância.

— Vamos continuar com os *dorayaki* durante mais algum tempo — disse. — Afinal de contas, foi o patrão que abriu esta loja... devíamos respeitar a sua memória. Além disso, ainda tenho uma dívida para saldar.

A senhoria acenou ambiguamente e apertou os lábios.

— Se quiser mesmo manter o negócio, venderá qualquer coisa que dê lucro. Todos temos de ganhar a vida.

Sentarô reconheceu que havia alguma verdade naquelas palavras, mas não podia concordar. Manter o negócio também significava comprometer-se a vender pasta de feijão com um determinado padrão, mesmo que não corresse bem. Pensava que um negócio... fosse ele qual fosse... não devia ser gerido com uma atitude de vale tudo.

E havia outra coisa, uma coisa muito mais interessante para Sentarô: a pasta de feijão doce de Tokue. Estava determinado a continuar a confecioná-la, porque se não o fizesse ela desapareceria deste mundo. Para

além de ser uma maravilhosa pasta de feijão, Sentarô pensava que era uma homenagem à vida de uma notável mulher chamada Tokue Yoshii.

***

Em meados de janeiro, Sentarô recebeu um postal de Tokue, no mesmo dia em que tinha tido uma discussão com a senhoria sobre o futuro da Doraharu. Ela parecia já nem sequer pensar em *dorayaki*. Como sempre, Sentarô defendeu que deviam ser pacientes durante mais algum tempo, mas não conseguiu fundamentar a sua vontade.

Naturalmente, também estava frustrado. Quando pensava em todos os clientes que nunca mais tinham voltado, sentia vontade de os amaldiçoar. Contudo, ver a caligrafia de Tokue no postal fê-lo sentir-se ligeiramente melhor. Ela tinha escrito para lhe contar que estivera doente e de cama durante o período do fim do ano, pediu desculpa por não lhe ter escrito um postal de Ano Novo e terminou dizendo que estava melhor e perguntando-lhe se gostaria de lhe fazer outra visita. «Quando vier, vou recuperar o Grupo de Pastelaria com Miss Moriyama», escreveu.

— Vou visitá-la — disse Sentarô para si mesmo na cozinha da loja, depois de ler o postal. — Afinal de contas, não tenho muitos clientes.

***

Tenshoen estava tão silencioso como sempre. Com as árvores agora despidas de folhas, a quietude parecia impregnar tudo com uma intensidade ainda maior. O céu estava limpo e luminoso, mas um cortante vento gelado soprava no recinto.

Ele seguiu pelo mesmo caminho que percorrera anteriormente até à loja, onde devia encontrar-se com Tokue. O caminho deserto estava envolto em silêncio e não encontrou ninguém. Entrou no estabelecimento e imobilizou-se.

— Tokue... — Estava chocado com a alteração na sua aparência.

Miss Moriyama, que lhes oferecera *tuiles* na visita anterior, estava ao seu lado.

— Olá — disse ele quando se aproximou da mesa. — Já não nos vemos há muito tempo.

Sentarô estava chocado com a aparência de Tokue e tentou não deixar transparecer a agitação que sentia. Embora se tivessem visto pela última vez há pouco mais de um mês, ela estava tão diferente que parecia que se tinham passado anos. Tokue sorriu prontamente, mas os seus olhos estavam encovados e as faces estavam chupadas.

— Parece que aquela constipação a fez passar um mau bocado, Tokue.

— É verdade. Foi difícil. Não conseguia comer... — Ela passou os dedos pelo cabelo branco despenteado que se espetava em pequenas ondas como a casca de uma palmeira.

— Ela esteve muito mal durante algum tempo. A certa altura, pensei que teria de lhe telefonar.

Miss Moriyama contorceu o rosto desfigurado numa expressão que se assemelhava ao *Grito* de Munch para mostrar como Tokue tinha ficado magra.

— Oh, para com isso. Já estou melhor.

— Desculpa. Mas durante algum tempo pensei que ias fazer companhia ao teu marido.

— Ainda não. Tenho de acabar de ensinar o patrão a fazer a pasta de feijão doce do Grupo de Pastelaria.

Apesar da magreza, a voz de Tokue tinha uma vivacidade surpreendente.

— Está mesmo curada? — perguntou Sentarô, a observar o rosto de Tokue.

Ela acenou com uma mão, como se quisesse proteger-se do seu olhar penetrante.

— Já estou melhor. Mas durante o Ano Novo foi difícil e tive de ficar na cama.

— Lamento não ter sabido mais cedo — disse Sentarô.

— Oh, não se preocupe com isso. Estou muito contente por que tenha vindo e esteja aqui agora.

Miss Moriyama levantou-se e afastou-se da mesa, dando-lhes alguns momentos a sós. Voltou pouco tempo depois, a segurar um tabuleiro com as

duas mãos.

— Cá está — disse, pousando-o.

Sentarô viu três tigelas de onde se erguia um suave vapor.

— Aqueci-a no fogão nas traseiras.

Sentarô olhou para o conteúdo da tigela.

— Oh, isto é...

— Estamos a fazer uma repetição do Ano Novo — disse Tokue, juntando as mãos num gesto de agradecimento pela comida.

— É sopa de feijão doce, a especialidade do Grupo de Pastelaria. — Miss Moriyama também estava animada.

A pasta de feijão doce que Sentarô conhecia tão bem brilhava dentro das tigelas, cada feijão cintilante ligado a todos os outros numa espessa sopa. O aroma intenso e doce espalhou-se até às cadeiras mais próximas.

— Mm, cheira bem — afirmou alguém noutra mesa.

— Por favor, comece. — Miss Moriyama pousou uma tigela diante de Sentarô.

— Coma enquanto está quente. Sei que não gosta muito de coisas doces, mas creio que isto lhe agradará — incentivou-o Tokue num tom encorajador.

A verdade era que Sentarô nunca conseguira comer uma tigela inteira daquele doce tradicional de Ano Novo, mas o seu rosto descontraiu após a primeira colherada.

— Isto é muitíssimo bom! — As palavras saíram espontaneamente. A doçura pareceu derreter a tensão nas suas faces e pescoço e foi seguida por uma sensação de alívio.

— Querida Tokue. Não te esqueças do resto — declarou Miss Moriyama.

— Oh, sim, é verdade. Experimente isto também, Sentarô. — Tokue tirou uma pequena caixa de plástico da mala e despejou o seu conteúdo num prato.

— Isto é bom. São as algas *kombu* salgadas especiais feitas pela Tokue.

— Algas *kombu* salgadas?

— Não é a mesma coisa sem *kombu* — afirmou Miss Moriyama, pegando num pedaço. — Mm, perfeito — disse, a acenar para si mesma.

Sentarô também pegou num pedaço. As algas estavam cortadas em tiras com o mesmo comprimento e largura e tinham um agradável aroma a ameixa que fazia cócegas no fundo do nariz. Ele pôs a alga na boca e sentiu a textura húmida e firme.

— Oh... sabe a *pickles* de ameixa.

— É verdade. Uso *pickles* de ameixa e *shiso.*

Sentarô provou de novo a sopa, espantado.

— Isto é maravilhoso... — Olhou para as duas senhoras idosas com uma expressão intrigada. — Como é que fazem esta sopa e as algas *kombu?*

Claro que sabia que não havia uma resposta fácil para aquela pergunta, mas foi a única forma que encontrou de expressar as suas emoções. Tokue riu-se.

— Não é muito difícil. É um prato de referência do Grupo de Pastelaria. Fazemo-lo todos os anos para o Ano Novo.

— É verdade. Este ano, como a Tokue estava doente, fui eu que fiz a sopa sozinha, mas tive de usar *kombu* já pronta. Hoje, a Tokue começou a mexer-se por fim para preparar as algas para a sua visita.

— Muito obrigado — agradeceu Sentarô. Olhou para a sua tigela e reparou que estava quase vazia. — Nunca tinha comido uma sopa doce como esta.

— Oh, não é encantador, Tokue? Ele parece gostar.

— Não sabia que a doçura podia ser tão suave... e o sabor das algas *kombu* parece expandir-se na boca.

— Também pomos um pouco de sal diretamente na sopa. Mas só uma pitada por causa das algas *kombu*, por isso não se percebe — explicou Tokue, e só então provou um pouco. Olhou para um ponto longínquo enquanto avaliava a sopa e depois as suas faces magras descontraíram num sorriso. — Mm, o equilíbrio está perfeito.

Sentarô e Miss Moriyama acenaram vigorosamente.

— Patrão?

— Sim.

Tokue pousou a tigela e olhou Sentarô nos olhos.

— Eu diria que a minha pasta de feijão é um pouco para o salgado.

— Sim, eu sei — replicou ele.

— Pelo contrário — continuou ela —, aquela pasta de feijão que usava na loja não tinha sal nenhum...

— Aquela pasta fabricada na China... não, não tinha — concordou Sentarô.

— Foi por isso que achei que era pegajosa e a doçura não tinha intensidade.

Tokue tinha razão. Era uma questão de gosto, mas Sentarô cansava-se sempre daquela pasta de feijão — que não tinha sal — após uma ou duas dentadas.

— Tenho a impressão de que os homens que gostam de beber, como o senhor, preferem pasta de feijão com um pouco de sal.

— Oh, então é por isso que consigo comê-la.

— O patrão não gosta muito de coisas doces, mas gosta da minha pasta de feijão, o que significa que o sal deve estar a ajudar.

— Não é isso. É a forma como a senhora prepara os feijões... é extraordinário.

— No entanto, se não tivesse sal, é provável que não gostasse tanto.

— Talvez.

— É o que acontece aqui — disse Miss Moriyama, a olhar em volta. — Quando servimos pasta de feijão aos homens, eles gostam sempre mais com um pouco de sal.

— Na sua opinião, qual é a mais salgada, patrão? A pasta de feijão que costumo fazer ou a sopa que comeu hoje? — continuou Tokue.

— Bem... — Sentarô ficou confuso durante alguns instantes, sem compreender muito bem o que ela estava a perguntar-lhe. Depois, os seus olhos iluminaram-se ao olhar para o prato de algas *kombu* salgadas.

— A sopa, talvez. Porque a comi com as algas.

— Sim, há uma grande diferença. Foi por isso que conseguiu comer uma tigela cheia.

— Porque gosto de beber?

— Não é tão difícil para si comer pasta de feijão com um sabor salgado.

— Pois não.

— Mas quando prepara pasta de feijão não põe muito sal, pois não?

— Não. Acho que se pusesse muito estragaria tudo.

— Se acha isso, o que me diz desta sopa? As algas *kombu* salgadas contêm um elevado teor de sal.

— O que está a tentar dizer-me?

O rosto magro de Tokue iluminou-se com um sorriso nos olhos. Miss Moriyama olhou para ela sem falar.

— Quando preparamos pasta de feijão, não sabemos qual a quantidade sal que é usada. Mas na sopa é óbvio por causa das algas *kombu* salgadas. Porque não experimenta usar sal de outra forma quando faz os seus *dorayaki?* Poderia ser um novo tipo de *dorayaki* para pessoas como o senhor, que gostam de beber.

Miss Moriyama bateu palmas com entusiasmo.

— Sim! Já há bolos *manju* salgados e bolos de arroz salgados... é o conceito das expectativas contrárias.

— Então, está a referir-se a... *dorayaki* salgados?

— Sim. Por vezes é bom fazermos o que gostamos mais.

Miss Moriyama inspirou com um longo assobio de admiração e bateu entusiasticamente na mesa.

— Ela é a maior! A Tokue foi sempre a pessoa das ideias no Grupo de Pastelaria.

— Isso é porque ponho esta cabeça vazia a funcionar.

Miss Moriyama inclinou-se sobre a mesa.

— Mr. Tsujii, a Tokue costuma ter razão. Se diz uma coisa destas, tem de experimentar os *dorayaki* salgados.

— Acham que devo experimentar fazer *dorayaki* salgados?

— Vão ser um sucesso — declarou Miss Moriyama, e Tokue balbuciou em sinal de concordância.

Sentarô acenou num agradecimento.

— Obrigado pela sopa. E pelas ideias novas. Como sempre, nunca sei como agradecer-lhe o suficiente.

— Oh, deixe-se disso. Eu só estava a dar algumas ideias. Mais importante... — Tokue calou-se, olhou para Miss Moriyama e em seguida voltou os olhos encovados para Sentarô.

Miss Moriyama pegou nas tigelas e colocou-as no tabuleiro.

— Vou lavar isto — disse, e afastou-se.

— Não estou a pedir-lhe para dizer mais nada — afirmou Tokue em voz baixa —, mas obrigada por ser honesto comigo.

— Uh... — Sentarô sabia ao que ela estava a referir-se e baixou a cabeça.

— Foi uma pena o que aconteceu com a sua mãe.

— Sim.

— O seu pai ainda está vivo e bem de saúde?

Sentarô acenou com a cabeça, mas não falou.

— Não acha que seria boa ideia ir visitá-lo?

— É difícil encontrar um bom motivo para ir.

— A sério?

— A culpa de tudo o que aconteceu foi minha. Foi difícil, especialmente para a minha mãe... fiz uma coisa que não pode ser desfeita.

— Mas o senhor saldou a sua dívida. Na prisão.

— Sim.

— Nesse caso, tem de começar de novo.

Sentarô abanou a cabeça, incapaz de olhar Tokue nos olhos. Olhou para as algas *kombu* salgadas que estavam no prato.

— Também pensei nisso durante muito tempo... como poderia começar de novo. O patrão veio em meu auxílio e fui trabalhar naquela cozinha, mas... — Sentarô fez uma pausa — só conseguia pensar em sair de lá.

— Claro que sim, porque não gosta de coisas doces.

— Sim, mas... — Sentarô inspirou fundo — agora quero manter a loja aberta. À minha maneira.

— Eu percebo. Vejo-o a fazer o seu estilo de *dorayaki*. É por isso...

— O quê?

— Bem, para dizer a verdade, não posso ensinar-lhe mais nada sobre a preparação de pasta de feijão. Agora, é consigo... faça como achar melhor. — Os olhos de Tokue brilharam. — O senhor é capaz, Sentarô — disse.

22

Dorayaki salgados. Era fácil falar, mas confecioná-los não seria assim tão simples. Sentarô pediu aos fornecedores para lhe trazerem marcas conhecidas de sal marinho natural como *Akô* do lago Seto ou *Yanbaru* da ilha Iejima em Okinawa. Porém, antes de conseguir chegar a um ponto em que a qualidade do sal faria diferença teria de resolver o problema de quando e como adicioná-lo aos *dorayaki* para criar um novo tipo de doçaria — e era essa parte que não conseguia resolver.

Começou por tentar aumentar a quantidade de sal que misturava na pasta de feijão. Normalmente, acrescentava apenas uma pitada a um lote de quatro quilos — um grama, no máximo. Experimentou aumentar para dois gramas, e depois para três gramas. E uma coisa misteriosa aconteceu quando o fez; o sabor salgado destacou-se contra a doçura, claro e fresco — um inesperado desabrochar de sabor. O paladar era fugaz e não era dominado pela doçura. Sentarô achou que era refrescante, mas apenas quando acrescentava sal em quantidades ínfimas. Se aumentasse a quantidade de sal — especificamente para três ou mais gramas por lote de quatro quilos —, o sabor ficava abruptamente forte e perdia toda a subtileza. Transformava-se numa sopa demasiado salgada que não era comestível para além de certo ponto — um sabor que não poderia servir nos *dorayaki*.

Por muito que pensasse em como poderia juntar sal à mistura de feijão, Sentarô só se lembrava de usar o mesmo método que sempre usara: acrescentar a pouco e pouco ínfimas quantidades enquanto misturava os feijões. Não só era o melhor que conseguia fazer como sentia que era a única forma.

Como poderia concretizar aquela ideia? A resposta óbvia era juntar sal nas panquecas e começou a fazer experiências com a massa. Como sempre, misturou quantidades iguais de ovos, açúcar e farinha para bolos. Em seguida, acrescentou um pouco de fermento em pó para levedar a massa, mel, saqué doce e uma pitada de chá verde para intensificar o sabor. Depois,

dividiu a massa por várias tigelas, colocou diferentes quantidades de sal em cada uma delas e confecionou as panquecas.

No dia em que fez aquela experiência, a proprietária da loja passou por lá depois de ir ao médico, no preciso momento em que ele terminou a confeção dos *dorayaki.*

— Isto é terrível — disse depois de analisar as contas. Estalou a língua num sinal de desaprovação.

— Estou a experimentar uma coisa nova — replicou Sentarô.

A proprietária da loja evitava comer *dorayaki* por causa do açúcar, mas ficou interessada.

— Vejamos — disse, pegando num.

A sua reação foi imediata.

— É salgado — exclamou com uma careta.

— Porque é um *dorayaki* salgado.

— O que é isto...? Provoca sede.

— Tenho um que é menos salgado.

— Há alguma coisa *pobre* nele.

Pobre? Sentarô ficou surpreendido com aquela escolha de palavras. Deu uma dentada num e mastigou-o devagar, a avaliar cuidadosamente o sabor.

— Acha que sim? Parece-me bastante bom.

Sentarô foi sincero. Era um sabor diferente. Gostou da experiência de sentir sal quando esperava doçura — era refrescante. Contudo, depois de duas ou três dentadas, começou a perceber onde a senhoria queria chegar. Ao contrário da impressão deixada pela primeira dentada, agora sentia apenas um desagradável gosto na boca. Ao mesmo tempo, o sabor intenso e harmonioso da panqueca desvanecia-se. O truque era escandalosamente desvendado.

— Estou a perceber o que quer dizer — disse Sentarô quando acabou de comer. — Não apetece comer outro. — Olhou-a.

— Talvez atraia a atenção da clientela. Pode experimentar vendê-los. — Ela falou num tom terminante e Sentarô pensou que mais valia dizer que

desaprovava aquela ideia.

Todavia, era impossível não perceber que a Doraharu estava em apuros. Se não arranjassem uma nova solução, não haveria futuro.

— Como já lhe disse muitas vezes, não podemos continuar assim. É um bom momento para deixarmos de vender *dorayaki.*

Aquela declaração foi mais longe do que os seus habituais comentários sobre o assunto.

— Espero sentir-me muito melhor em relação a tudo isto quando aquela cerejeira florir — disse, a apontar para a rua. — Qual é a sua opinião, Sentarô? Acha que seria melhor recomeçar com uma loja de *okonomiyaki?* Ou que tal passarmos a vender *yakitori?* Seria bom para si se pudéssemos servir bebidas alcoólicas, não lhe parece?

— Não. Como já lhe disse, acho que não devíamos desistir dos *dorayaki.*

— Mas a realidade é que já não consegue atrair clientes.

Sentarô esteve quase a dizer-lhe que isso se devia à atitude dos clientes para com Tokue e que agora... mas engoliu as palavras e inspirou fundo.

— Por favor, posso pedir-lhe um pouco mais de paciência?

— Paciência...?

— Se tem meios para financiar a renovação da loja e a abertura de uma loja nova, não pode dar uma última oportunidade aos *dorayaki?*

— Você é incrível, Sentarô. Se bem me lembro... nem sequer gostava de *dorayaki*, pois não? Sei que só trabalha nesta loja para pagar as suas dívidas. Porque diabo começou a esforçar-se a sério agora? Se vendermos *okonomiyaki*, também poderemos servir bebidas alcoólicas... não seria mais do seu agrado? Acho que seria muito melhor para si. Porque está a ser tão teimoso agora a respeito dos *dorayaki?*

— Eu... bem...

— E mais uma coisa. Se vamos renovar, tem de ser agora.

— Porquê?

— Porque as minhas poupanças estão a esgotar-se. Se perdermos esta oportunidade, é possível que tenha de vender a loja. Está a compreender?

Isso, sim, seria uma grande traição ao meu marido. Se não fizermos alguma coisa enquanto ainda tenho recursos, ficaremos sobrecarregados de dívidas até ao pescoço e será o fim. O que *faria*, Sentarô? — A proprietária da loja fez uma pausa. — Já tenho tantas preocupações e o que me propõe é... *dorayaki* salgados?

— Bem...

Ela deu mais uma dentada no *dorayaki* parcialmente comido.

— É mais salgado ainda quando está frio! Experimente.

Perante a insistência, Sentarô aceitou o pedaço que ela tinha partido para lhe oferecer e colocou-o na boca. Ela tinha razão sobre a mudança de sabor, agora que estava frio. O sabor a sal era muito mais forte do que seria desejável.

— Valorizo a sua tentativa de fazer uma coisa nova. Mas a realidade é o que é. Estamos no fim de janeiro... tenho uma proposta.

— Diga.

— No fim de fevereiro, vou tomar uma decisão com base nos lucros. Se as vendas aumentarem no próximo mês e voltarem o nível anterior, poderá continuar a vender *dorayaki*. Se não, desistimos. Talvez seja boa ideia abrirmos uma loja ao estilo de Osaka. Poderemos vender *okonomiyaki* e pastéis de polvo... é possível fazer as duas coisas, não é? Os clientes podem sentar-se ao balcão e beber. O gasto médio por pessoa deverá subir e, como já pagou uma grande parte da dívida, vou esquecer o resto. O que puder pagar-me no fim de fevereiro será suficiente.

— Como?

— Já pagou quase tudo. Vou dispensá-lo de pagar o resto. Vamos fazer isto de boa vontade, Sentarô. Há momentos na vida em que temos de fazer mudanças.

Sentarô não falou durante algum tempo.

— Está bem — concordou por fim.

— Aconteça o que acontecer, no próximo mês teremos um novo começo. Percebeu?

— Percebi.

A senhoria pousou o resto do *dorayaki* num prato e empurrou-o na sua direção.

23

Doraharu

Cara Tokue,

Como está? O tempo continua muito frio e invernoso e espero que se mantenha quente e não tenha apanhado mais constipações.

A minha situação ainda é difícil, apesar de ter aproveitado o que me disse quando estive aí e começado logo a fazer experiências. Tenho a certeza de que sabe ao que estou a referir-me — dorayaki *salgados!*

Comecei por aumentar a quantidade de sal na pasta de feijão, mas foi um fracasso. No entanto, fez-me perceber que a quantidade que a senhora utiliza sempre é perfeita. Como não podia deixar de ser! Por isso, nada mudou na pasta de feijão.

Depois, comecei a pensar no que mais poderia fazer para dizer que são dorayaki *salgados. Demasiado simples, talvez, mas a seguir experimentei pôr sal nas panquecas. Consegui alguns* dorayaki *muito interessantes. Se os comermos enquanto estão quentes, o sabor é completamente novo, e pensei que talvez tivesse encontrado a resposta. Contudo, passado algum tempo o sal torna-se excessivo. Como um condimento subtil que se sobrepõe a todos os sabores. Tentei reduzir a quantidade para que isso não acontecesse, mas torna-se tão subtil que não se consegue aquele sabor surpreendente na primeira dentada.*

Descobri que pôr sal na panqueca também é difícil e cheguei à conclusão de que a resposta não é simplesmente dissolver sal na pasta de feijão ou na massa das panquecas. Penso que as algas kombu salgadas resultam na sopa doce que comemos naquele dia porque funcionam como uma intensificação do palato. Se fosse uma sopa salgada, já com uma generosa quantidade de sal, haveria resistência ajuntar mais.

Por isso, não sei. Tenho de descobrir alguma coisa que mantenha a textura e o sabor, como as algas kombu salgadas na sopa doce, mas que

possa realçar ao mesmo tempo o sabor dos dorayaki. *Tendo em conta a situação em que a Doraharu se encontra, não tenho muito tempo para pensar no assunto, mas estou a tentar pôr em prática o que aprendi consigo sobre Escutar. Talvez isso ajude. Ainda não perdi a esperança. No entanto, as vendas continuam muito fracas. Agora, só faço um lote de pasta de feijão de quatro em quatro dias. Quando penso em como estávamos ocupados há apenas seis semanas, quase não consigo acreditar.*

Todos os dias tento estar atento e escutar. No entanto, a realidade é que continuo a não ouvir coisa alguma.

Gostaria de ir visitá-la de novo quando o tempo aquecer. Desta vez, levarei a Wakana. Nessa altura, decidiremos se libertamos o canário.

Desculpe por falar tanto sobre todos os meus problemas, mas sei que consigo não vale a pena fingir que estou bem e foi por isso tomei a liberdade de escrever os meus pensamentos.

Continuarei a tentar e a esperar que, um dia, o deus da pastelaria também me sussurre palavras ao ouvido.

Cumprimentos,

Sentarô Tsujii

Caro Sentarô

Peço-lhe que me desculpe por saltar as formalidades. Lamento que os meus imprudentes comentários o tenham lançado numa frenética busca.

Porém, tem razão quando diz que o sal é um ingrediente muito complicado. Não é tão importante nos pratos salgados, mas quando o usamos em doçaria não pode ser muito percetível. É uma regra inquebrável. Só pode ser usado em quantidades ínfimas, servindo, como

diz, para realçar o sabor. Essa característica descreve, sem dúvida, a relação entre a sopa doce e as algas kombu salgadas.

No entanto, creio que também descobriu uma coisa muito importante. A beleza do conceito. E o que descobriu é que a sopa doce e as algas kombu salgadas nada têm em comum, mas alguém se lembrou de juntá-las para que as pessoas que gostam de doces e as que não gostam de doces conseguissem comê-la.

Os dorayaki *também são perfeitos tal como estão. No entanto, se pensarmos no exemplo da sopa doce com as algas talvez seja possível descobrir alguma coisa que fica bem com eles. Vou refletir um pouco sobre isto.*

Sei que poderá não ouvir nada agora, mesmo que se esforce, mas peço-lhe que não desista. Tenho a certeza de que um dia encontrará o que procura e que a faísca que levará à descoberta virá de algum tipo de voz. As vidas das pessoas não são sempre iguais. Há momentos em que a sua cor muda completamente.

O meu tempo neste mundo está a chegar ao fim e, por isso, há coisas que sei. Vivi a vida inteira com as consequências da doença de Hansen. Ao refletir sobre como era a vida quando entrei no sanatório, dez anos mais tarde, vinte anos mais tarde, trinta anos mais tarde, e agora que me aproximo do fim, vejo como a cor dos meus dias foi diferente em cada fase.

Foi uma vida difícil. Isto tem de ser dito e é uma forma de ver as coisas. No entanto, enquanto a vida ia passando e eu estava fechada neste lugar, acabei por compreender uma coisa. Compreendi que, por muito que tivéssemos perdido, por muito mal que fôssemos tratados, a verdade é que somos humanos. A única coisa que podemos fazer é continuar a viver, ainda que percamos membros, porque não é uma doença fatal. No meio da escuridão e de uma luta que não tínhamos esperança de vencer, agarrei-me isto — à nossa humanidade — e senti orgulho.

Talvez seja por isso que tentei Escutar, porque acredito que os seres humanos são criaturas vivas com esta capacidade. Quando Escutava, por vezes ouvia coisas.

Escutava os pássaros que visitavam Tenshoen, e os insetos, as árvores, a erva e as flores. O vento, a chuva e a luz. E a lua. Acredito que todos têm

vozes. Não me importo de passar um dia inteiro a Escutá-los. Quando estou na floresta de Tenshoen, o mundo inteiro está ali comigo. Quando oiço as estrelas a sussurrar à noite, sinto que faço parte do fluxo eterno do tempo.

A situação está difícil para si neste momento porque os clientes não estão a voltar, pois não, Sentarô? O senhor é demasiado bondoso para me dizer isso diretamente, mas penso que o mau período que começou por minha causa ainda não terminou. A Lei de Prevenção da Lepra já não existe, mas parece que a opinião pública não mudou muito. Não deixe que tudo isso o impeça de tentar abrir os ouvidos e Escutar. Continue atento para encontrar as vozes que as pessoas comuns não conseguem ouvir e continue a fazer os seus dorayaki. *Tenho a certeza de que, se fizer o que lhe digo, o futuro sorrir-lhe-á e aos seus* dorayaki.

Desculpe. Peço-lhe desculpa por repetir vezes sem conta as mesmas coisas. Mas é aquilo em que acredito. Sei que conseguirá ultrapassar esta fase difícil que está a passar.

Quando o tempo aquecer, por favor venha visitar-me de novo. Também vou gostar muito de ver a Wakana.

Cuide de si,

Tokue Yoshii

24

O fim de fevereiro aproximava-se, trazendo consigo os ventos que anunciavam a primavera. Rajadas de vento sul abanavam os minúsculos rebentos que começavam a crescer na cerejeira junto da loja. À medida que as temperaturas iam subindo, viam-se mais pessoas a passar na rua com os casacos debaixo do braço. Sentarô mantinha a janela quase fechada para impedir que o pó entrasse na loja, mas deixava uma pequena abertura através da qual gritava «*Dorayaki* acabados de fazer!»

A pouco e pouco, as vendas começaram a aumentar. Apesar de ainda não ter desistido da ideia de confecionar *dorayaki* salgados, e continuar a pensar sobre a melhor maneira de o conseguir, com a mudança de estação os antigos clientes começaram a voltar à loja. Ficavam à porta, constrangidos, e faziam comentários do género, «Há imenso tempo que não vinha cá» ou «De repente, apeteceu-me comer um *dorayaki*». Sentarô limitava-se a sorrir em resposta.

O rosto da proprietária da loja também se suavizava quando examinava os livros de contabilidade. «Se continuarmos assim, é possível que o negócio recupere», dizia por vezes. Sentarô estava cautelosamente otimista e acreditava que, embora a crise ainda não tivesse passado, pelo menos teria algum tempo para respirar.

***

Então, um dia, na calmaria do fim da tarde depois de os ventos pararem de soprar, a proprietária da loja entrou pela porta ao lado do balcão. Atrás dela vinha um jovem a mastigar pastilha elástica.

— Este é Mr. Tsujii, o gerente da loja — disse para o jovem, esticando o queixo na direção de Sentarô.

— Eu sou o Tanaka — apresentou-se o rapaz sem parar de mastigar, e acenou com a cabeça num comprimento que só podia ser descrito como mecânico.

— Tenho andado a pensar e... — a proprietária da loja fez uma pausa — sei que é repentino, mas... quero que trabalhe com este rapaz, Sentarô. —

Olhou para ele. — Vá lá — insistiu.

Tanaka deu um passo em frente. Aparentava ter vinte e dois ou vinte e três anos e usava as calças de ganga descidas na anca, como estava na moda.

— Trabalhar com ele? — repetiu Sentarô, sem perceber o que ela estava a dizer.

— Ele é meu sobrinho. Andou na escola de culinária e arranjou emprego num restaurante, mas teve problemas de relacionamento com algumas pessoas. Sabe o que acontece nas cozinhas, com os cozinheiros. Pode ser um mundo difícil. — O seu tom subiu, como se estivesse a pedir-lhe para concordar consigo. — Ele ficou numa posição em que teve de se demitir — continuou — e passou o inverno inteiro sem fazer nada. Não é verdade?

Tanaka esboçou um sorriso forçado e inclinou timidamente a cabeça.

— Quero que me escute, Sentarô, porque tomei uma decisão executiva como proprietária desta loja. No próximo mês, vamos renovar. A partir de agora, passaremos a vender *dorayaki* e *okonomiyaki.* Vamos vender produtos salgados e doces.

— Renovar, mas...?

— Sim. Eu sei que vai ser apertado. Mas, felizmente, os clientes estão a voltar e há muitos adolescentes. O meu sobrinho saberá falar com eles.

— Um momento... — Sentarô tentou interrompê-la, mas não conseguiu encontrar as palavras certas.

— Eu compreendo. A sério que compreendo. — Ela acenou a vigorosamente a mão, como se quisesse fazê-lo esquecer as suas objeções. — É inesperado, bem sei. E sinto-me mal com isso. Mas tem de perceber que estou numa fase da vida em que tenho de pensar a sério. Depois, por coincidência, o meu sobrinho... sempre gostei dele desde que era criança e ele estudou para ser cozinheiro... bem, comecei a pensar nisto há algum tempo. Quero que me faça um favor. Gostava que o formasse. Ele tem pouca experiência, mas é um bom miúdo.

— A senhora disse-me que se as vendas aumentassem poderíamos ficar como estamos... — Sentarô quase não conseguiu reprimir a raiva e

amargura que começavam a crescer.

— Se alguém consegue fazer isso, é você. Basta ver a sua determinação para voltar a aumentar as vendas depois de terem caído tanto. Por fim, percebi o que o meu marido via em si. É por isso que vamos manter o nome. Continuaremos a ser a Doraharu. Você continuará a confecionar *dorayaki*. Mas, ao mesmo tempo, quero que ensine o futuro patrão. Estou a pedir-lhe, Sentarô.

Acotovelou o sobrinho.

— Obrigado — murmurou ele com um leve sorriso, e curvou a cabeça.

— A chapa das panquecas *okonomiyaki* pode ficar aqui. — A proprietária da loja apontou para o espaço ao lado da janela. — E vamos mudar a chapa dos *dorayaki* para o fundo da cozinha.

Ignorando Sentarô, começou a discutir as renovações com o sobrinho. Ficou claro que o espaço para os *dorayaki* deixaria de ser na parte da frente da loja.

Sentarô ficou a observá-los, pois não podia dizer nada.

25

A luz dos candeeiros de iluminação pública infiltrava-se pelo espaço entre a cortina e o varão. Sentarô estava enroscado no futon, a contemplar os padrões geométricos de luz no teto.

Um gato miou na rua.

Já passara mais de um mês desde que deixara de trabalhar na Doraharu. Estava enfurnado no quarto desde então, alheado do tempo de primavera, e só saía para comprar comida na loja de conveniência. Passava os dias sem fazer nada, indiferente à passagem do tempo.

Mas não podia continuar assim. Estava consciente disso, e naquele dia comprou uma revista com ofertas de emprego juntamente com os *noodles* instantâneos. Estava decidido a telefonar, se encontrasse algum trabalho adequado. O tipo de trabalho era-lhe indiferente, não seria esquisito e tinha papel de carta para escrever um currículo, se fosse necessário. Porém, leu a revista de uma ponta à outra e não encontrou nada. A sua idade desqualificava-o para todos os empregos que viu e as poucas empresas que não faziam referência à idade estavam, sem exceção, à procura de candidatos com habilitações especiais. A única habilitação que Sentarô possuía era a carta de condução de veículos ligeiros. Não tinha nada. Todas as portas com oportunidades de emprego para pessoas numa fase intermédia da carreira estavam firmemente fechadas para ele.

A resmungar em voz baixa, voltou para a agora habitual posição no chão e deitou-se ao lado de uma pilha de roupa suja. A noite caiu e ele continuou ali deitado, sem se mexer. Um gato miou na rua e ele perguntou indolentemente a si mesmo como seria o animal. Era como se estivesse a chamá-lo. Estaria a miar por solidão? Ou andaria à procura de um parceiro ou de uma parceira? Porque miava? Seria macho ou fêmea?

Sentarô soltou um pequeno suspiro. Pensou na carta de Tokue. «Escute», escrevera ela. O que quereria dizer com aquilo? Que diabo era suposto ouvir?

Não fazia a menor ideia do que diziam as vozes que conseguia ouvir, como a do gato. Como poderia ouvir algo como os sussurros dos feijões *azuki?*

Olhou para a desbotada parede pelo canto do olho. No fundo, era um falhado. Mais valia reconhecer isso. Era a única conclusão a que podia chegar. Devia amarrar uma corda ali mesmo e libertar-se daquilo.

Os seus olhos deambularam pela sala, à procura de um sítio para prender uma corda. Decidiu que o varão da cortina era o único local possível, mas o pensamento de ficar pendurado ao lado da cortina pareceu-lhe ridículo. Soltou um resmungo abrupto.

— Sou um ingrato... — murmurou.

Tinham sido as palavras da proprietária da loja quando se demitira da Doraharu. Sentarô era da mesma opinião, por isso não lhe tinha respondido.

— Sabe o que o meu marido passou para ajudar um ex-recluso como você? Como tem coragem para abandonar o meu sobrinho? Que tipo de pessoa é? O que diriam os seus pais? — gritou ela.

No dia que tinha combinado com a proprietária para ir à loja entregar-lhe a demissão e o dinheiro que ainda lhe devia, ela enchera-o de insultos, dizendo, entre outras coisas, que ele era um bandido que não sabia nada sobre gratidão.

Sentarô não disse uma única palavra em sua defesa. Ficou parado a ouvir, porque sabia que havia verdade naquelas palavras. No entanto, não podia fazer nada. Durante a vida inteira tinha dececionado pessoas — dececionara toda a gente, incluindo os pais.

Não sabia quando nem por que razão começara a sua queda, mas sentia que as sementes sempre tinham estado dentro de si, desde criança. Não fora uma coisa repentina. Não fora o fracasso de tentar viver uma vida honesta — o resultado de viver uma vida honesta era que agora os seus dias pareciam um monte de escombros. Em resumo, sofria por ser quem era.

Era por isso que naquela noite estava uma vez mais a lutar contra si mesmo. Gemeu como um animal ferido, com a sensação de que sufocaria para todos os lados que se virasse. Pensou de novo numa maneira de se

enforcar, mas não tinha corda. Talvez pudesse usar cordel para embrulhos ou um cinto.

Ao lado da secretária estava uma caixa de cartão com utensílios de cozinha que a proprietária da loja o deixara trazer da Doraharu porque não precisariam deles — a sua única compensação depois de passar anos a trabalhar lá. Continha a sua adorada panela de cobre com tigelas empilhadas no interior, a espátula de borracha e a colher *dora*, a batedeira, a espátula para bolos e ajaleca.

Sentarô observou em silêncio a silhueta irregular formada por aqueles objetos que saíam da caixa. Recordou os seus dias na loja: os rostos dos clientes à espera na fila do outro lado da janela; as adolescentes que vinham da escola e se sentavam ao balcão a conversar, muito animadas; a cerejeira e as suas mudanças de aparência nas diferentes estações; Tokue, parada sob a cerejeira.

— *Dorayaki*...

Sentiu a tigela e a espátula de borracha nas mãos. Viu o brilho dos feijões *azuki* acabados de cozer. Cheirou o seu aroma intenso.

— *Dorayaki*... *dorayaki* acabados de fazer.

Mordeu o lábio.

— *Dorayaki*, *dorayaki* acabados de fazer.

Proferiu novamente as palavras e sentiu alguma coisa escorrer pelas faces. Cerrou os punhos, inspirou fundo e rangeu os dentes.

Sei que conseguirá ultrapassar... Era o que Tokue escrevera. Mais uma deceção. Não cumprira nenhuma das suas promessas.

— Quem quer deliciosos *dorayaki* acabados de fazer? — A sua voz tremeu.

Apertou a almofada nos braços e enterrou a cabeça nela. Viu de novo a imagem da cerejeira à porta da loja. Com toda a certeza, também estaria orgulhosamente em flor este ano, fazendo os transeuntes parar para admirar a sua gloriosa nuvem de flores. Pétalas entrariam a voar na loja. E as adolescentes que se queixavam de pétalas nos *dorayaki*... estariam lá? Aquelas miúdas continuariam a ir à loja com o novo gerente?

26

Nessa noite, Sentarô teve um sonho.

Algures, num lugar desconhecido, está a subir uma encosta numa sucessão de colinas ondulantes. Ao fundo, vê alguma coisa de um azul cintilante. É um rio largo, com um curso tranquilo. Para e olha para a superfície da água, cerca de uma dúzia de metros mais abaixo. A confluência de correntes sob a superfície é tão nítida como se ele estivesse sobre a água. Várias tiras de brilhantes linhas brancas a flutuar à superfície convergem e afastam-se, formando padrões em constante mudança.

O que é isto? Sentarô não consegue compreender o que vê. Depois, faz-se luz: são pétalas de flores. O seu olhar segue o curso de água para montante, onde avista uma nuvem branca como giz. E repara que toda a margem do rio que sobe para as montanhas é um tapete de cerejeiras em plena floração.

Sentarô sobe passo a passo na direção daquela luminescência. Pássaros cantam e a fragrância das flores é transportada pela brisa. A pouco e pouco, aproxima-se da nuvem de flores de cerejeira. Pétalas cintilantes caem à sua volta, soltando-se das árvores.

Ele avança rapidamente para as árvores e caminha entre elas. Vira a cabeça devagar e contempla todas as árvores, em êxtase. Está rodeado de flores por todos os lados, como se estivesse no centro de um lago fundo e brilhante. Sente toda a força da emoção que esteve latente nas árvores durante o ano inteiro, à espera daquela explosão de alegria que acontece apenas uma vez por ano: uma alegria pura e genuína. Volta-se muitas vezes enquanto se dirige para a ponta da encosta, de onde contempla o rio no fundo. Uma brisa fresca ergue-se da água cintilante.

Uma fragrância envolve-o quando as rodopiantes pétalas que são transportadas para cima em correntes de ar ascendentes o rodeiam dos pés à cabeça. Tudo está impregnado de luz, que irradia da superfície da água azul e desce do céu.

Dois pássaros planam junto da água e levantam voo. Sentarô fica imóvel, sem saber onde está.

— Sentarô — ouve a voz de uma menina e volta-se para ver quem é.

Por entre as filas de cerejeiras, avista uma casa de chá, com uma faixa esvoaçante à entrada a anunciar bolos de arroz *goheimochi* grelhados. Sente um aroma salgado que lhe estimula o apetite.

— Sentarô. — É de novo a voz da menina.

A voz parece vir das mesas de madeira da esplanada da casa de chá, onde há clientes sentados a contemplar as flores enquanto comem e bebem. Ele aproxima-se mais e vê uma menina sentada a uma mesa ligeiramente afastada das outras.

— Huh? — exclama.

A menina levanta-se e faz-lhe uma vénia. Ele percebe imediatamente quem é.

— Veja. — Com um sorriso, ela aponta para a gola da blusa de um branco puro. — Foi a minha mãe que a costurou.

A blusa brilha sob o sol da primavera. Pétalas flutuam ao vento e pousam nela.

— É linda. — Sentarô fala num tom respeitoso, como se estivesse a dirigir-se a uma mulher adulta.

— Sim — responde ela.

— Então, é este lugar?

— É, sim. A aldeia onde nasci. Este lugar lindo.

Sentarô senta-se diante dela. Em cima da mesa há um prato de bolinhos de arroz com cobertura de pasta de feijão doce, um pequeno bule e uma chávena de chá.

— Sirva-se, por favor — diz a menina, apontando para eles com a mão.

Sentarô olha para a mesa. O bule contém o que parece ser água quente com pétalas a boiar.

— Estas pétalas caíram no bule?

Ela abana a cabeça.

— Não. Isto é chá de flor de cerejeira. É um pouco salgado, com um encantador aroma floral.

— A sério? Chá de flor de cerejeira? — Sentarô nunca ouviu falar em tal coisa. — Chá de flor de cerejeira — murmura de novo, e nesse momento sente alguma coisa trespassar-lhe o peito e transformar-se num momentâneo raio de luz antes de desaparecer. Mas não, não desapareceu.

Um pouco salgado, com um encantador aroma floral... As palavras pairam no ar e ecoam dentro dele. De repente, as flores de cerejeira que o rodeiam parecem expandir-se e ele pestaneja.

— De que é feito? — pergunta, aproximando o bule para o examinar melhor.

— Pomo-las em salmoura em casa — responde a menina. — Espreite lá para dentro. — Aponta para o bule de chá com dedos compridos e direitos.

Sentarô levanta a tampa e repara que o líquido está cheio de flores cor de pêssego. Inala o aroma intenso e doce.

— Ahhh...

— É uma variedade de pétalas duplas, não são as habituais *somei yoshino.* São conservadas em salmoura — explica a menina.

— É adorável.

Sentarô está aborrecido com a sua incapacidade de dizer mais alguma coisa.

— Pomo-las em infusão em água quente e transformam-se em chá de flor de cerejeira.

Ele escuta e espreita de novo para o bule de chá, como se estivesse a compará-lo com as flores de cerejeira em salmoura. Duas flores perfeitas rodopiam enquanto sobem suavemente até à superfície. Foram conservadas em salmoura com a sépala intacta para preservarem a forma.

Extasiado, Sentarô observa as flores a rodopiar. Sente o intenso e complexo aroma, leva a chávena aos lábios e bebe um gole. O sabor abre-se na boca como uma flor. Um fresco trilho de sal escorre-lhe pela garganta.

Um pouco salgado, com um encantador aroma floral... Exatamente como a menina disse que seria. O sal e o aroma interagem numa união

perfeita.

É isto.

Sentarô pousa delicadamente a chávena de chá em cima da mesa e olha para a flor de cerejeira de pétalas dobradas que foi conservada em salmoura com uma expressão fascinada. É isto — é o que procurava.

— A quantidade de sal permite que se sinta o sabor da flor. Podia pôr uma ou duas flores na massa dos *dorayaki*...

Sentarô soergue-se do seu assento. A menina desapareceu. O rosto sorridente, a blusa branca com pétalas agarradas — tudo se sumiu. Ele levanta-se e olha apressadamente em volta. Tudo se desvaneceu. Nada resta das mesas, dos clientes que contemplavam as flores ou da casa de chá com a sua faixa. Só vê brilhantes flores de cerejeira brancas. A mesa em que tocou há poucos momentos, com os bolos de arroz, a chávena de chá e o bule com flores de cerejeira em salmoura, também desapareceu.

Envolvido no brilho de cintilantes flores de cerejeira brancas, grita o nome da menina vezes sem conta. Mas o único movimento é a queda constante das flores no chão, nada mais muda. Por fim, Sentarô apercebe-se de que o mundo onde entrou não é verdadeiro. Sente que em breve voltará para o mundo real e sabe que tem de encontrar a menina. Onde está ela? Tem de lhe perguntar mais uma coisa: onde nasceste e cresceste? Lembra-se de que ela lhe disse que havia um rio, e lindas flores de cerejeira, e alguma coisa sobre apanhar essas flores.

Quer perguntar-lhe se alguma vez as comeu com alimentos doces.

27

Do outro lado da comprida sebe de azevinho, as cerejeiras estão em flor. Pétalas caem no chão, levadas pelo vento.

Sentarô e Wakana trocaram poucas palavras durante o caminho, mas de vez em quando ele faz-lhe perguntas neutras.

— A que clube vais juntar-te na escola?

— Eu... ainda não decidi.

Sentarô tinha entrado em contacto com ela. Tinha dúvidas sobre o decoro de um homem adulto telefonar para uma menina de quinze anos e convidá-la para o acompanhar a algum lado, mas, como o problema do canário ainda estava por resolver, teriam de ir a Tenshoen juntos.

Desde que tivera aquele sonho, não conseguia tirar da cabeça as flores de cerejeira conservadas em salmoura. Quando uma pesquisa na Internet revelou que esse produto existia, ficou tão emocionado que fechou os olhos. Brincou com a ideia de encomendar imediatamente uma pequena quantidade para experimentar, mas decidiu não o fazer pois já não queria confecionar *dorayaki* nem fazer experiências com eles. Além disso, se existissem realmente flores de cerejeira em salmoura naquele lugar, era o que queria usar, e ainda não sabia onde ficava.

Tinha enviado um postal a Tokue para lhe dizer que ele e Wakana iriam visitá-la. Havia uma possibilidade de ainda não ter chegado, mas pensou que era improvável que ela não estivesse em Tenshoen. Estava bastante certo de que não haveria problema se chegassem de surpresa; sabia onde ela vivia e, se não a encontrassem na loja, iriam à sua casa.

Uma abóbada de convidativo céu azul estendia-se pela floresta de Tenshoen. Nuvens de flores de cerejeira e de brilhantes folhas de castanheiro baloiçavam ao sabor do vento do outro lado da sebe.

— O novo ano letivo começa em breve e vais passar para o liceu... já parece primavera — disse Sentarô.

— Sim, a primavera já chegou.

— As cerejeiras também estão no seu melhor, acho eu.

— Provavelmente.

Wakana não estava especialmente comunicativa, por isso Sentarô decidiu abordar o assunto.

— Queria falar-te acerca de uma coisa. Acerca do canário...

— O *Marvy?*

— Sim, o *Marvy.* A Tokue quer soltá-lo. Diz que sente que ele quer ser livre.

— Hmmm.

— Como não pôde sair daqui durante muito tempo, ela deve saber melhor do que ninguém qual é a sensação de ser um pássaro numa gaiola. Se ele conseguir voar, acho que seria melhor libertá-lo. Se tiver um sítio para comer, tenho a certeza de que conseguirá sobreviver nesta floresta.

— Sim, talvez — replicou Wakana laconicamente, sem qualquer hesitação.

Sentarô ficou surpreendido com a rapidez com que ela aceitou a ideia.

— Além disso, como deves saber, já não há Doraharu.

Wakana caminhava atrás de Sentarô.

— Sim, já sei. — Fez uma pequena pausa antes de perguntar: — Porque é que se despediu?

— A proprietária da loja achava que os *dorayaki* estavam ultrapassados.

— Agora, não tenho para onde ir quando volto da escola, antes de ir para casa.

— Pois não — disse Sentarô.

— Na verdade... — Wakana aproximou-se mais.

— O que foi?

— Vou começar a estudar à noite.

— A sério?

— Sim. Para poder trabalhar durante o dia. — A expressão dos seus olhos endureceu durante um momento.

— Ah, sim? — Sentarô não sabia o que dizer. Continuou: — Bem, aconteça o que acontecer, tens de tirar o melhor partido da situação.

— É o que todos me dizem. O meu diretor de turma também. Mas mais ninguém estuda à noite.

— Pois... — disse Sentarô.

— E o senhor? Andou numa escola normal? Estudava muito?

— perguntou ela.

— Andei numa escola normal, mas...

Wakana não disse nada e Sentarô olhou para trás. Viu que ela passava a mão pela espinhosa sebe com o sobrolho franzido.

— Eu sou a única da minha turma que vai estudar à noite.

— Oh... mas tu vais... eu...

— Não temos dinheiro. É por isso que tenho de trabalhar. Foi por isso que fui à Doraharu... para lhe pedir emprego. Mas já não existia.

— Lamento.

— Eu também. A Tokue tinha dito que eu poderia trabalhar lá. Foi por isso que fiquei tão desapontada. E também um pouco zangada. Não vai vender *dorayaki* noutro sítio?

— Eu gostava...

— Bem me parecia.

— Gostava de poder abrir uma loja contigo.

Sentarô ficou surpreendido consigo mesmo por dizer aquilo, mesmo que fosse uma brincadeira. Porém, naquele momento sentiu que estava a libertar-se do seu antigo eu, aquele que se afastara do mundo desde que saíra da Doraharu.

Wakana aproximou-se mais e caminhou ao seu lado, numa concordância silenciosa. Com as pontas dos dedos, tocou na mala que trazia ao ombro.

— Trouxe um presente para a Tokue.

— A sério? O que é?

— Adivinhe.

Sentarô não teve nenhuma ideia. Pensou mais um pouco e acabou por dar uma resposta aleatória.

— Um colete de inverno.

— Não. — Wakana provocou-o. — Já estamos na primavera. Porque lhe daria uma coisa dessas?

— Está bem. O que é? Pelo menos, dá-me uma pista.

— Não é comida.

— Então, não sei.

Sentarô não conseguiu adivinhar. Já tinham chegado ao fim da sebe e estavam diante do Museu Nacional da Doença de Hansen. As cerejeiras também estavam em flor ali e o silêncio era profundo, como sempre.

— Ah, cá estamos nós de novo. — Não foi claro se Wakana estava a falar por nostalgia ou desconforto. Passaram pela estátua da mãe e filha peregrinas à entrada do museu e continuaram pelo caminho que se estendia ao longo da orla do recinto.

— Estas flores são maravilhosas.

— Não são? Parece que estou num sonho.

As cerejeiras que ladeavam o caminho constituíam uma visão magnífica. Sentarô pensou que era como se as árvores tivessem absorvido toda a luz que as rodeava para brilharem sobre eles. Viu outras pessoas, talvez residentes das redondezas ou antigos doentes, a contemplar aquele espetáculo.

— Sabe onde vive a Tokue? — perguntou Wakana.

— Nunca estive lá. Mas sei a morada, por isso se não a encontrarmos na loja poderemos procurar no mapa.

— Hmm — disse Wakana com um aceno de dúvida.

***

Como sempre, havia pessoas reunidas perto da loja, a aproveitar o dia. Eram todas idosas. Muitos dos homens usavam óculos de sol.

Sentarô espreitou pela porta aberta. Era a hora que ele escrevera no postal, mas não viu Tokue em parte alguma.

— Parece que teremos de ir à casa dela — disse.

Mas Tokue tocou-lhe suavemente no cotovelo.

— Aquela senhora está a olhar para nós... conhecemo-la na última vez que estivemos cá, não foi?

A mulher de quem Sentarô se lembrava da visita anterior levantou-se de uma cadeira na mesa mais afastada.

— Ah, é Miss Moriyama.

Sentarô e Wakana acenaram-lhe num cumprimento e esperaram enquanto ela se aproximava em passos lentos.

— Olá. Encontramo-nos de novo. — Sentarô falou deliberadamente num tom alegre.

— Ahh... — Miss Moriyama calou-se.

— Viemos visitar a Tokue. Enviei-lhe um postal há pouco tempo a dizer que viríamos, por isso é possível que ainda não tenha chegado.

— Ahh... — Miss Moriyama tapou os lábios deformados com uma mão enquanto tentava falar. Depois, completamente atrapalhada, fechou os olhos durante alguns instantes. — Mr. Tsujii. Fui eu que recebi o postal. Não se importam de se sentar um pouco, por favor?

Embora o pedido tivesse sido proferido num tom suave, estava fora de questão recusá-lo. Sentarô e Wakana entreolharam-se e sentaram-se nos assentos que Miss Moriyama tinha indicado.

— Mr. Tsujii e... — fez uma pausa — Wakana.

— Sim, mas é um diminutivo.

— Eu... quero dizer-vos uma coisa...

— O quê?

Seguiu-se um momento de silêncio.

— A querida Tokue faleceu.

O queixo de Sentarô caiu. Ele levantou-se de um salto. Wakana estremeceu de surpresa.

Foi como se um punho invisível de todas as forças do mundo que não se veem — vento, tempo e espaço — o tivesse atingido de repente no peito.

Incapaz de formar palavras, gaguejou alguns sons.

Miss Moriyama não despregou os olhos enrugados do seu rosto.

— A Tokue deu-me a sua morada, mas não sei onde a pus. Por isso, na semana passada fui à Doraharu e descobri que agora é uma loja de *okonomiyaki*. Perguntei ao jovem se tinha o seu número de telefone, mas ele disse-me que não. Fiquei numa situação delicada, sem saber o que fazer.

Sentarô apoiou o rosto nas mãos, incapaz de falar. Tardiamente, inclinou a cabeça num agradecimento a Miss Moriyama.

Quase não conseguiu proferir as palavras «Lamento muito».

— Não pode ser verdade, não pode ser verdade — repetiu Wakana num tom suplicante.

— Fui a casa dela no dia anterior. Ela estava exausta. No entanto, insistiu que era apenas febre e não quis ir à clínica. Por isso, fiquei a fazer-lhe companhia. E foi nessa altura que ela me deu uma carta, para o caso de lhe acontecer alguma coisa. Eu disse-lhe que se estava assim tão mal devia pedir-lhe para vir cá, mas ela não gostou da ideia. Disse-me que bastaria uma carta, acontecesse o que acontecesse.

Sentarô abanou a cabeça. Não conseguia acreditar.

— A Tokue gostava de si como um filho, sabia? Foi pneumonia. — Falou sem rodeios, mas o seu tom não era acusador.

Sentarô queria dizer alguma coisa, mas as palavras não saíam. Wakana estava rigidamente sentada ao seu lado.

— Fizemos-lhe uma despedida privada. Teria sido bom se tivesse vindo, mas já não trabalhava no mesmo sítio e devia ter problemas para resolver. De qualquer maneira, foi tudo muito inesperado.

Sentarô abanou de novo a cabeça.

— Posso perguntar-lhe... onde é que a Tokue... — Os seus lábios tremeram quando tentou falar. — Onde é que a Tokue... — tentou de novo, mas não conseguiu.

Miss Moriyama limpou os cantos dos olhos com os dedos. Depois, respondeu à pergunta que Sentarô tentara fazer.

— Ela... ela está em eterno descanso no ossuário. Com o marido.

— Oh, estou a perceber — conseguiu ele balbuciar, mas depois não se conteve mais. Pousou os cotovelos em cima da mesa e tapou o rosto enquanto as lágrimas caíam. Wakana estava sentada ao seu lado, a olhar para baixo e a engolir convulsivamente em seco.

— No entanto, foi bom terem vindo. Só mostra que os pensamentos da Tokue chegaram a vós. Sim, é bom... gostariam de ver onde ela vivia?

Sentarô concordou em silêncio.

— Sim — disse Wakana em voz rouca.

28

Miss Moriyama levou Sentarô e Wakana até à rua com filas de casas, dobrou uma esquina e parou à entrada de um pátio relvado. Não era muito longe da loja. Uma placa na parede lateral indicava que o nome do edifício era «Vento de Primavera». Eles seguiram atrás dela, a caminhar sobre as lajes do jardim, e passaram por três apartamentos iguais até chegarem ao quarto, na extremidade mais afastada.

Miss Moriyama abriu uma porta de correr que não estava trancada.

— Não se importam de entrar pelas traseiras, pois não? — perguntou. — Era o que fazíamos sempre.

A estrutura de madeira à volta da entrada estava gasta e branca do uso. Através do vidro, viram uma divisão com alcatifa azul. Uma gaiola que conheciam bem estava no chão ao lado da janela, mas *Marvy* não se encontrava no interior. Sentarô olhou discretamente para Wakana. Ela estava a olhar para a gaiola vazia com os olhos marejados de lágrimas.

— Façam o favor de entrar.

Era uma pequena divisão de seis tatâmis, com cerca de dez metros quadrados ao todo. Um lava-loiça e um frigorífico eram visíveis na zona que devia ser a cozinha, ao fundo. O teto de traves de madeira parecia ter sido feito com restos de tábuas. O estuque das paredes apresentava manchas escuras em alguns sítios. Havia apenas uma cómoda, uma escrivaninha, uma caixa de contraplacado usada para guardar livros e uma pequena televisão. A roupa de cama, o colchão e outros pertences deviam estar guardados fora da vista, no armário de parede.

— Foi aqui que a Tokue... aqui?

— Não. Ela faleceu na enfermaria da clínica. Mas foi muito repentino. Na verdade, eu não estava à espera disto.

Miss Moriyama pediu-lhes que descalçassem os sapatos, deixando-os no jardim, e entraram no alojamento de Tokue. A zona da cozinha estava pouco iluminada, mas perto da janela via-se luz do sol.

Havia diversas fotografias em cima da caixa de contraplacado.

— Aqui está a Tokue com o marido, o Yoshiaki — disse Miss Moriyama, e aproximou o rosto da fotografia enquanto tentava pegar num pau de incenso com os dedos aleijados para fazer uma oferenda.

— A Tokue era muito linda. — A voz de Wakana soou nasalada, como se ela tivesse o nariz tapado.

É verdade, pensou Sentarô.

Todas as fotografias eram a preto e branco, provavelmente tiradas quando Tokue tinha vinte e tal anos. Os antiquados penteados pareciam tirados de cenas de um filme antigo, mas ela parecia alegre e nada indicava que sofria de uma doença. Com o bem proporcionado nariz e olhos cheios de vida, assemelhava-se à menina que Sentarô vira no sonho. Sorria com ternura para o homem que estava ao seu lado e ele mostrava claramente a adoração que sentia por aquela radiosa jovem.

As fotografias foram a confirmação do que Sentarô soubera por Tokue: o marido era muito mais velho. A nuca e a curvatura dos ombros sugeriam um homem de constituição delicada e frágil, o que só confirmou o que Tokue lhe contara. No entanto, havia apenas uma coisa que não correspondia ao que ela lhe dissera. Segundo Tokue, o marido era alto como uma palmeira, e ele imaginara um homem alto, mas o homem que via na fotografia tinha uma estatura mediana e era apenas ligeiramente mais alto do que Tokue.

Aquela observação não passou de uma distração momentânea e os seus pensamentos depressa tomaram outro rumo. Tokue parecia tão viva na fotografia que ele sentiu outro nó na garganta ao pensar nas provações que tinham ensombrado a vida daquele sorridente casal.

Sentarô e Wakana acenderam os paus de incenso, colocaram-nos diante das fotografias e juntaram as mãos em oração.

— Agora, se não se importam, há algumas coisas que sei que a Tokue gostaria que lhe desse. — Miss Moriyama indicou uma caixa de madeira ao lado de um pequeno forno num canto da cozinha. Estava cheio de utensílios para confecionar doçaria.

— Pensámos dividi-los entre nós para ficarmos com uma recordação da Tokue, mas também estamos todos velhos e é bem possível apanharmos alguma coisa e morrermos de um dia para o outro. — Miss Moriyama esboçou um pequeno sorriso.

— É por isso que é preferível ficarem com uma pessoa como o senhor, Mr. Tsujii. Tudo o que está nesta divisão será retirado no fim do mês. Tudo desaparecerá.

Sentarô ajoelhou-se ao lado da caixa de madeira e esticou a mão para tocar nos utensílios de cozinha que Tokue usara no Grupo de Pastelaria. Havia uma panela de cobre e uma espátula de madeira para confecionar pasta de feijão doce, bem como um passador com rede de seda para transformar a pasta de feijão grumosa em macia. Havia acessórios para gravar padrões nos *rikkyu manju*, os bolos com pasta de feijão doce que eram servidos com chá verde, um molde para confecionar geleia *yokan* de feijão *azuki* e um recipiente para cozinhar *dango*, bolas doces de arroz, ao vapor. Também havia muitos utensílios para doces Ocidentais: tigelas de vários tamanhos, formas de tartes, latas para bolos, uma espátula para bolos e uma batedeira. Dentro de um saco de plástico havia uma coleção de pontas metálicas de um saco de pasteleiro.

Sentarô recordou o que Tokue lhe dissera a respeito de confecionar pasta de feijão doce a primeira vez que estivera na Doraharu.

Faço pasta de feijão há cinquenta anos.

Lembrava-se claramente e também não esquecera a expressão de orgulho no seu rosto quando proferira aquelas palavras.

Tocou ao de leve nos objetos com as pontas dos dedos.

— Estes utensílios foram muito usados.

Pegou numa velha espátula de madeira e mostrou-a a Miss Moriyama.

— Acho mesmo que seria melhor irem para o Grupo de Pastelaria.

Ela abanou a cabeça.

— O Grupo de Pastelaria não está ativo há dez anos ou mais.

— O quê? Mas eu pensei...

— Depois de sermos autorizados a sair daqui, podíamos comprar o que quiséssemos. Se nos apetecer um bolo, compramo-lo no supermercado. Deixou de haver necessidade de todos se juntarem para fazer bolos.

Sentarô acenou com a cabeça sem falar.

— A Toku era muito ativa e penso que ficou triste com essa mudança.

— Suponho que ela queria continuar a cozinhar. Doçarias — declarou Sentarô.

— Sim. Oh, também há... — Miss Moriyama interrompeu o que estava a dizer e fechou a boca.

Sentarô alinhou todos os objetos no chão. Em seguida, escolheu vários e embrulhou-os num pano da loiça de algodão que viu na cozinha.

— Obrigado. Fico grato por levar estes.

Quando voltaria a estar diante de uma chapa? Não podia ter a certeza de que esse dia chegaria. Não obstante, guardaria aqueles utensílios de cozinha como recordação de Tokue.

Depois de terminar, Sentarô sentou-se de novo na divisão principal e viu que Miss Moriyama tinha pousado uma lata de bolachas em cima da mesa.

— Isto é para si. — Retirou a tampa, revelando um maço de folhas de papel de carta. — Ela deu-me esta carta antes de ser levada para a enfermaria da clínica. Queria pedir-lhe desculpa por alguma coisa e, se não voltasse, eu devia entregar-lha. — Miss Moriyama estendeu as folhas a Sentarô. Ele olhou para Wakana. — Não está acabada. Foi o que ela disse.

Sentarô pegou nas folhas.

— Se me permite uma sugestão, quer lê-la aqui, onde ela a escreveu? A Tokue demorou muito tempo a redigi-la. O senhor sabe bem como ela era lenta a escrever.

Sentarô acenou com a cabeça e abriu a carta. Viu de novo a familiar caligrafia ondulada, cada traço de cada caractere desenhado com dificuldade.

Caro Sentarô,

Peço-lhe que me desculpe por saltar as formalidades. Quando ler estas palavras, o tempo já deverá estar um pouco menos frio. Hesitei antes de escrever esta carta, pois não quero parecer uma velha a repetir vezes sem conta a mesma coisa, como um disco riscado, mas esta constipação está a piorar e preocupo-me ao pensar que nunca mais o verei nem à Wakana. Assim, decidi escrever-lhe porque quero pedir-lhe desculpa e porque tenho de lhe dizer mais uma coisa.

Antes de mais, tenho de pedir desculpa por ter soltado o Marvy há algum tempo, apesar de ter prometido que cuidaria dele. De tanto escutar o seu canto, fui percebendo que ele estava a pedir para ser libertado. Hesitei ao pensar na Wakana, mas, como eu própria sofri por não ser livre para sair deste lugar, pensei que não havia um motivo para manter uma criatura viva com asas fechada dentro de uma gaiola.

Talvez o Marvy não sobreviva sem a proteção de um ser humano, mas quando o vi a olhar para o céu azul e a cantar, «Deixa-me sair, deixa-me sair», não consegui aguentar mais e decidi libertá-lo. Por favor, diga à Wakana que lamento e transmita-lhe o meu pedido de desculpas.

Quando era pequena, não tinha qualquer sonho especial sobre o que queria ser quando fosse grande. Estávamos em guerra e a nossa maior preocupação era uma vaga inquietação por não sabermos se viveríamos ou morreríamos. No entanto, depois de adoecer e de me aperceber que nunca mais poderia voltar a viver em sociedade, comecei a sonhar com o que queria ser e foi difícil.

Como lhe contei, queria ser professora. Gosto de crianças e gostava de aprender. Estudei na escola aqui em Tenshoen e na idade adulta ensinei, sofrivelmente, as crianças que estavam doentes e vieram para cá.

Mas, se for verdadeiramente honesta, a única coisa que sempre quis foi passar para o outro lado daquela vedação. Queria viver em sociedade e ter um emprego normal. Queria isso pelos mesmos motivos que todos querem — ser um elemento útil da sociedade e tornar o mundo um lugar melhor.

Nunca perdi essa esperança. A história podia ter sido diferente se eu estivesse sempre doente, mas mesmo depois de ficar boa não podia sair do sanatório. Embora tivesse muita vontade de trabalhar no mundo exterior, a realidade foi que fiquei presa do lado de dentro daquela sebe, a viver à custa do dinheiro dos contribuintes.

Não faz ideia de quantas vezes desejei estar morta. No fundo, acreditava que a vida não tem valor se uma pessoa não for um membro útil da sociedade. Estava convencida de que os seres humanos nascem para servir o mundo e os seus semelhantes.

Todavia, houve um tempo em que isso mudou, porque eu mudei.

Recordo-me com toda a clareza. Aconteceu numa noite de lua cheia em que eu andava a caminhar sozinha na floresta. Nessa altura, já tinha começado a Escutar os sussurros das árvores e as vozes dos insetos e dos pássaros. Nessa noite, o brilho pálido do luar refletia-se em tudo o que me rodeava e as árvores baloiçavam ao sabor do vento como se estivessem animadas por uma energia própria. Sozinha naquele caminho, fiquei frente a frente com a lua. E era uma lua linda! Fiquei encantada. Aquela visão fez-me esquecer tudo o que tinha sofrido por causa desta doença, por ser fechada aqui e nunca sair. No momento seguinte, pareceu-me ouvir a voz da lua a sussurrar-me. Disse:

Queria que me visses.

É por isso que brilho assim.

A partir de então, comecei a ver tudo de uma maneira diferente. Se não estivesse aqui, esta lua cheia não estaria aqui. E as árvores também não. Nem o vento. Se a minha visão do mundo desaparecer, tudo o que vejo desaparece também. É tão simples quanto isso.

E depois, pensei: E se aquilo não se aplicasse apenas a mim, e se não houvesse outros seres humanos neste mundo? Ou todas as diferentes formas de vida que têm a capacidade de estar conscientes da presença dos outros — o que aconteceria se nenhuma delas existisse também?

A resposta é que este mundo, em toda a sua infinidade, desapareceria.

Pode pensar que estou iludida, mas esta ideia mudou-me. Comecei a compreender que nascemos para ver e escutar o mundo. E é a única coisa que este mundo quer de nós. Não importa que nunca tenha sido professora nem tenha trabalhado noutra profissão qualquer. A minha vida teve significado.

Fui curada numa fase inicial da doença e os efeitos secundários não eram tão graves que dificultassem a minha saída para o exterior. O senhor deu-me a oportunidade de trabalhar na Doraharu. Sinto-me verdadeiramente abençoada por ter tido essa experiência.

Mas o que acontece a uma criança cuja vida termina antes de ela fazer dois anos? Com tristeza, as pessoas podem perguntar a si mesmas qual é o sentido de uma criança assim nascer.

Eu descobri a resposta. Tenho a certeza de que é para que essa criança sinta o vento, o céu e as vozes como só ela consegue sentir. O mundo que essa criança sente existe por causa dela e, por conseguinte, a sua vida também tem um objetivo e um significado.

Na mesma linha, o meu marido passou uma grande parte da vida a lutar contra a doença e pode ter parecido que tinha muitos motivos para estar amargo quando teve de partir. Mas a sua vida também teve significado porque ele sentiu o céu e o vento.

Tenho a certeza de que chega um momento na vida em que todas as pessoas, não apenas as pessoas com doença de Hansen, se questionam sobre o sentido da vida.

Em resposta, posso dizer que sei com certeza absoluta que a vida tem um significado.

É evidente que este conhecimento não significa que todos os nossos problemas ficam resolvidos de repente, e por vezes continuar a viver é uma provação interminável.

Porém, quero que saiba que fui muito feliz. Fui feliz quando vencemos o caso em tribunal e a lei que nos mantinha confinados foi abolida. Por fim, pude sair para o mundo e andar livremente. Lutámos durante décadas para que isso acontecesse.

Contudo, com a alegria também veio dor. Éramos livres para atravessar a vedação e andar pelas ruas, se nos apetecesse. Podíamos circular em autocarros e comboios. Também podíamos viajar. Naturalmente, isso trouxe grande alegria, e nunca esquecerei a sensação de sair pela primeira vez depois de passar cinquenta longos anos trancada neste lugar. Tudo era muito brilhante e luminoso. No entanto, também comecei a reparar noutra coisa enquanto caminhava no exterior — sempre que saía, não conhecia ninguém e não tinha família. Sentia-me sempre sozinha num país desconhecido.

Era tarde de mais. Quando me disseram que podia voltar a viver em sociedade pela primeira vez em décadas e recomeçar, foi tudo demasiado difícil. Se tivesse ficado livre vinte anos antes, talvez tivesse conseguido começar uma vida nova no exterior. Havia muitas pessoas assim, com mais de sessenta e setenta anos, para quem foi tarde de mais.

Depois de experimentarmos a alegria de ver o mundo e de estarmos livres de novo, percebemos que quanto maior era a alegria mais sentíamos a dor do tempo perdido e das vidas que nunca poderiam ser devolvidas. Talvez compreenda esse sentimento. Quando saíamos daqui, voltávamos sempre exaustos. Não apenas exaustão física, mas uma exaustão mais profunda de sofrer uma dor que nunca desaparecerá.

Era por isso que eu fazia doçaria. Fazia coisas doces para todas as pessoas que viviam com a tristeza da perda. E foi assim que consegui dar um sentido à minha vida.

A sua vida também tem um sentido, Sentarô.

O tempo que sofreu atrás das grades, a descoberta dos dorayaki *— acho que tudo isso tem um objetivo. Todas as experiências significam uma vida que apenas poderia ser vivida por si. Tenho a certeza de que virá o dia em que dirá: esta é a minha vida.*

É possível que nunca se torne um escritor ou um mestre na arte dos dorayaki, *mas acredito que haverá um momento em que sentirá orgulho por ser a pessoa que é.*

A primeira vez que o vi, estava a dar o meu passeio semanal. Caminhava por aquela rua, a contemplar as flores de cerejeira, quando

senti um cheiro doce no ar e encontrei a Doraharu. Depois, vi-o. Vi o seu rosto.

Tinha uns olhos tão tristes. Tinha uma expressão que me deu vontade de lhe perguntar o que o fazia sofrer tanto. Eram meus olhos de antigamente, quando estava resignada a ficar presa atrás daquela sebe espinhosa até ao fim da vida. Foi o que me levou a parar à porta da sua loja.

Depois, ocorreu-me um pensamento. Se o meu marido não tivesse sido esterilizado à força, e eu pudesse ter tido um filho, ele teria a sua idade. Depois disso

Na última parte da carta a letra era maior e o formato dos caracteres começou a desintegrar-se. E depois parou, inacabada. Sentarô fechou os olhos, com as folhas ainda nas mãos. Durante algum tempo, ninguém falou. Wakana, que estivera a observá-lo enquanto ele lia a carta, quebrou o silêncio.

— Quem me dera ter vindo antes.

Sentarô abriu os olhos e fitou-a. Ela tirou a mala do ombro, pegou num saco de papel com um laço vermelho e pousou-o com cuidado diante das fotografias de Tokue.

— Queres desembrulhá-lo, para que a Tokue possa ver? — sugeriu Miss Moriyama.

Wakana acenou com a cabeça e desembrulhou o presente com dedos trémulos. Era uma blusa branca.

— Não sei coser, por isso comprei-a. Não é cara, mas... — Começou a soluçar audivelmente e Miss Moriyama aproximou-se e parou ao seu lado.

— Tenho a certeza de que a Tokue está muito feliz neste momento. — Pegou na blusa, desdobrou as mangas e ergueu-a diante da fotografia. — É linda, não é, Toku? A Wakana comprou a blusa que a tua mãe te fez.

Passou suavemente as pontas dos dedos deformados pelos ombros agitados de Wakana numa carícia.

— Querida Wakana.

— Wakana — disse Sentarô, com a voz embargada de lágrimas —, obrigado.

Todos ficaram em silêncio e esperaram que as suas respirações normalizassem.

Sentarô olhou para o jardim. O tempo tinha passado muito depressa enquanto se entregavam ao desgosto que sentiam. Os raios de sol estavam agora impregnados de um profundo brilho vermelho que iluminava a relva. Ele limpou os olhos com os dedos e olhou para a gaiola vazia.

Miss Moriyama seguiu o seu olhar.

— A Toku não sabia como iria pedir desculpa.

— Ah, está a referir-se ao canário? — perguntou Wakana.

— Sim. — Miss Moriyama aproximou-se de Sentarô sem se levantar, deslizando de joelhos.

— Não sei se devia dizer isso, ainda por cima quando acabaste de lhe oferecer a blusa, mas... como é que lhe chamas? Maa...?

— Ele chama-se *Marvy.* — Wakana levantou a cabeça.

— Ela tomou a decisão de libertar o *Marvy.* Antes mesmo de vos perguntar. Não sabia como ia explicar-vos.

— Ela escreveu sobre isso na carta — disse Sentarô.

Wakana acenou com a cabeça.

— Não faz mal. Tenho a certeza de que o *Marvy* queria voar.

— No princípio, ele ficava no jardim e no telhado da casa. E voava para aqui para comer.

— A sério? — Wakana esticou o pescoço para olhar. Ainda tinha as faces molhadas de lágrimas. — Voar não era o seu ponto forte.

Miss Moriyama inclinou a cabeça para um lado.

— Oh, de maneira nenhuma. Ainda o vejo por aqui e por ali, em diferentes telhados.

— Ele voa? O *Marvy?*

— Toda a gente lhe dá bastante comida.

— A sério? — O rosto de Wakana descontraiu pela primeira vez desde que tinham entrado no alojamento de Tokue.

— Não é fantástico? — disse Sentarô.

Wakana acenou enfaticamente.

— É bem possível eu tenha sido demasiado protetora.

Miss Moriyama deixou escapar uma risada.

— Talvez não seja adequado dizer isto sobre uma pessoa que acabou de falecer... ainda por cima, uma pessoa de quem gostava muito... mas como era uma grande amiga da Toku acho que posso dizer o que me apetecer.

— Como por exemplo? — perguntou Sentarô.

— Bem, ela era excessivamente dramática em relação a tudo.

Sentarô e Wakana ficaram perplexos.

— Quando me deu aquela carta — Miss Moriyama olhou para a carta que estava ao lado da blusa eu não queria lê-la, mas nem sequer estava num envelope e vi um pouco do que estava escrito. Todas as diferentes formas de vida que têm a capacidade de estar conscientes e tudo isso... foi o que ela escreveu, não foi?

— Sim.

— Ah, lá está ela com aquela conversa, pensei quando li aquilo. Ela usou muito a palavra «Escutar»?

Sentarô acenou com a cabeça.

— Por favor, não pensem mal de mim. Quando a Toku conhecia alguém e gostava dessa pessoa, era o que fazia. Dizia-lhes para escutarem a voz dos feijões *azuki e* outras coisas que tais. E dizia que a lua falava com ela...

— Mas eu... — Sentarô hesitou —, eu estou agradecido por aquela carta. Estou tão agradecido que vou querer que a Wakana a leia mais tarde. Pode ser excessivamente dramática, mas é uma grande ajuda para mim.

Wakana esfregou novamente os olhos. Ainda a sorrir, Miss Moriyama olhou para eles.

— Vamos dar um pequeno passeio? — sugeriu, levantando-se. — Podemos conversar com a Toku.

— Com a Tokue? — Os olhos de Wakana abriram-se muito.

29

O céu estava a encher-se de noite. A luz em mudança tingia tudo aquilo em que tocava com as cores do pôr do Sol e um vermelho-escuro estendia-se no firmamento azul-claro. Dirigiram-se para o ossuário, que, banhado pelos tons fortes dos raios de sol poente, brilhava como um farol.

— A Toku convidou-me para fazer parte do Grupo de Pastelaria depois de eu tentar suicidar-me. — Miss Moriyama esticou o braço direito para lhes mostrar. — Cortei o pulso, mas não fiz um bom trabalho e sobrevivi. Desde que adoeci, tinha dores terríveis e constantes. Os meus dedos entortaram, fiquei com buracos nas mãos e a minha cabeça inchou e nunca mais voltou ao normal. Tinha nódulos na cara e na cabeça que ulceravam com pus. Para uma mulher, era... o que interessa é que me fartei de tudo aquilo e cortei o pulso.

Virou-se de lado para olhar para Wakana e Sentarô enquanto se dirigiam para o ossuário.

— A dor também nos afeta. Isso era outra coisa. Nunca para, e algumas pessoas decidem morrer. Eu pensei que tinha chegado ao meu limite. Porém, por algum motivo sobrevivi. E depois a Toku disse-me, vamos confecionar doçaria. Continuaremos esta jornada juntas. Na altura, eu estava transtornada porque nem sequer conseguia morrer neste lugar, e muito menos viver nele. Talvez ela gostasse de mim. E foi então que começou com aquela conversa. Escuta, abre os olhos... era a sua conversa motivacional. Sempre a falar em tentar imaginar o vento e o céu, o que os feijões *azuki* tinham visto nas suas viagens.

— Eu também ouvi isso... mas ela fazia uma pasta de feijão doce maravilhosa e acredito mesmo que o que dizia era verdade — refletiu Sentarô.

— Bem, talvez, tudo isso é muito bonito... — Miss Moriyama fez uma pequena pausa. — Eu segui os seus conselhos e tentei escutar. Pus os ouvidos perto dos feijões *azuki* e estava decidida a esforçar-me ao máximo.

Mas não ouvi nada. Os feijões não falaram. E o senhor, Mr. Tsujii? Alguma vez ouviu as vozes dos feijões?

Sentarô continuou a caminhar em silêncio durante alguns instantes.

— Não — respondeu, a abanar a cabeça. — Mas acho que ela queria dizer que devemos lidar com os feijões como se pudéssemos ouvir as suas vozes.

— É isso. É isso mesmo, mas ela repetia-se tanto que me cansei um pouco. Algumas pessoas começaram a dizer que ela era mentirosa. Houve uma altura em que a Tokue ficou completamente isolada no Grupo de Pastelaria.

Aquilo foi novidade para Sentarô.

— Não sabia que ela tinha passado por uma coisa assim.

— Conversámos sobre isso na altura, numa noite em que ficámos acordadas até tarde. Perguntei-lhe o que queria dizer quando falava todas aquelas coisas. Disse-lhe que estavam todos muito confusos.

— E o que respondeu ela.

— Não quero desapontá-lo, mas a própria Toku me disse na altura que não conseguia ouvir as vozes dos feijões. No entanto, se vivermos com a convicção de que elas *podem* ser ouvidas, um dia é possível que as oiçamos. Ela disse que a única forma de vivermos era sermos como os poetas. Foi o que ela me disse. Se olharmos apenas para a realidade, só queremos morrer. A única forma de ultrapassar barreiras, disse, é vivermos como se já estivéssemos do outro lado.

— É exatamente o tipo de pessoa que a Tokue era. Eu pensei que ela já tinha passado a barreira.

— Que barreira? — perguntou Wakana.

Sentarô viu uma imagem da menina que lhe tinha mostrado as pétalas de flores conservadas em salmoura sob as cerejeiras em flor. Queria expressar aquela visão em palavras, mas conteve-se. Não era o momento certo. Manteve os seus pensamentos só para si.

***

Chegaram ao ossuário. Miss Moriyama juntou as mãos diante da torre que brilhava ao sol do fim de tarde e Sentarô e Wakana também se juntaram a ela numa oração pelos mortos. Porém, quando baixou as mãos, ela começou imediatamente a afastar-se pelo caminho que levava à floresta.

Sentarô levantou a cabeça, intrigado. Wakana também a observou, espantada.

— O caminho é por aí, Miss Moriyama?

— Sim, venham.

— Mas... os restos mortais da Tokue não estão aqui no ossuário?

A resposta de Miss Moriyama foi fazer-lhes sinal para se aproximarem e eles seguiram-na. O caminho estava rodeado de ambos os lados por árvores que bloqueavam a luz, tornando-o muito mais escuro do que aquele por onde tinham vindo. Um brilho vermelho iluminava o céu, mas a noite começava a cair ali.

Miss Moriyama recomeçou a falar.

— Eu adorava a forma como a Toku falava. Ela costumava dizer que as pessoas podiam pensar o que quisessem sobre as coisas. Estas palavras, ditas por ela, fizeram-me sentir que podia ir para onde quisesse, quando a única coisa que estava a fazer era passear neste caminho. No entanto, a Toku nunca foi mentirosa.

— Não, é claro que não — concordou Sentarô.

— É verdade. Ela não era mentirosa.

Miss Moriyama parou e voltou-se para olhar para Sentarô e Wakana. Estava ainda mais escuro ali, no meio dos arbustos densos, dos castanheiros e dos pinheiros. O céu visível através dos espaços nas árvores apresentava uma intensa tonalidade de vermelho-vivo.

— Cerca de uma semana antes de ela falecer, uma noite estávamos a beber cacau no meu alojamento e a Tokue começou a falar. Disse-me que tivera uma estranha experiência.

Wakana aproximou-me mais de Sentarô.

— Não te preocupes, não é nada assustador. Ela contou-me que andava a passear neste caminho, a esta hora da noite, quando ouviu vozes pela

primeira vez.

— Que tipo de vozes?

— Vozes das árvores, disse ela.

— Estou a ver — disse Sentarô simplesmente, sem saber como reagir.

Wakana manteve-se perto dele.

— Ela andava sempre a dizer às outras pessoas para escutarem as vozes dos feijões, mas a verdade é que aquela foi a primeira vez que ouviu vozes. Para além de vozes humanas, é claro.

— O que lhe disseram? — perguntou Wakana em voz rouca.

— Bem, a Toku riu-se quando me disse isto, mas o que ouviu foi, «Bom trabalho, estiveste bem».

— A árvores disseram o quê?

— Sim. A Toku disse que sempre que vinha aqui todas as árvores falavam com ela, dizendo, «Bom trabalho» ou «Conseguiste». Ela nunca tinha ouvido aquilo antes. Não me esqueço do seu rosto quando me contou. Eu conheci-a quando ela era nova e estive no seu casamento. No entanto, nunca a tinha visto tão feliz como naquela noite. Pensei que tinha de vos contar isto, porque também a conheciam. Quero dizer, ela não precisa de pena. No fim, não estava infeliz. Acredito que as árvores lhe falavam em sussurros. Conseguiste, Tokue Yoshii. Bom trabalho. Acredito que lhe sussurraram isso. Quero dizer...

Miss Moriyama estendeu as mãos para indicar o espaço que os rodeava.

— É aqui que plantamos uma árvore sempre que algum de nós parte. Uma a uma, o número de árvores foi crescendo.

Wakana manteve-se perto das costas de Sentarô. Ele olhou para as árvores que os rodeavam. Cada uma delas era um testemunho de uma pessoa que tinha passado uma vida inteira naquele lugar.

— Já está escuro, mas a árvore da Tokue está ali. — Apontou para um monte de terra com uma árvore jovem no centro. — Todos falámos sobre o assunto e decidimos plantar uma *somei yoshino.* Porque a Toku adorava cerejeiras. Ela cresceu perto de um lugar chamado Shinshiro, na prefeitura de Aichi. Segundo ela, as cerejeiras eram extraordinárias naquele lugar.

Estava sempre a dizer que gostaria de voltar a vê-las mais uma vez. Aquela faia atrás da árvore da Tokue foi plantada para o seu marido quando ele faleceu.

Sentarô e Wakana mantiveram-se perto um do outro, a olhar em silêncio para as árvores que os rodeavam. A floresta murmurava em cada sopro de vento que abanava os seus ramos e folhas. Como se Tokue estivesse ali perto, a dizer-lhes para abrirem os ouvidos e escutarem.

Sentarô deu um passo na direção da pequena árvore. Passou suavemente a mão pela jovem e nova vida.

— Tokue — disse, a acariciar os ramos com as pontas dos dedos.

— Oh! — Miss Moriyama arquejou atrás dele e Sentarô virou-se para olhar.

Viu uma brilhante lua cheia a erguer-se atrás da silhueta da sebe de azevinho, do outro lado da vegetação aparada, como se estivesse a nascer naquele momento e naquele sítio.

— Oh! — exclamou Wakana, maravilhada.

A lua subiu no céu, escondida de vez enquanto pelas árvores que baloiçavam ao sabor do vento, e derramou os seus pulsantes raios de luz sobre eles.

Sentarô voltou-se para a pequena cerejeira e sussurrou:

— A lua chegou.

Nota do Autor

Há dois anos, eu era vocalista numa banda de *rock* e uma celebridade da rádio noturna. Jovens telefonavam-me de todo o Japão para me falar sobre os seus ressentimentos, tristezas, esperanças e sonhos, e em troca eu perguntava muitas vezes aos meus ouvintes: «Qual é o sentido da vida?»

Não estava a pedir uma resposta; queria apenas que pensassem no assunto. Todavia, as suas respostas eram sempre muito parecidas: nasci para ser um membro útil da sociedade. Se não conseguir, a vida não tem sentido.

Este admirável sentimento é visto com muito bons olhos no Japão, mas eu não conseguia concordar com ele. Conheci um menino, o filho do produtor da banda, que morreu aos dois anos. E tinham-me falado sobre os antigos doentes de doença de Hansen que, por lei, ficaram fechados em sanatórios e isolados da sociedade durante décadas, muito depois de estarem curados. Quando aquela injusta legislação foi revogada em 1996, a sua história tornou-se muito conhecida.

Algumas vidas são demasiado breves, enquanto outras são uma luta contínua. Eu não conseguia deixar de pensar que usar a utilidade para a sociedade como uma bitola de medição de valor era uma brutal avaliação das vidas das pessoas.

Tem de haver uma razão para nascermos, independentemente das circunstâncias individuais. Um dia, estava a pensar nisto enquanto contemplava as poucas estrelas visíveis no céu noturno de Tóquio e tomei uma decisão. Escreveria sobre o significado da vida com uma nova perspetiva, no contexto da doença de Hansen. No entanto, não era doente nem profissional de saúde e passar-se-ia muito tempo antes de começar a escrever. Conheci antigos doentes e passei tempo com eles no sanatório em que Tenshoen se baseia e onde ainda vivem. Só então consegui organizar por fim os pensamentos em que basearia a minha história.

Comecei com o conceito de uma força maior que criava os seres humanos, em vez de examinar a sociedade humana *per se;* a ideia de que fomos criados pelo universo para provar a sua existência. Se não houver

uma única mente consciente capaz de fazer isto, a existência do próprio universo torna-se inverificável. Ele não pode existir. Ao longo da eternidade, o universo criou formas de vida cuja própria consciência as envolve na sua existência continuada. Por isso, somos todos iguais na medida em que fomos materializados nesta Terra porque foi esse o desejo do universo. Os doentes, os acamados e as crianças cujas vidas terminam pouco depois de começarem, todos são iguais na sua relação com o universo. Qualquer pessoa é capaz de dar um contributo positivo para o mundo através da simples observação, independentemente das circunstâncias.

É esta ideia que a Tokue expressa quando escreve na sua carta, «Todos nascemos para ver e escutar o mundo». É uma poderosa noção, com potencial para dar uma nova forma à nossa visão de tudo.

Durian Sukegawa, março de 2017